

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERESINHA SÁ OLIVEIRA

**CORREDORES ECOLÓGICOS CONECTANDO SABERES EM REDE:
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE**

PORTO ALEGRE

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**CORREDORES ECOLÓGICOS CONECTANDO SABERES EM REDE:
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE**

TERESINHA SÁ OLIVEIRA

ORIENTADORA Prof.^a Dr.^a DIRCE MARIA ANTUNES SUERTEGARAY

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antônio Carlos Castrogiovanni (PPGGEA/UFRGS)

Prof. Dr. Nelson Rego (PPGGEA/UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Rosa Maris Rosado (SMDH/PMPA)

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Geografia como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Geografia.

PORTO ALEGRE

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Rui Vicente Oppermann

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: André Sampaio Mexias

Vice-Diretor: Nelson Luiz Sambaqui Gruber

Oliveira, Teresinha Sá

Corredores ecológicos conectando saberes em rede: educação ambiental na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. / Teresinha Sá Oliveira. - Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2014.
[151 f.] il.

Dissertação (Mestrado). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS - BR, 2014.

Orientador(es): Dirce Maria Antunes Suertegaray

1. Educação Ambiental. 2. Geografia. 3. Educadores Ambientais. 4. Escolas. I. Título.

CDU 911.2

Catálogo na Publicação

Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS

Veleida Ana Blank CRB 10/571

TERESINHA SÁ OLIVEIRA

**CORREDORES ECOLÓGICOS CONECTANDO SABERES EM REDE:
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a DIRCE MARIA ANTUNES SUERTEGARAY
ORIENTADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos Castrogiovanni
PPGGEA/UFRGS

Prof. Dr. Nelson Rego
PPGGEA/UFRGS

Prof.^a Dr.^a Rosa Maris Rosado
SMDH/PMPA

Aos meus amados filhos Nícolas, Géssica, Gustavo e especialmente Calvin por compartilharem comigo o grande milagre da vida que é o amor incondicional. Calvin (in memoriam) que em seus 20 anos de vida foi capaz de despertar o melhor dentro de mim. Este Elfo querido, parceiro de jornada, incansável em lutar por suas ideias e me apoiar nas minhas, exemplo de generosidade e alegria, tua presença é vida em meu coração, minha força para seguir adiante.

AGRADECIMENTOS

A gratidão nos mostra um dos sentimentos mais nobres do ser humano, juntamente com a humildade. Parar por alguns momentos e pensar em quantas pessoas estiveram apoiando, torcendo, auxiliando de forma direta ou indireta, não é muito fácil. Então não ousou estabelecer critérios de importância, apenas agradeço com a devida humildade que reconhece no outro sua relevância em nossa caminhada.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Programa de Pós Graduação em Geografia e em especial à Professora Dirce Maria Antunes Suertegaray pelo acolhimento e disponibilidade. Por responder sempre perguntando, provocando inquietações, por me deixar à vontade o suficiente para organizar o pensamento e conseguir chegar até aqui.

Minha gratidão a cada professor do Programa, que oportunizaram espaços educativos diferenciados e importantes ao longo desta trajetória. Professor Oscar que me mostrou que tinha lugar sim para mim na Geografia, sua consideração e estima aliada a seu conhecimento, foram fundamentais para que eu seguisse dentro do Programa. Professor Nelson, um grande fazedor de possibilidades e de novos devires, minha gratidão por cada espaço oportunizado com tanta sensibilidade. Professor Castrogiovanni, foram tantas trocas e produção de saberes, sua nobreza dignifica a profissão Professor. Professor Verdum, técnica aliada ao olhar sensível sobre os diferentes conhecimentos que apresenta.

Ao Professor Rualdo Menegat do Instituto de Geociências, parceiro de longa caminhada, é parte desta dissertação como um protagonista muito importante. Sua parceria e amizade foram sempre apoio nas incontáveis lutas pela política de Educação Ambiental na rede municipal de ensino (RME). O ideal de *um mundo sustentável é possível*, sempre nos aproximou e me suscitou esta pesquisa.

Agradeço aos colegas do Pós por todas as conversas produtivas, especialmente à amiga Maria Terezinha Stropper (Mara) e ao Ricardo Freitas.

A cada educador ambiental presente ou não nesta dissertação, por serem a força que inova e renova o fazer pedagógico e influi nas políticas públicas a partir do lugar escola. Especialmente às queridas Loreci, Nedi, Cynthia, Adriana, Jaqueline, Liane, Suzane, Cléo e as escolas desta rede que são o palco apaixonante de tantas e belas ações pedagógicas.

À Rosa Rosado que além de amiga, me encorajou a entrar na Geografia chegando a fazer uma disciplina como ouvinte comigo! Também é parte de minha trajetória de vida, querida Flor, obrigada.

Sou grata à Andréa Osório, parceira de mestrado, de rede, uma educadora ambiental inovadora que atualmente articula as ações de EA na SMED.

Aos meus colegas e amigos do Guerreiro pela compreensão e apoio ao longo destes três anos. Nas conversas e nas trocas sobre o tema.

Aos amigos e colegas da SMED pelas contribuições, conversas e materiais.

Sou grata à Adri Schneider, pequena Hobbit, amiga querida e habilidosa que esteve por perto para que eu pelo menos me aproximasse das normas... E a Leti pelo carinho, escuta e palpites.

Agradeço à minha família que sempre me incentivou, apoiou e me deu muita energia. Ao Geo, companheiro inseparável de todas as horas, por cada palavra, cada gesto e sua presença sempre forte, acreditando em meus sonhos e me ajudando a alçar voos. Agradeço a cada um de meus filhos, inicialmente pelo Calvin que esteve presente o tempo todo comigo! Através de seus poemas, registro de ações como membro do Coletivo Jovem (CJ) que tanto se orgulhava... Lembranças queridas com lágrimas de agradecimento. Minha gratidão e minha eterna saudade.

Ao Gustavo por me socorrer prontamente no computador a cada desespero meu, nestas horas eu escutava: “Calma mãe! É só tu esperar um pouco que funciona, ele precisa de um tempo...” E a Géssica, minha tradutora, responsável pelo abstract e pelas conversas sobre o tema desenvolvido até que em um dia eu ouvi uma frase interessante: “Mãe, finalmente consegui entender como este trabalho é importante!” Fiquei feliz. Meu pequeno Nicolás que de tanto requisitar minha atenção, compôs uma musica que cantava para mim: *“Pare, aonde você está, me dê um abraço e comece a me amar! Pare, aonde você está, comece a me largar e termine de me amar!”* Ele não faz ideia de como me ajudou!

Agradeço a minha mãe Maria por sempre acreditar em mim, a meu pai José (*in memoriam*) com quem me identifico muito em minha trajetória, minhas irmãs Vera, Isa, Tina e Zana e irmãos Cado (*in memoriam*), Lico e Tonho que sempre me apoiaram e compreenderam minhas ausências. Espero retribuir com esta dissertação a todo esforço e carinho de cada envolvido no fortalecimento da EA em nossa rede e para além dela.

Seja

a

Milagre

*Eu podia ser apenas mais um homem
Que sonha com dias melhores
Fantasia utopias espera milagres
Mas eu podia ser também
Aquele que torna seus sonhos reais
Que torna os dias mais belos
Acredita em suas ideias, mesmo as utópicas
E é capaz de fazer milagres para realizá-las
Isso é só questão de escolha...*

Calvin Sá Oliveira
(1989-2009)

RESUMO

Esta dissertação pretende reunir eventos significativos ligados à Educação Ambiental (EA) na Rede Municipal de Ensino (RME) de Porto Alegre e situá-los ao longo de cerca de dez anos, período em que se tem fortalecida a política de EA desta rede. Este mapeamento que reúne pontos de conexão entre eventos revela, através de análise qualitativa realizada por meio de entrevistas, depoimentos e materiais de arquivo pessoal e do acervo da SMED, algumas mudanças que estes protagonistas interpretaram e interpretam em seu cotidiano. Na verdade são narrativas de trajetórias de vida percorridas por cada educador ambiental ao longo do tempo que na tessitura desta rede, apresenta traços relevantes na prática da política de educação ambiental do município.

Esta movimentação com seu fluxo potencializado pelas ações e projetos de escolas, bem como a união e a troca entre os educadores ambientais, demonstra que apesar de todas as dificuldades enfrentadas e das trocas políticas, hoje temos uma política de EA na RME que mesmo com suas fragilidades, conta com a força de seus protagonistas e também daqueles que foram solidarizando-se a ela e trazendo suas contribuições aos quais chamamos de parceiros. O registro desta trajetória pretende ser também uma estratégia de fortalecimento desta política que depende sempre do protagonismo de cada educador ambiental envolvido, e também dos governos que transitam por este corredor.

Para isto utilizo a metáfora dos corredores ecológicos e corredores de saberes, pois ambos necessitam fluir, formar novas conexões, viabilizando a diversidade e a riqueza produzida nesta dinâmica.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Geografia. Escola. Educadores Ambientais.

ABSTRACT

This dissertation intends to gather significant events linked to Environmental Education (EE) in the Municipal Education Network (MEN) of Porto Alegre and situate them along ten years, a period in which the EE policy has been strengthened in the network. This mapping that gathers the connecting points between these events reveals, through qualitative analyses conducted by means of interviews, testimonies, and materials from personnel archives and from SMED's collection, real changes that these protagonists interpret daily. Actually are narratives of life trajectories traveled by each environmental educator over time that in the tessitura of this network, demonstrate relevant traces in the practice of the city's environmental education policy.

This movement with its flow enhanced by school's actions and projects, as well as the union and exchange among environmental educators, demonstrate that despite all the difficulties faced and political exchanges, today we have a EE policy in the MEN that even with its fragilities, can rely on its protagonist's strength and also on those, who sympathized and contributed to it, who we call partners. The record of this journey is also meant to be a strategy for strengthening the policy which depends always on the role of each environmental educator involved, but also the governments that transit through this corridor.

For this I will use the corridors of knowledge and the ecological corridors metaphor, because both need to flow, form new connections, enabling the diversity and the wealth produced in this dynamic.

Key-words: Environmental Education. Geography. Schools. Environmental Educators.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Recorte do DOPA	44
Figura 2 - Folder confeccionado em 2001 para divulgação no Fórum Mundial de Educação	45
Figura 3 - Mapa da RME de Porto Alegre	48
Figura 4 - Localização da EMEF Grande Oriente do RS (82)	51
Figura 5 - Curso de Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis	54
Figura 6 - Planejamento coletivo	54
Figura 7 - Mutirão de revitalização	55
Figura 8 - A escola antes do primeiro Mutirão	55
Figura 9 - Escola sendo revitalizada com a participação de todos	56
Figura 10 - Imagem de Mutirão de Revitalização do Pátio: Entrada da Escola	56
Figura 11 - LIAU da EMEF Grande Oriente do RS	57
Figura 12 - Localização da EMEF Anísio Teixeira (70)	58
Figura 13 - Mutirão EMEF Anísio Teixeira	59
Figura 14 - Teatro da Formação da Com-Vida (Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida da Escola) e Oficina de Culinária para funcionários	60
Figura 15 - Localização da EMEF Presidente Vargas (85)	61
Figura 16 - Mutirão no Pátio da EMEF Presidente Vargas (2010)	62
Figura 17 - LIAU da EMEF Presidente Vargas (2010)	64
Figura 18 - Localização da EMEF Professora Judith Macedo de Araújo (35)	64
Figura 19 - Sala do LIAU da EMEF Prof. Judith Macedo de Araújo	65
Figura 20 - LIAU – Alunos explicando os Painéis do Atlas Ambiental de POA	66
Figura 21 - Formação Educadores Ambientais com LIAU da Escola: Trilha do Morro Pelado	68
Figura 22 - Localização da EMEI Protásio Alves (29)	70
Figura 23 - Alunos colhendo verduras para utilização no refeitório	72
Figura 24 - Mutirão de Revitalização do Pátio: Plantio	73
Figura 25 - Composteira	73
Figura 26 - Alunos da EMEI no pátio pesquisando com lupas (2007)	74
Figura 27 - Oficina com Luiza Caspary do CJ de Meio Ambiente de POA (2007)	75
Figura 28 - Exposição de experimentações de plantio: terrários	75

Figura 29 - Exposição de trabalhos em Educação Ambiental na Semana do Meio Ambiente.....	76
Figura 30 - Atlas Ambiental de Porto Alegre.....	80
Figura 31 - Trilha ecológica urbana	83
Figura 32 - Formação Continuada EMEIs na EMEI Protásio Alves - 2008.....	88
Figura 33 - Formação em Permacultura no Rincão Gaia - Dez / 2007	93
Figura 34 - Folder do Simpósio de EA em 2001	94
Figura 35 - Seminário de EA 2007 Memorial do RS	95
Figura 36 - Folder com a Programação so Seminário	95
Figura 37 - Seminário Conexões em Rede: Relatos de Experiências e Mostra das escolas.....	96
Figura 38 - Espaço da EA nas Conversações Internacionais 2007- Coletivo Jovem de Meio Ambiente de POA - Parque Harmonia	96
Figura 39 - Conversações Internacionais da SMED – 2008 no Cais Mauá	97
Figura 40 - Folder do Seminário EA Caminho das Águas em Porto Alegre - 2009 ..	98
Figura 41 - Abraço ao Lago Guaíba em 2009.....	99
Figura 42 - Curso de Educação Ambiental e Território para o Coletivo Jovem de Meio Ambiente de POA – CGEA / 2007 no Parque Harmonia	101
Figura 43 - Curso: Mudanças Ambientais Globais para o Coletivo Jovem de POA em parceria com IFRGS, Instituto de Geociências da UFRGS e Greenpeace em 2008	102
Figura 44 - CJ na etapa preparatória da EMEF Gilberto Jorge para a III CNIJMA (2008)	103
Figura 45 - CJ na etapa preparatória da III CNIJMA EMEF Anísio Teixeira (2008)	103
Figura 46 - CJ na III CNIJMA EMEF Grande Oriente do RS (2008)	104
Figura 47 - III Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente / Etapa e Mostra Porto Alegre – 18 e 19 de novembro de 2008 – Usina do Gasômetro.....	105
Figura 48 - Delegação eleita para representar o RS na Conferência em 2009	105
Figura 49 - III Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente / Luisiânia – Abril 2009.....	106
Figura 50 – Carta das Responsabilidades na III CNIJMA.....	106
Figura 51 – Relações estabelecidas na paisagem dos pátios escolares	110
Figura 52 - Folder do Curso de Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis em 2001 na EMEF Chapéu do Sol.....	111

Figura 53 - Exemplo da utilização de pneus na divisa do Pátio da EMEI Valneri Antunes com o Parque Chico Mendes - Dia de Mutirão.....	112
Figura 54 - Folder do Curso de Introdução à Permacultura	113
Quadro 1 - Programa do Curso de Introdução à Permacultura.....	113
Figura 55 – Canalização das águas cinzas para os círculos de bananeiras	116
Figura 56 - Imagem por satélite da Figueira.....	117
Figura 57 - Figueira Ficus cestrifolia na entrada da EMEF Afonso Guerreiro Lima (2008).....	118
Figura 58 - Figueira tombada no domingo de Páscoa em 2010.....	118
Figura 59 - Criação do Recanto da Figueira em 2010.....	119

LISTA DE SIGLAS

APCs - Agenciamentos Pedagógicos Coletivos
CAD - Centro Agrícola Demonstrativo
CGEA - Comitê Gestor de Educação Ambiental
CJ – Coletivo Jovem
CNIJMA – Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente
DMAE - Departamento Municipal de Água e Esgoto
DMLU - Departamento Municipal de Limpeza Urbana
DOPA - Diário Oficial de Porto Alegre
EA - Educação Ambiental
EJA - Educação de Jovens e Adultos
EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil
ETA - Escola Técnica Agrícola
GAP - Grupo de Apoio Pedagógico
GT - Grupo de Trabalho
GTEA - Grupo de Trabalho de Educação Ambiental
INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
LIAUs - Laboratórios de Inteligência do Ambiente Urbano nas Escolas
MEC - Ministério da Educação
MMA - Ministério do Meio Ambiente
NAI - Núcleo de Apoio Institucional
PMPA - Prefeitura Municipal de Porto Alegre
PNEA - Programa Nacional de Educação Ambiental
PNMA - Política Nacional de Meio Ambiente
PPP - Projeto Político Pedagógico
RME - Rede Municipal de Ensino
SASE - Serviço de Apoio Sócio Educativo
SISNAMA - Sistema Nacional de Meio Ambiente
SMAM - Secretaria de Meio Ambiente
SMED - Secretaria Municipal de Educação
SMIC - Secretaria Municipal de Indústria e Comércio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 JUSTIFICATIVA	16
1.2 OBJETIVOS	20
1.3 METÁFORA DOS CORREDORES ECOLÓGICOS	21
2 PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	24
2.1 O LUGAR ESCOLA E OS EVENTOS COMO POSSIBILIDADE NO TEMPO E NO ESPAÇO	24
2.2 OS SABERES SABIDOS E OS SABERES VIVIDOS	25
2.3 ENCONTROS INTERATIVOS, ENTREVISTAS, DEPOIMENTOS E BUSCA EM ARQUIVO.....	30
2.4 ANÁLISE E ESCRITA – (RE)ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	31
3 TRAJETÓRIA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE – UM OLHAR SOBRE O CORREDOR POLÍTICO OU A POLÍTICA NO CORREDOR? ..	33
4 EXPERIMENTAÇÕES DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE POA	48
4.1 EMEF GRANDE ORIENTE DO RS.....	50
4.2 EMEF PROFESSOR ANISIO TEIXEIRA.....	57
4.3 EMEF PRESIDENTE VARGAS.....	61
4.4 EMEF PROFESSORA JUDITH MACEDO DE ARAÚJO.....	64
4.5 EMEI PROTÁSIO ALVES.....	70
5 CONECTANDO EVENTOS NOS FIOS DO TEMPO...	78
5.1 ATLAS AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE.....	80
5.2 FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL	87
5.3 SEMINÁRIOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE	93
5.4 CONFERÊNCIA INFANTO-JUVENIL PELO MEIO AMBIENTE E COLETIVOS JOVENS DE MEIO AMBIENTE.....	99
5.5 REVITALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E COMUNITÁRIOS.....	108
6 AS PEDRAS DO CAMINHO E O CAMINHO DAS PEDRAS	122
7 CONSIDERAÇÕES: TENSIONANDO PARA DEPOIS SOLTAR.....	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
APÊNDICE A - DOCUMENTO ENVIADO AO MEC EM 2002.....	134

APÊNDICE B - CARTA DOS EDUCADORES AMBIENTAIS AO FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO	138
APÊNDICE C - CARTA CONEXÕES EM REDE	141
APÊNDICE D - AGENDA 21	144
APÊNDICE E - CARTA COLETIVA DOS EDUCADORES AMBIENTAIS DE PORTO ALEGRE – CAMINHO DAS ÁGUAS	147

1 INTRODUÇÃO

Apresento esta dissertação como um registro documentado de um período que considero muito importante na potencialização das políticas de Educação Ambiental da RME de Porto Alegre.

Não apenas porque fui uma das protagonistas, mas pela riqueza advinda da produção de conhecimentos junto a este coletivo de professores e parcerias que tornaram e tornam possível a inserção desta importante temática no planejamento e ações em EA nas escolas municipais de Porto Alegre.

Espero que esta dissertação possa dar voz aos educadores ambientais que protagonizaram tais políticas, bem como apoiar e fortalecer aos novos e ainda aos que virão, pois a EA nesta rede tem uma bela trajetória de conquistas. Também sinto a necessidade de registrar e devolver a RME esta dissertação na perspectiva de oferecer mais um subsídio no fortalecimento da EA e sua continuidade.

1.1 JUSTIFICATIVA

A reforma do pensamento é que permitiria o pleno emprego da inteligência para responder a estes desafios e permitiria a ligação de duas culturas dissociadas. Trata-se de uma reforma não programática, mas paradigmática, concernente à nossa aptidão para organizar o conhecimento (MORIN, 2001, p. 20).

No período em que estive na assessoria pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (mais de 10 anos), foram dedicados à articulação e organização de ações que acredito, ajudaram a fortalecer a política de educação ambiental na RME.

Sou Pedagoga de formação, com especialização em Educação Psicomotora e professora há mais de 25 anos na rede pública. Sempre fui movida por um incansável desejo de mudança e pela necessidade de envolver ainda mais a comunidade na prática pedagógica. Ainda no início dos anos 90, organizei o Grupo *Protetores do Meio Ambiente* na Escola Infantil São José, hoje Padre Ângelo Costa, fizemos a primeira Caminhada Ecológica daquela região com as escolas do entorno e parcerias, esta caminhada se manteve ao longo de anos.

Na busca de uma educação libertadora, fui criando hipóteses, inovando mesmo na adversidade ante os desafios que sempre se apresentavam como pedras

no caminho, com o tempo foram transformando-se em pontos de apoio para novos caminhos.

Ao observar o cotidiano das escolas, já na condição de assessora pedagógica na secretaria municipal de educação de Porto Alegre, percebi o quanto eu me inquietava e tinha que fazer alguma coisa para mudar ou ao menos provocar a educação a se repensar. Mas concordo com Morin, nossa carência não é de programas, mas de novos paradigmas, pois a organização do conhecimento que é pertinente à educação precisa começar no pensamento e creio ser este nosso maior desafio.

Nas sábias palavras de Paulo Freire (2011, p. 113) encontro eco para meus anseios... “Ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do (a) professor (a) e dos alunos em ação se encontra na base do ensinar-aprender”.

A educação que nega a cultura do lugar e os saberes e vivências trazidos para a escola não pode ser levada a sério. As disciplinas como estão organizadas, apenas reproduzem, repetem conteúdos que não estão impregnados de sentido nem para o professor, nem para o aluno.

A educação, através da compartimentação e fragmentação das disciplinas, vêm reproduzindo uma visão antropocêntrica de mundo que já não representa a atual sociedade que anseia por justiça socioambiental e que vem clamando por uma educação efetivamente libertadora e sustentável. Talvez ainda estejamos imaturos como humanidade para entendermos a necessidade de mudança de paradigmas, porém, todo esforço para que isto aconteça é fundamental. Quando a mudança não ocorre dentro de nós, é como assistirmos a um filme e sermos tocados por ele, ao sairmos, sensibilizados, continuamos amarrados em nossos conceitos e padrões de vida que nos acomodam e do filme restam apenas desejos de algo que poderia ser.

Falta-nos por vezes a ousadia de romper com alguns padrões aparentemente confortáveis e nos lançarmos ao mundo das possibilidades, pois como humanos temos infinitas possibilidades, sentimos medo diante do desconhecido e retornamos para nossa chamada zona de conforto.

Nossa cognição requer tempo de maturação e emoção para aprender a aprender outros jeitos de vir a ser, então temos que ter a paciência como aliada para não desistir e insistir naquilo que acreditamos.

Neste sentido, a educação ambiental apresenta-se para mim como uma estratégia para nos levar a uma real mudança de paradigma, pois traz em si o eco

de tantos valores e tomadas de decisões que se apresentam como mudanças necessárias e reais onde a educação exerce papel fundamental, então todo esforço para sua implementação se faz necessário. Claro, vale ressaltar que escutamos durante tempos que toda educação deve ser ambiental, senso comum, para mim, pura falácia! Ao expressarmos a necessidade de políticas de EA, entendemos que estamos longe deste entendimento e como é fácil dizer esta frase para encerrar assunto e não assumir compromisso com mudanças urgentes nas políticas educacionais.

Inicialmente tive que me aproximar aos poucos das discussões que envolviam a educação ambiental, pois era um período em que o tema era visto como um apêndice da área de ciências. Mesmo com todas as dificuldades comuns que compartimentam ainda hoje as áreas do conhecimento, a necessária aproximação foi acontecendo.

Particpei de importantes articulações e produção de fazeres que de certa forma alavancaram outros tantos movimentos da EA nas escolas de forma intertransdisciplinar, características estas fundamentais para a responsabilização de todas áreas e níveis do conhecimento com a temática.

O Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al, 1998), marca um novo momento na história da educação ambiental da RME de Porto Alegre. Amplamente divulgado e distribuído nas escolas, vinha acompanhado da sensibilizadora e contagiante presença do professor Rualdo Menegat do Instituto de Geociências da UFRGS. A obra, além de apresentar belíssimas ilustrações traz de forma muito didática e encantadora, conhecimentos sistematizados, despertando para a valorização do lugar e as relações estabelecidas a partir de um olhar atento e sensível, relacionando a importância do próximo com o distante de forma a envolver todas as áreas do conhecimento. Neste sentido, algumas escolas vêm incorporando em seus projetos pedagógicos o entendimento de que a escola poderia vir a ser este centro de saber local, promotora da identidade cultural da comunidade e produtora de novas leituras e escritas de mundo construindo valores para a paz através de suas variadas ações e projetos.

Em quatro edições do Curso: Atlas Ambiental de Porto Alegre – Usos e Aprendizagens em Sala de Aula, realizados em convênio com a UFRGS, cerca de 200 professores tiveram a oportunidade de participar, o que gerou diversos projetos, sendo que as duas últimas edições contaram com professores de diversas áreas do

conhecimento, inclusive educação infantil, tal riqueza repercutiu muito nas ações que foram sendo reveladas.

Neste período, foi possível vivenciar as mais diversas experiências e práticas adotadas pelas escolas desta e de outras redes com as quais foram feitas parcerias.

Em certos momentos, através do estabelecimento de diálogo e trocas de experiências, também foram realizados alguns projetos em escolas e aos poucos estes saberes foram sendo organizados em rede.

A Política Nacional de Educação Ambiental através da **Lei 9795/99** que estabelece:

“**Art. 2º** A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal”, foi ganhando força e espaço dentro desta rede.

A educação, a exemplo de nossa cultura, encontra-se fragmentada e tende a reproduzir modelos que não condizem com a realidade do mundo atual.

O professor, fruto desta cultura, encontra-se em um estado de aprisionamento em seu processo de ensino-aprendizagem que por mais esforços que empreenda, está em meio a uma organização social que lhe coíbe ações ousadas e inovadoras. A organização do ensino como está posta não tem sido um sistema aberto a inovações, ele é cobrado de seus feitos educacionais tradicionais e isto se repete sucessivamente.

Temos como resultado deste processo, a conhecida frustração e desvalia deste importante profissional que é o professor. Aqui estamos nós com os “nós” da educação para desatar e deixar fluir o diálogo, as diferentes linguagens que nos tornam capazes de encontrar alternativas a estes desafios limitadores de nossa capacidade criativa. Quem sabe, libertando nosso pensamento, possamos intervir de forma efetiva na organização do ensino e influir também nas políticas públicas.

Então estamos diante de um desafio cultural, onde a escola seja entendida como um ponto de intersecção, de reunião de saberes locais neste corredor imenso na qual ela se insere.

Nesta perspectiva, a ideia é que os saberes produzidos no lugar possam fluir nesta malha até um novo ponto de intersecção e assim sucessivamente de forma a fortalecer a grande rede de saberes através do diálogo, produção, registro, análise e

a constante observação e intervenção no lugar de forma transformadora e sustentável.

Algumas destas estratégias que pretendo registrar são: a Formação Continuada em EA, os Seminários de Educação Ambiental, o Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al, 1998) e seus desdobramentos na rede como a organização do Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano na Escola (LIAU), a revitalização dos pátios escolares tendo como base a Permacultura e a organização dos Coletivos Jovens (CJ) a partir da Conferência Infanto-Juvenil Pelo Meio Ambiente (CNIJMA).

Estas estratégias somadas a rede virtual de educação ambiental: educadores ambientais de Porto Alegre foram se constituindo em importantes pontos de conexão para fortalecimento e geração de políticas da RME.

Conheci grandes e ousados estrategistas que conseguiram demonstrar no cotidiano escolar a transversalidade da educação ambiental que atravessa os muros da escola e vai para a comunidade, encontrando abrigo no coração do currículo escolar.

São estes e outros exemplos que eu apresento em minha dissertação. Alguns protagonistas que de forma anônima e fraterna, foram tecendo esta rede e fortalecendo elos que sustentam ainda hoje a política de educação ambiental das escolas municipais de Porto Alegre, o que é sempre um grande desafio.

1.2 OBJETIVOS

Mapear na RME de Porto Alegre, ações e projetos de educação ambiental que tornaram possíveis a efetivação de políticas e conquistas desta rede.

Registrar algumas formas empreendidas para a formação de uma rede de educadores ambientais em Porto Alegre que se retroalimente e se mantém.

Demonstrar através de eventos significativos de educação ambiental na RME de Porto Alegre em um período de cerca de 10 anos, alguns pontos de intersecção fundamentais na conexão de saberes, na geração de práticas adotadas em rede, no fluxo de conhecimentos e informações que percorreram e percorrem estes corredores e sua valiosa contribuição no fortalecimento da política de EA.

Identificar como protagonistas aqueles que empreenderam seus esforços e acreditaram na possibilidade de ousar e fazer diferente para uma educação libertária.

Relacionar a educação ambiental com a adoção de soluções sustentáveis¹ a partir das escolas em algumas importantes estratégias como: revitalização dos pátios escolares, tendo como base a Permacultura e a implementação do LIAU na Escola que tem como meta a pesquisa, interação, produção de conhecimentos do lugar, registro e exposição em uma sala específica na escola.

1.3 METÁFORA DOS CORREDORES ECOLÓGICOS

“Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico.” (FREIRE, [2004]).

Em um país como o Brasil, com tamanha exuberância e riqueza em sua fauna e flora, torna-se um imperativo elaborar alternativas que nos capacitem a integrar tamanha riqueza em nossas pesquisas e conclusões já que somos parte deste mosaico brasileiro de infindáveis fronteiras que iniciam primeiramente no nosso pensamento, logo são replicadas na paisagem e naturalizadas em nosso olhar.

Esta dissertação pretende mapear nas escolas municipais de POA, alguns eventos de grande significado na constituição da política de EA desta rede. Para isto vou utilizar a metáfora dos corredores ecológicos e corredores de saberes, pois ambos necessitam fluir, formar novas conexões, viabilizando a diversidade e a riqueza produzida nesta dinâmica.

Assim como a criação de corredores ecológicos é necessária para que a fragmentação da natureza não a coloque em riscos mais severos, também os saberes necessitam de corredores estratégicos para que não sejam ainda mais fragmentados e descontextualizados sob o risco de empobrecimento da cultura do povo de cada lugar.

¹ Soluções sustentáveis aqui entendidas como alternativas viáveis a partir do lugar, com o menor impacto ambiental possível ao mesmo tempo em que econômico e socialmente justo. Com impacto positivo na comunidade.

De acordo com o Projeto do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (MMA, 2007, 2006), Corredores Ecológicos são definidos como áreas que contêm ecossistemas florestais biologicamente prioritários e viáveis para a conservação da biodiversidade, compostos por conjuntos de unidades de conservação, terras indígenas e áreas de interstícios. Sua função é propiciar uma proteção efetiva da natureza, reduzindo ou prevenindo a fragmentação das florestas existentes por meio da interligação entre diferentes modalidades de áreas protegidas e outros espaços com diferentes usos do solo.

Com os corredores, pretende-se manter ou restaurar a conectividade da paisagem e facilitar o fluxo genético entre populações, aumentando as chances de sobrevivência, a longo prazo, das comunidades biológicas.

A estratégia de criar Corredores Ecológicos expressa um grande desafio: transpor o isolamento urbano e ambiental dentro ou fora de Unidades de Conservação e propiciar aos animais a circulação, às flores a polinização, às sementes a dispersão e à água e aos nutrientes o ciclo completo. Estamos diante de um estado de fragmentação da natureza, que a distância entre um lugar e outro fica cada vez mais acentuada, dificultando a locomoção dos animais. O modo como se tem ocupado o ambiente tem formado barreiras urbanas e, desta forma, vem comprometendo a existência de algumas espécies, colocando outras em risco, empobrecendo a biodiversidade. Criar e implementar um Corredor ecológico é dar a oportunidade de manter e garantir a continuidade dos ecossistemas, que hoje encontram-se isolados, fragmentados. É propiciar os caminhos de uma relação de equilíbrio entre os seres vivos e o ambiente em que ocupam, onde o ciclo da vida possa completar-se.

Semelhante situação ocorre com os saberes, ao longo do tempo estão sendo cada vez mais isolados, fragmentados e isto vem empobrecendo nossa cultura que se apresenta cada vez mais descontextualizada de seu lugar.

A ideia de corredores ecológicos conectando saberes representa a possibilidade do rompimento de barreiras que isolam e fragmentam o conhecimento em partes. Constitui-se em uma complexa rede solidária e necessita reunir saberes para que, através de seu fluxo contínuo venham a fortalecer e enriquecer esta malha a ponto de ultrapassar seus próprios limites e então produzirem outros tantos conhecimentos de forma a valorizar a cultura do povo de cada lugar.

E, ao se cruzarem, estabelecem novos elos disseminando esta cultura em um ciclo constante.

A educação ambiental na RME de Porto Alegre apresenta-se para mim como um destes corredores ecológicos. Mantém-se nutrida através dos diversos elos que foi estabelecendo ao longo do tempo, gerando políticas públicas, protagonizando este processo de produção de conhecimentos acerca do lugar.

Seu grande desafio? Ampliar os corredores e fortalecer estes caminhos para garantir que trocas de governo e novas propostas não coloque em risco a manutenção do ciclo de saberes produzido em cada lugar. Ao longo dos anos este sempre foi o grande risco que a educação ambiental enfrentou enquanto alternativa a uma real mudança de paradigma na educação.

Sendo assim, minha proposta é o registro de um recorte de cerca de dez anos (1999-2009) de implementação da Política de Educação Ambiental na RME, da qual também fui protagonista e articuladora. Dentro deste registro, salientarei as estratégias que tornaram possíveis a formação das redes e parcerias da educação ambiental e a efetivação de algumas conquistas desta rede, apesar de todos os obstáculos que por vezes interromperam esta caminhada, como por exemplo, as mudanças políticas.

O protagonismo do grupo vem se fazendo ouvir e mantendo conquistas.

Ora, é exatamente nestes momentos que a rede se fortalece e se utiliza destes corredores de saberes para engendrar outras formas de acontecer e trocar fazeres pedagógicos que possibilitem o fluxo livre de conhecimentos que nutrem e enriquecem esta rede. É necessário um olhar atento e sensível para captar estes movimentos, estes protagonistas e registrar esta silenciosa, lenta, mas real mudança de paradigma vivenciada no cotidiano de algumas escolas e pouco percebida.

Como comentou Morin em Palestra proferida no Evento Fronteiras do Pensamento (Porto Alegre, 2011) "... já existem inúmeros movimentos que refletem a mudança do paradigma, mas temos que enxergá-los e fazer com que aconteçam todos juntos, ao mesmo tempo... Assim nasce a mudança".

2 PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1 O LUGAR ESCOLA E OS EVENTOS COMO POSSIBILIDADE NO TEMPO E NO ESPAÇO

Na tentativa de interpretar a tessitura que aparece como pano de fundo em se tratando da Educação Ambiental nas escolas municipais de Porto Alegre, houve a tentativa de percorrer alguns dos fios que tecem esta trama, os pontos de conexão que a fortalecem, apresentando-se em constante movimento no cotidiano das escolas desta rede.

Através do pensamento de Milton Santos, buscamos entender o lugar escola, o lugar comunidade, o lugar região como pontos de conexão de tantas ações que convergem e no modo como elas se cruzam formando pontos que iremos chamar de eventos dentro de uma linha cronológica tecendo uma trama que se revelará talvez em uma política de rede com suas conquistas, dificuldades e tantas eventualidades marcando a trajetória de uma sociedade em formação.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada um exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2012, p. 322).

Ainda sobre eventos Santos (2012, p. 144) revela:

Se considerarmos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo.

O autor ainda diz que os eventos históricos supõe a ação humana.

Refere então que evento e ação são sinônimos, e que os eventos também são ideias e não apenas fatos. Uma inovação é um caso especial de evento, caracterizada pelo aporte a um dado ponto, no tempo e no espaço,

de um dado que nele renova um modo de fazer, de organizar ou de entender a realidade. (SANTOS, 2012, p. 147-148).

Então a partir de ideias e fatos realizados a partir da ação humana, poderemos organizar uma leitura destes fenômenos eleitos para entender a realidade que envolve a Educação Ambiental na prática da RME de Porto Alegre. Cada evento ocorrido na interação com seus atores, educadores ambientais dessa rede, será um ponto que combinado com outros tantos em uma ordem cronológica poderá remontar uma mudança no panorama das políticas educacionais em EA.

Em sua descrição dos eventos como fenômenos unitários, buscando a constituição do lugar, Santos (2012, p. 155) descreve:

Podemos admitir que cada combinação de eventos ao mesmo tempo cria um fenômeno unitário, unitariamente dotado de extensão e se impõe sobre uma área, necessária à sua atuação solidária. Vem daí o papel central que a noção de evento pode representar na contribuição da geografia à formulação de uma teoria social. É por meio do evento que podemos rever a constituição atual de cada lugar e a constituição conjunta dos diversos lugares, um resultado da mudança paralela da sociedade e do espaço. A conexão existente entre os objetos é dada pelos eventos, isto é, o tempo se fazendo empírico, para poder encontrar os objetos. Os eventos são todos filhos do mundo, seus intérpretes atentos, suas manifestações particulares. O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos, materiais ou não, com uma valorização diferencial dos lugares. A base mesmo da geografia é que o mundo está sempre redistribuindo-se, regeografizando-se. Em cada momento, a unidade do mundo produz a diversidade dos lugares.

Com um olhar atento a estes eventos, como uma intérprete, pretendo analisar esta diversidade e a riqueza que produziu e produz no lugar escola, na política de EA que envolve a rede municipal de educação de Porto Alegre.

2.2 OS SABERES SABIDOS E OS SABERES VIVIDOS

Na perspectiva de entender melhor as possibilidades que permeiam a apreensão do mundo do ensinar, Paulo Freire (1996) traz alguns saberes necessários à prática educativa:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua *presença* se vá tornando *convivência*, que seu estar no *contexto* vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade

curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *História* mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar*. (p. 85-86)

A autoridade coerentemente democrática, está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos *silenciados*, mas no alvoroço dos *inquietaos*, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.[...]

Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vá construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que, embora vindo de fora de si, sejam reelaborados por ela, a sua *autonomia*. É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua *dependência*. Sua autonomia que se funda na *responsabilidade* que vai sendo assumida. [...]

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridades e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. (p. 105)

Freire (1996) traz ainda a importante tarefa da escola como centro de produção sistemática de conhecimentos como parte das estratégias adotadas pela Educação Ambiental na (re)união de diferentes inteligências que vem constituindo a inteligência do lugar onde está inserida a escola.

Há algo ainda de real importância a ser discutido na reflexão sobre a recusa ou ao respeito à leitura de mundo do educando por parte do educador. A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo. Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. (p. 139-140)

A formação dos professores e das professoras devia insistir na constituição deste saber necessário e que me faz certo desta coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos. E ao saber teórico desta influência teríamos que juntar o saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores trabalham. (p. 155)

Paulo Freire foi um homem do mundo, inserido no mundo de forma que suas vivências lhe revelaram uma prática pedagógica baseada no diálogo, na formação de cidadãos conscientes e transformadores da ordem imposta, opressora e injusta.

Suas contribuições são imprescindíveis na leitura e análise da prática pedagógica da RME de Porto Alegre, pois o autor tem nesta rede reflexos cotidianos de sua teoria pedagógica imortalizada em tantos trabalhos, pesquisas e práticas. Em

Pedagogia da Esperança, Freire (2011) traz importantes reflexões sobre o ato de ensinar:

Ensinar é assim a forma que toma o ato de conhecimento que o professor necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isto, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do professor e dos alunos em ação, se encontra na base do ensinar-aprender. (p. 113)

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos chegando a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros.[...]

Respeitar estes saberes, de que falo tanto, para ir mais além deles, jamais poderia significar – numa leitura séria, radical, por isto crítica, sectária nunca, rigorosa, bem-feita, competente, de meus textos – deve ficar o educador ou a educadora aderida a eles, os saberes de experiência feitos.

O respeito a esses saberes se insere no horizonte maior em que eles se geram – o horizonte do contexto cultural, que não pode ser entendido fora de seu corte de classe, até mesmo em sociedades de tal forma complexas em que a caracterização daquele corte é menos facilmente apreensível.

O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. “Seu” mundo, em última análise, é a primeira e inevitável face do mundo mesmo. (p. 118-119)

O que não podemos, como seres imaginativos e curiosos, é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá, a favor de que, contra que, a favor de quem, contra quem virá; sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o “inedito viável” demandando de nós a luta por ele. (p. 136)

É a “leitura do mundo” exatamente a que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica da ou das “situações-limite”, mais além das quais se acha o “inedito viável”. É preciso, porém, deixar claro que, em coerência com a posição dialética em que me ponho, em que percebo as relações mundo-consciência-prática-teoria-leitura do mundo-leitura da palavra-contexto-texto, a leitura do mundo não pode ser a leitura dos acadêmicos imposta às classes populares. Nem tampouco pode tal leitura reduzir-se a um exercício complacente dos educadores ou educadoras em que, como prova de respeito à cultura popular, silenciem em face do “saber de experiência feito” e a ele se adaptem. A posição dialética e democrática implica, pelo contrário, a intervenção do intelectual como condição indispensável à sua tarefa. E não vai nisto nenhuma traição à democracia, que é tão contraditada pelas atitudes e práticas autoritárias quanto pelas atitudes e práticas espontaneístas, irresponsavelmente silenciosas. (p. 147)

[...] A utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança sem a qual não lutamos. O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim, uma

exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz. (p. 137)

Dentre os desafios que a educação enfrenta Morin (2001), traz sua valiosa contribuição que propõe os desafios da globalidade como desafios da complexidade:

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetários tornam-se os problemas, mais impensáveis eles se tornam.

Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável. [...]

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições ao nosso entendimento. Em tais condições, as mentes jovens perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes e integrá-los em seus conjuntos.

Ora, o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto a que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar. (p. 15)

Por detrás do desafio do global e do complexo, esconde-se um outro desafio: o da expansão descontrolada do saber. O crescimento ininterrupto dos conhecimentos constrói uma gigantesca torre de Babel que murmura linguagens discordantes. A torre nos domina porque não podemos dominar nossos conhecimentos. O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. (p. 16)

Neste sentido, para elucidar este grande desafio da informação como um dos problemas essenciais da organização do saber, o autor cita questionamentos de T.S. Eliot: "Onde está o conhecimento que perdemos na informação?" E também: "Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?" (p. 16-17)

O autor parece trazer estes questionamentos, como uma provocação que nos faz refletir sobre o fluxo de informações a que estamos submetidos diariamente e como este passa a integrar a nossa vida. Quando realmente fazem sentido em nosso pensamento a ponto de incorporar-se a nosso saber vivido, contextualizado.

Aceitando o desafio de Flickinger (2010), como Pedagoga, identifico sim na Hermenêutica, fundamentos necessários para a prática educativa. Para tanto,

interessante trazer da mitologia Hermes, o mensageiro dos deuses, que cumpre a tarefa de passar a mensagem divina aos mortais, tarefa esta que não se resolve pela simples comunicação de um conteúdo claro, exigindo, ao contrário, uma interpretação em linguagem adequada ao horizonte da compreensão humana. Por tal capacidade, atribuiu-se-lhe a vara mágica como signo.

Não é de admirar, portanto, que a palavra grega hermeneia, que significa, aproximadamente, a expressão do pensamento, de ideias, contenha a raiz comum, tanto do conceito de hermética, quanto de hermenêutica. Sem dúvida, o hermético da linguagem, sua mito-lógica, pertence, como condição transcendental, a toda compreensão da língua, estabelecendo seu horizonte inesgotável de sentido. (GADAMER, 1986 apud FLICKINGER, 2010, p. 22).

Sendo esta uma dissertação que busca a interpretação atenta de eventos e de reconhecimento do outro no processo sem ignorar o próprio envolvimento conforme afirma Flickinger (2010, p. 43) em sua reflexão:

[...] a hermenêutica filosófica renuncia ao que a autonomia da razão tem assumido ao longo do processo de secularização, ou seja, ela renuncia à concepção de sua validade incondicional, de sua onipotência e de seu poder exclusivo de construir nosso conhecimento, contrapondo-lhe uma postura mais humilde, de reconhecimento do outro que, ao vir ao nosso encontro, conta com nossa responsabilidade perante ele. Parece-me ser essa a mensagem mais frutífera que a hermenêutica filosófica está mandando para a teoria e prática da educação. Vale o esforço de toma-la como fio condutor de nosso agir.

Ainda sobre a hermenêutica filosófica, Flickinger (2010, p. 58) descreve:

A verdadeira hermenêutica consiste, portanto, na redescoberta dessa tradição de pensamento, a qual confia mais na experiência da interpretação e no reconhecimento do estranho, do outro como tal, do que na subsunção da realidade vivida às delimitações impostas pela lógica conceitual.

Sobre a relação com a Educação Ambiental, Flickinger (2010) tenta relacionar:

Tomando o meio ambiente como se fosse um texto a ser interpretado, um texto escrito pela natureza e o homem juntos, podemos imaginar o que esta postura significaria para a pedagogia e, mais precisamente, para a educação ambiental. Ela implicaria a necessidade de experimentar as perspectivas diferentes na relação homem-natureza, abrindo-se a compreensão de suas racionalidades diversas, evitando, com isso, qualquer determinação de subordinação unilateral e aprendendo o convívio produtivo entre ambas. (p. 158)

Sem dúvida, uma educação ambiental que não quisesse dar conta da necessária recuperação da história tanto humana, quanto daquela inscrita no espaço físico-natural perderia, inevitavelmente, a chance de se servir (na tentativa da conscientização ambiental, do seu autêntico campo de ação) do diálogo, da compreensão e interpretação, reduzindo sua tarefa à mera explicação do *status quo*, em vez de tematizar o horizonte inteiro dos problemas ambientais, dentro do qual esses fatos adquirem seu sentido verdadeiro. (p. 168)

Então me coloco na posição de sujeito intérprete, que se aventura nesta viagem histórica e encantadora da Educação Ambiental da RME de Porto Alegre, com corredores ecológicos de saberes me servindo de sustentação para interpretar, compreender e (re)significar estes eventos que me instigam a tecer uma escrita histórica e geográfica que eu tenho em minhas vivências e que também me têm como sujeito.

Quanto aos educadores ambientais e sua importância neste contexto temos a contribuição de Carvalho (2002, p. 29):

As trajetórias dos sujeitos ecológicos em geral e dos educadores ambientais em particular podem ser pensadas como constitutivas de um grupo social particular. Os percursos pessoais e profissionais que ai se estabelecem atualizam possibilidades e reeditam as tensões abertas pelo contexto histórico e vivencial em que esse grupo está imerso. Para os educadores ambientais, esse contexto poderia ser descrito como particularmente dilemático. É sob o domínio de uma tradição naturalista e cientificista, advinda das ciências naturais, que emerge o campo ambiental. Ainda que o debate ambiental busque diferenciar-se como um fenômeno de outro tipo, continua fortemente marcado pela herança naturalista que subsume o meio ambiente à natureza e esta como espaço do natural em contraposição ao mundo humano.

Então, tendo os educadores ambientais como intérpretes atentos na busca da compreensão da realidade na qual estão envolvidos, busca-se reinventar outros devires que nos auxiliem na compreensão da relação estabelecida entre sociedade-natureza no contexto em que estamos imersos e para o qual buscamos alternativas de vir a ser.

2.3 ENCONTROS INTERATIVOS, ENTREVISTAS, DEPOIMENTOS E BUSCA EM ARQUIVO

Os percursos metodológicos adotados, levam a uma análise qualitativa que busca reunir elementos que remontem aspectos relevantes na implementação da

política de Educação Ambiental da RME de Porto Alegre.

Além de materiais de acervo pessoal, contamos também com materiais do acervo da Biblioteca da SMED, bem como de outros setores da mantenedora.

Outros materiais foram cedidos por alguns educadores ambientais em colaboração com esta dissertação, como por exemplo, polígrafos do período de implementação da Lei 6586 de 1990.

Foram realizados também alguns encontros interativos, onde o educador ambiental pode contribuir de forma participativa, através de uma narrativa vivencial de sua contribuição e leitura sobre o tema Educação Ambiental nesta rede. Alguns depoimentos foram enviados também através de mensagem utilizando o correio eletrônico. Algumas visitas foram feitas nas escolas, outras em locais escolhidos pelos entrevistados.

Os educadores ambientais nominados nestes diálogos concordaram em terem seus nomes citados, tendo em vista que são identificados como protagonistas na trajetória da Educação Ambiental da RME de Porto Alegre.

2.4 ANÁLISE E ESCRITA – (RE) ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

A análise dos dados foi sendo feita na medida em que os materiais iam sendo lidos e se juntavam às narrativas que estavam sendo transcritas.

Desta forma, inúmeras vezes os dados foram reorganizados e talvez mesmo agora ainda reste a sensação de que muita coisa ficou fora ou que poderia ser organizado de forma diferente

Enfim, a percepção do inacabamento deve fazer parte do processo que envolve a leitura de um recorte de tempo que transpassa seu próprio limite, aquele que lhe é conferido e tenta escapar num incessante movimento de se fazer maior por não caber em nossa compreensão.

Em paralelo a esta dissertação, está sendo organizada, para devolução à Biblioteca da SMED, especificamente para compor o acervo do Memorial da SMED, uma encadernação com todos os documentos levantados nesta pesquisa para que outros pesquisadores encontrem estes materiais melhor organizados e conheçam a história da Educação Ambiental desta rede, pois não caberiam nesta dissertação.

Esta é uma responsabilidade que cabe a todos que fazem suas pesquisas voltadas à educação, devolver estes dados organizados de forma a valorizar a história que envolve uma rede de ensino.

Neste sentido, fica evidente a dificuldade em selecionar os dados que seriam utilizados nesta dissertação. Então, a tarefa de selecionar é bem difícil, porém necessária, bem como a sensação de incompletude que só é aliviada pela expectativa de outros olhares e contribuições...

3 TRAJETÓRIA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE – UM OLHAR SOBRE O CORREDOR POLÍTICO OU A POLÍTICA NO CORREDOR?

Territorialidade para humanos é uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas através do controle de área. Territórios políticos e propriedades privadas de terra podem ser as formas mais familiares em que a territorialidade ocorre em vários níveis e em numerosos contextos sociais. [...] é uma expressão geográfica primária de poder social. É o meio pelo qual espaço e sociedade estão inter-relacionados. As funções de mudança da territorialidade nos ajudam a entender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo. (SACK, 2011, p. 63).

As formas de relacionamento e as diferentes territorialidades que perpassam o universo escolar fazem deste, um lugar bastante complexo e desafiador que nos instiga a percorrer os corredores políticos e a tentar entender a política que transita nestes corredores de saberes.

A contribuição da geografia torna-se imprescindível na interpretação e percurso de toda esta trajetória. A análise que apresento aqui é baseada em documentos de arquivo, alguns do acervo da Biblioteca da SMED, outros de professores e alguns de meu arquivo pessoal, bem como depoimento de alguns professores.

Início com a narrativa da professora Nedi Ropke que percorreu e ainda percorre estes corredores de saberes. Interessante que esta protagonista se insere de forma significativa nesta trama e deixa importantes contribuições para alguns tensionamentos da rede que encontraram e encontram espaço para fluir.

Em fins de 1992, fui convidada a integrar a Equipe de Educação Ambiental da SMED através da professora Mercedes Bendatti, a proposta era a implementação da Lei 6586 de 1990. Eu, a Mercedes e uma estagiária: Rosane Salete, elas da área de Ciências e eu da Pedagogia. A então Secretária de Educação do Município Esther Grossi, na ocasião, teve dúvidas de meu ingresso devido a minha formação. Todas as pessoas da época acreditavam que a educação ambiental estaria mais bem abrigada na área de Ciências, era natural isto a todos apesar da equipe de assessoria tencionar para a realização de um trabalho interdisciplinar... difícil!

O período a que a professora Nedi se referia, era a primeira gestão do Partido dos Trabalhadores na Prefeitura de Porto Alegre, onde a Secretária de Educação era a Secretária Esther Pilar Grossi.

Para traçar a trajetória política da Prefeitura Municipal de Porto Alegre no período de implementação da Política de EA, que percorreu estes corredores na Secretaria de Educação, temos que vislumbrar seus atores em cada gestão sejam eles:

- Secretária Esther Pillar Grossi – De 1989 a 1992
- Secretário Nilton Fischer – 1993
- Secretária Sonia Pilla Vares – De 1994 a 1996
- Secretário José Clóvis de Azevedo – De 1997 a 2000
- Secretário Eliezer de Moura Pacheco – De 2001 a 2002
- Secretária Sofia Cavedon – 2003
- Secretária Fátima Baierle – 2004
- Secretária Marilu Fontoura de Medeiros – De 2005 a 2008
- Secretária Cleci Maria Jurach – De 2009 até os dias atuais.

Com um trânsito tão intenso nos corredores da educação em Porto Alegre, tivemos também um desfile de propostas que tinham como objetivo, deixar uma marca política que ressaltasse o compromisso com a educação a cada gestão.

Com Esther Grossi, temos marcado o construtivismo e estudos voltados à alfabetização, seu slogan de gestão: “SMED A Coragem de Mudar”, mais adiante Sonia Pilla traz a ideia da Gestão Democrática e lança o slogan que segue durante alguns anos que é: “Escola Cidadã”, inicia em sua gestão a proposta de escolas organizadas por ciclos de formação através da EMEF Monte Cristo em 1995. O Secretário José Clóvis segue o slogan da “Escola Cidadã” e acelera a implementação dos ciclos de formação nas demais escolas da RME de Porto Alegre. Dentro de seu período de gestão ingresso na assessoria pedagógica, meados de 1998.

A entrada do Secretário Eliezer Pacheco em 2000 marca um desgaste na proposta da “Escola Cidadã”, acontece uma reorganização interna da secretaria e surge então o slogan: “Cidade Educadora”, neste sentido nasce também o Fórum Mundial de Educação, na expectativa de buscar alternativas para a educação na cidade e no mundo a exemplo do Fórum Social Mundial, criado em 2001 proposto em sua origem como um contraponto ao Fórum Econômico Mundial de Davos na Suíça. Tinha como *slogan*: “Um outro mundo é possível”.

Em 2005 temos Marilú Medeiros que traz o slogan: “Porto Alegre Cidade que Aprende”, propondo uma revisão nos ciclos de formação. Este grupo inaugura um novo ciclo político partidário, apresentando uma aliança política em oposição ao PT e permanece até os dias atuais.

Podemos dizer que Nedi Ropke, junto com a equipe na época, abriu caminhos para o estabelecimento da Política de EA na RME de Porto Alegre.

Em 1992 na gestão da Secretária Ester Grossi, a organização da SMED se dava através da Divisão de Educação Escolar.

Neste período, foi criada a equipe de EA, a Ativação Curricular de EA na SMED para a implementação da **Lei 6586 de 1990**.

Um dos documentos refere-se à organização do GTEA – Grupo de Trabalho de Educação Ambiental da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, por volta de 1990.

Este Grupo, de acordo com o documento da época, foi criado a partir de demandas de Educação Ambiental de duas Escolas municipais de POA. Reunia representantes de secretarias e departamentos do município para articular políticas de EA para as Escolas. A portaria nº 110, de 16 de dezembro de 1993, criou oficialmente o GTEA que tinha como principal atribuição integrar as ações de EA desenvolvidos pelos diferentes órgãos da PMPA e outras instituições atuantes no município.

Naquele momento histórico a EA era um setor da SMED conhecido como Ativação Curricular de Educação Ambiental.

Um texto do arquivo da SMED no período da implementação destaca:

A existência da **Lei Municipal nº 6586/90**, prevê a obrigatoriedade de Programas interdisciplinares de Educação Ambiental em nível curricular, nas escolas da RME, cabendo à SMED a responsabilidade da formação dos profissionais de educação que irão desenvolver tais atividades na escola.

Para efeitos desta Lei, Educação Ambiental é definida como:

- I. O desenvolvimento de consciência crítica sobre a problemática ambiental, compreendendo-se como crítica a capacidade de captar a gênese e evolução dos problemas ambientais biofísicos, quanto sociais, políticos, econômicos e culturais;
- II. O desenvolvimento de habilidades e instrumentos tecnológicos necessários à solução dos problemas ambientais;

- III. O desenvolvimento de atitudes que levem a participação da comunidade na preservação do equilíbrio ambiental; os problemas ambientais. Também em nível federal, a portaria nº 678, de 14 de maio de 1991 do Ministério da Educação, determina que os sistemas de ensino em todas as instâncias, níveis e modalidades contemplem, nos seus respectivos currículos, temas/conteúdos referentes à Educação Ambiental.

De acordo com histórico da EA no período da implementação da Lei de 1990, Del Pino² (1995), traz importante aspecto a ser considerado na implementação desta Lei: *“A Lei Municipal 6586/90 ocorreu num momento histórico em que várias propostas de **inclusão da disciplina de EA** (grifo meu) nos currículos escolares estavam sendo apresentadas. Estas propostas, no entendimento dos que propuseram a Lei, deviam ser bloqueadas através de um projeto substitutivo via Câmara de Vereadores. Foi proposto, então, o desenvolvimento de projetos de EA nas escolas municipais em oposição a uma disciplina”.*

É importante contextualizar o que vinha acontecendo no mundo para que aqui em Porto Alegre fosse organizada uma Lei para implementação da EA nas escolas.

Em 31 de outubro de 1981 foi promulgada a Lei Federal nº 6938 que instituiu a PNMA – Política Nacional de Meio Ambiente, alterada depois pelas Leis 7804/89 e 8028/90, regulamentada pelo Decreto nº 99.274/90.

Já em 1987, temos um Plano Internacional, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED) instituídas pela ONU em 1983, promulgou um relatório intitulado: “Nosso Futuro Comum” (Gro Harlem Brundtland – 1ª Ministra da Noruega), onde várias reflexões voltadas à escassez de recursos naturais e energias; à miséria de vários povos e conseqüente degradação dos ecossistemas; à poluição industrial e necessidade de mudar hábitos de consumo e produção, induziram à recomendações à todas as nações, para que, através de mudanças legais e institucionais viessem a buscar o desenvolvimento sustentável, eliminando a pobreza e os padrões de consumo exagerados para garantir dignas condições de vida e um ambiente equilibrado para esta e para as futuras gerações.

² Polígrafo escrito em 1995 pelo assessor Ronimar Del Pino. Acervo do Memorial da SMED/Biblioteca.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o meio ambiente adquire um status importantíssimo, principalmente com dispositivos como citados no Artigo 225:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1.º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao poder público:

I - preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas;

II - preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação de material genético;

III - definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção;

IV - exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade;

V - controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente;

VI - **promover a educação ambiental** (grifo meu) em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;

VII - proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade.

§ 2.º Aquele que explorar recursos minerais fica obrigado a recuperar o meio ambiente degradado, de acordo com solução técnica exigida pelo órgão público competente, na forma da lei.

Em 1992, é realizada a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), no Rio de Janeiro, conhecida como RIO 92, onde os principais pontos do Relatório Brundtland foram discutidos. Os documentos assinados nesta conferência foram:

- CARTA DA TERRA, que firma os princípios para o uso sustentável dos recursos naturais do Planeta;
- AGENDA 21, estabelecendo, em maior prazo, como pacto entre as partes, temas, planos, projetos, metas e operação da execução para cada tema da conferência;
- ACORDOS E TRATADOS INTERNACIONAIS, dentre os quais destacam-se a Convenção sobre Biodiversidade; Convenção sobre Mudanças Climáticas; e Acordos para Conservação e Desenvolvimento Sustentável em Florestas.

Mais adiante, temos a Lei Nº 9.795/99 que instituiu a PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental, de forma obrigatória em todos os níveis de ensino.

Esta lei regulamenta a previsão feita pela PNMA, em seu artigo 9º, que considerou a educação ambiental um instrumento da política ambiental e o previsto no artigo 225 da Constituição Federal.

O Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, regulamenta a Lei 9795/99 e dá outras providências:

Art. 1º A Política Nacional de Educação Ambiental será executada pelos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), pelas instituições educacionais públicas e privadas dos sistemas de ensino, pelos órgãos públicos da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, envolvendo entidades não governamentais, entidades de classe, meios de comunicação e demais segmentos da sociedade.

Em seu artigo 2º cria também o Órgão Gestor que institui como responsáveis pela coordenação da Política Nacional de Educação Ambiental os Ministérios do Meio Ambiente e Ministério da Educação, desta importante união, organiza-se em 2003 a primeira Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente nas Escolas, tornando-se também um marco da EA no conjunto da educação no Brasil.

É neste contexto que Porto Alegre se organiza, os movimentos mundiais tinham um forte apelo pela desaceleração do desenvolvimento a qualquer custo, para isto foram sendo criadas estratégias para conter o apelo ao consumo e para uma visão de mundo mais equilibrada diante da finitude dos bens naturais.

A Lei Municipal nº 6586/1990 é talvez uma tentativa de acompanhar estas recomendações, atendendo também o olhar atento do movimento ambientalista do RS, vanguarda no Brasil.

A assessoria pedagógica tinha como mais importante incumbência para a implementação dessa Lei, oferecer cursos de capacitação em EA para professores da RME atuarem nas escolas, na perspectiva da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade.

Ainda na narrativa histórica da professora Nedi Ropke, quanto ao momento em que aconteceu a diluição da Equipe de Ativação Curricular da EA e porque ela enquanto protagonista frustrou-se mais adiante com os caminhos que a EA estava tomando, esta relata que acredita que foi por volta de 1993 / 1994 que a SMED se configurou a partir de Equipe Multidisciplinar. Diz que a assessoria tinha que dar

conta de tudo ao mesmo tempo. A professora lembra-se de um episódio em que esteve em uma escola para acompanhar o projeto ambiental e a direção só queria falar sobre o problema de torneira estragada e outros problemas de estrutura, ela ficou muito frustrada e percebeu que seu papel pedagógico estava comprometido.

A partir de seu relato, pudemos lembrar que foi por este período que as direções de escola tiveram que abarcar em suas gestões a escola como um todo, estrutura, pedagógico, financeiro... então foi um período em que as questões pedagógicas ficaram comprometidas também para as equipes diretivas que passaram a ter que gerenciar verbas até mesmo para trocar uma torneira o que antes era tarefa da mantenedora.

Neste período, todos assessores tinham que responder pela Educação Ambiental pelo entendimento de sua interdisciplinaridade e inserção curricular.

A equipe de Ativação Curricular de Educação Ambiental foi diluída. Tal diluição promoveu o esvaziamento, o abandono, pois se está em todos os lugares não estando, acaba por perder força até chegar a lugar algum. Esta tristeza é percebida no relato da professora Nedi.

Mais adiante, seriam formados os GTs, Grupos de Trabalho na Assessoria Pedagógica, desde a Educação Ambiental, Sexualidade, eram os conhecidos temas transversais.

A EA era destinada a área de Ciências, os assessores da área integravam este GT, então era um GT de Ciências!

A SMED participava do GTEA – Grupo de Trabalho em Educação Ambiental da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e, de acordo com o histórico deste período escrito pelo assessor na ocasião, professor Ronimar Del Pino³, “(...) a partir de 1994, a SMED procurou orientar ações integradas com as secretarias que compõe o GTEA, junto aos professores, por região da cidade. Discutindo o problema in loco.”

Destaca também que

[...] a unicidade da ciência, a multidisciplinaridade dos fenômenos e a relativização da verdade são bases fundamentais para a interdisciplinaridade no estudo do ambiente escolar. Este foi o entendimento que perpassou nas cerca de trinta reuniões realizadas nos

³ Polígrafo do acervo do Memorial da SMED/Biblioteca.

7 Núcleos de Ação Institucional (NAI) que representou a Organização Regionalizada das Escolas Municipais conforme o Orçamento Participativo. [...] A proposta orientada pela SMED de se trabalhar temas geradores conforme diagnóstico temático junto à comunidade e alunos, e a partir disto, fazer a redução temática para conteúdos de Sala de aula garante que o ambiente dado na comunidade necessariamente, seja levado em consideração e seja abordado sobre diversos aspectos interdisciplinares.

A organização regionalizada através dos NAIs permaneceu por um longo período. A partir do ano de 1998, ingressei na assessoria pedagógica, como assessora da Educação Infantil, nas regiões 2 (Norte) e depois 5 (Norte). Neste período minha carga horária era de 30h, a SMED se organizava por GTs, onde os temas ditos transversais eram debatidos por grupos de assessores integrantes dos NAIs, após muitas tentativas, consegui integrar o GT de Educação Ambiental, era a única pedagoga, pois era formado por assessores da área de ciências. Com o tempo, fui representando o então Secretário José Clóvis nos eventos alusivos à Educação Ambiental, sendo que ainda em fins de 1999 assumi 40h na assessoria, sendo 10h para as atividades de Educação Ambiental.

Neste período, acompanhei o lançamento do Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al., 1998) e sua ampla divulgação na RME de POA. As apresentações e a entrega de exemplares da obra nas escolas percorreram todas as regiões da cidade. A obra que se tornou referência para a referida rede, foi possível através da parceria entre a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Através desta parceria, o Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al., 1998), contou com 54 autores da Prefeitura Municipal de Porto Alegre nos cerca de 200 autores que participaram de sua confecção. Tais características, além de sua linguagem acessível a qualquer público, revelam porque a obra é tão importante para os servidores da PMPA, sejam professores ou técnicos.

O professor Rualdo Menegat do Instituto de Geociências da UFRGS, coordenador geral do Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al., 1998), foi também Secretário Adjunto da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAM) no período de 1994 a 1998, tendo Gerson Almeida como Secretário do Meio Ambiente na gestão do prefeito Tarso Genro.

Em 1999 ocorreu o primeiro Curso do Atlas Ambiental de Porto Alegre – Usos e aprendizagem em Sala de Aula. A maioria dos professores contemplados com vagas para o Curso do Atlas Ambiental de Porto Alegre – Usos e aprendizagem em Sala de Aula no período de 1999 eram da área de ciências, até pela característica da Educação Ambiental que marcava aquela época. As duas últimas edições do Curso tiveram sua área de abrangência bem mais aberta para as diferentes áreas e níveis do conhecimento, oportunizando inclusive vagas aos professores da educação infantil.

Tal diversidade enriqueceu muito os cursos e desafiou ainda mais os professores a abarcar uma responsabilidade de se fazer entender para além das questões inerentes aos conteúdos expostos, tornando as trocas mais interessantes a todos. A partir do referido Curso, muitos e diversos projetos e ações surgem nas escolas.

Já em 2001, com a entrada de nova gestão, a partir da apresentação de projeto para Educação Ambiental na RME, inicio com carga horária de 40h para a assessoria de Educação Ambiental e a organização da secretaria se modifica.

Terminam os GTs e no lugar deles temos a proposta da criação do Núcleo de Temáticas Contemporâneas da SMED, onde temos: Educação Ambiental, Educação para a Paz, Gênero e Etnia e Protagonismo Juvenil. Em 2002, a equipe aumenta com a entrada da colega Liane Roque para compor comigo a Educação Ambiental.

Em 2000, duas professoras da rede e eu participamos do Curso: Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis, promovido pela Fundação Gaia em uma Escola em Viamão. Para este Curso, a Fundação trouxe a neozelandesa Robina McCurdy com o programa de Educação Ambiental Contínua baseada no *SEED* (Programa de Educação Ambiental e Desenvolvimento da Escola) criado pela ministrante.

Através desta metodologia, se desenvolve a educação ambiental nas escolas de forma prática, participativa e criativa, resgatando a cultura local e reunindo toda a comunidade escolar em um objetivo comum: melhorias concretas da situação ambiental e social da escola, baseadas nos princípios e técnicas da Permacultura⁴.

⁴ É um sistema de *design* para a criação de ambientes humanos sustentáveis. A palavra em si não é somente uma contração das palavras **permanente** e **agricultura**, mas também de **cultura permanente**, pois culturas não podem sobreviver muito sem uma base agrícola sustentável e uma ética do uso da terra. Seu objetivo é a

No ano seguinte, reunindo as professoras que participaram do curso e os parceiros que apoiaram a proposta trazida por Robina, adaptamos para a nossa rede e organizamos na EMEF Chapéu do Sol o nosso primeiro Curso de Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis com a participação da escola, escolas do entorno, professores e parceiros convidados.

O resultado foi acima das expectativas, pela interação e participação de todos, bem como pelas transformações criativas ocorridas no pátio da escola.

No ano seguinte, em 2002, o desafio estendeu-se para uma escola bem maior, através de uma demanda da EMEF Grande Oriente por problemas de violência no pátio escolar, propomos o Curso e a transformação do ambiente escolar, pois já na entrada da escola, sentíamos a aridez e o pátio apenas como lugar de passagem e não um lugar para se estar de forma prazerosa. Foi um sucesso, o envolvimento de todos foi incrível e é esta uma das escolas que apresento como referência neste quesito. Foram realizadas edições do Curso também nas Escolas Infantis: Nova São Carlos, Maria Marques Fernandes e Jardim Bento. Na sequência, fomos assessorando e organizando Mutirões de Revitalização do Pátio Escolar, tendo em vista a grande demanda das escolas por organizar os pátios através do planejamento coletivo, envolvimento da comunidade escolar vendo neste, um lugar alegre, vivo, rico em situações de aprendizagens e também lúdico, acolhedor.

Estes movimentos contaram com parcerias muito importantes, a Fundação Gaia, o Viveiro Municipal de Porto Alegre, o Centro Agrícola Demonstrativo, ETA Viamão e outros que ao longo da caminhada foram se agregando. Este período marca o início dos Mutirões nas escolas, normalmente em sábados letivos trazendo parcerias externas, comunidade, envolvendo as diversas áreas e níveis do conhecimento, promovendo ricas trocas entre os professores da própria rede de forma solidária.

Ainda em 2001, inicia o Grupo de Formação Continuada em Educação Ambiental da RME, tendo seu primeiro encontro na EMEF Ana Iris do Amaral, escola que sempre teve seu projeto voltado à temática ambiental. O grupo inicia quinzenal, depois mensalmente e permanece até os dias atuais.

Em um chamamento especial, à noite, aconteceu um encontro das escolas para tratar da regulamentação da Lei 9795/99, que gerou um documento que foi encaminhado ao MEC para o Encontro de Educadores Ambientais ocorrido em 2002 (APÊNDICE A).

Ainda em 2001 inicia o Grupo de Gestão Ambiental Local da SMED, que se oficializa através da portaria 370, de 14 de outubro de 2004 (Figura 1) Este grupo formado por representantes de setores que ocupam o prédio de nº 680 da Andradas, tem como objetivos: Sensibilizar os profissionais que desenvolvem suas atividades profissionais no prédio da SMED e SMIC para as questões socioambientais, de forma que todos se percebam e se comprometam como gestores ambientais a partir de seu local de trabalho, desencadeando ações, reformulando hábitos e atitudes que sejam ambientalmente saudáveis. Promover momentos de reflexão, onde através do diálogo possam ser construídas estratégias capazes de efetivar na prática, a sustentabilidade. Buscar conhecimentos relativos à região onde estamos inseridos, seu histórico e, a partir daí, estabelecer relações entre o global e o local. Valorizar a participação e contribuição de todos os funcionários, observando a mudança de hábitos e atitudes, fortalecendo as relações e a autoestima dos mesmos.

Figura 1 - Recorte do DOPA

DESIGNA TERESINHA SÁ OLIVEIRA, professora, 52318.3; **ELIANA REGINA MENEGAT**, professora, 79519.5; **LUÍS HENRIQUE ESCANHUELA TOMAZONI**, assistente administrativo, 46472.7; **HEITOR FERNANDO SOARES**, inspetor do alunos, 40495.4; **NEUSA MARIA DA ROCHA RIBEIRO**, professora, 69301.0; **CRISTINA SANTOS DA ROCHA**, assistente administrativa, 86119.5; **MAGDA MARION PRATES**, auxiliar de serviços gerais, 56714.9; **SÉRGIO NUNES FAGUNDES**, professor, 53030.3; **MARIA DO CARMO DE SOUZA**, professora, 50082.7; **DENISE DA MOTTA BACELLAR**, assistente administrativa, 52123.7; **JUSSARA LOURDES DIAS CORREIA**, professora, 54929.5; **MARY SUEZ PINHEIRO DE SOUZA**, especialista em educação, 19474.6; **IRACEMA MARTINS DE LIMA**, cozinheira, 60303.5; **LIANE ARRIAL ROQUE**, professora, 72523.4; **MARIA APARECIDA B. CAMARGO**, professora, 18891.2; **MARTA BEATRIZ DA ROSA**, professora, 59767.4; **SÔNIA VANESSA DE OLIVEIRA BATISTA**, contínua, 17513.3; **MARILÉIA M. SERAFIM**, assistente administrativa, 68058.7; **ANA CLÁUDIA SOUZA ZATT**, professora, 50328.4 e **ROSA DE FÁTIMA PEREIRA**, professora, 48408.9, para, sob a coordenação dos três primeiros, constituírem e integrarem o Grupo de Trabalho Gestão Ambiental Local, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, a contar de 1º.1.03, com o objetivo de adotar práticas sustentáveis voltadas para a qualidade de vida no trabalho, buscando possíveis soluções para problemáticas ambientais locais, através da Portaria 370 de 14.10.04.

Fonte: Arquivo da autora.

Este grupo vem a fortalecer a implementação da política de EA nas escolas, pois se envolve e participa dos diversos movimentos que a EA realiza nas escolas e na cidade.

Em 2001 foi organizado um folder apresentando as Políticas de EA da SMED para o Fórum Mundial de Educação, conforme Figura 2.

De 2003 a 2004 a Educação Ambiental encontrava-se distribuída através da organização por regionais que na SMED, encontrando sempre a mesma dificuldade em se fazer representar junto ao Gabinete, o que dificultava na maioria das vezes um olhar mais atento deste para as ações desenvolvidas pela temática e sua relevância.

Figura 2 - Folder confeccionado em 2001 para divulgação no Fórum Mundial de Educação

Programa de Revitalização dos Espaços Educativos e Comunitários

Este programa busca, através da participação criativa e interativa de toda comunidade escolar, promover e criar um ambiente mais vivo, saudável, rico em situações de aprendizagem; alegria e entusiasmo de todos(as) envolvidos(as); cooperação e afeto nas relações sociais; difusão de atitudes e valores ecológicos para toda a comunidade. O programa propõe ainda a valorização do ser humano, sua integração e interação com o lugar onde vive, de forma a resgatar os princípios básicos de convivência entre seres humanos e destes com o ambiente natural que os cerca, contribuindo, desta forma, para a construção de comunidades sustentáveis.



Grupo de Trabalho Gestão Ambiental Local

Tem como objetivo sensibilizar os(as) funcionários(as) da Secretaria para as questões ambientais, fazendo com que cada um(a) perceba-se como gestor(a) ambiental, engajado(a) na busca de um ambiente saudável. Periodicamente, são realizados encontros para determinar problemáticas locais, encontrar soluções coletivas e estimular mudanças de hábito, como por exemplo, a redução do uso de papéis, a separação de resíduos, a utilização de papel ecológico, entre outros.



Grupos de Formação Contínua em Educação Ambiental

A SMED mantém um Grupo de Formação Contínua em Educação Ambiental que reúne educadores(as) de todos os níveis e modalidades de ensino em encontros mensais para discutir a temática e construir coletivamente políticas de Educação Ambiental para a Rede Municipal de Ensino. Através da reflexão e da troca de experiências, procura inserir a educação ambiental nos projetos político-pedagógicos das escolas, potencializando ações e parcerias destas com instituições e comunidade.



CURSOS

A Educação Ambiental promove durante o ano alguns cursos como:
 "Educação Ambiental para comunidades sustentáveis" (Através do Programa de Revitalização), em parceria com SMAM / DNLU / SMAE / Fundação Getul / ETA-Viamão / UFRGS / Empresa Vida/Kiabin e outros. "Atlas Ambiental de Porto Alegre - Usos e aprendizagens em sala de aula", em convênio com a UFRGS. Além de Cursos, a Secretaria realiza palestras, oficinas, seminários, painéis e procura acompanhar as ações e projetos desenvolvidos na Rede Municipal de Ensino e rede convertida, juntamente com os parceiros do GTEA - Grupo de Trabalho em Educação Ambiental da FMPA.

políticas de educação ambiental
 SMED - Secretaria Municipal de Educação

Fonte: Arquivo da autora.

Em 2005, inicia um novo bloco político de oposição ao PT na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Na perspectiva de colocar em prática muitas coisas que eu havia vivenciado na assessoria às escolas, optei por retornar à rede e fui para a EMEF José Mariano Beck. Com a proposta da nova gestão, de continuidade ao projeto ambiental em sua íntegra, em meados de maio de 2005 eu retorno 20h, ao final do ano completo 40h.

Neste período, a organização da SMED se dava através de Agenciamentos Pedagógicos Coletivos – APCs onde inicialmente se instalava a assessoria de educação ambiental, dentro das Tessituras Educativas. Logo a seguir a assessoria de educação ambiental se fixou em um dos Arranjos, o Arranjo 4 e mais adiante buscou identificar um assessor de cada Arranjo para fortalecer a educação ambiental. Mais adiante, passou para a designação de regionais, como já o fora antes, em 2009, foi criado o GAP - Grupo de Apoio Pedagógico e ali ficou instalada a assessoria de educação ambiental juntamente com outras temáticas como Relações Étnicas, Música, Gênero... Neste período contamos com o reforço da professora Rosa Maris Rosado na Educação Ambiental.

Quanto ao GTEA que reunia as secretarias e departamentos para unificar as propostas de Educação Ambiental, seguiu suas atividades até meados de 2004 com esta configuração, sempre na tentativa de reunir e propor ações coletivas.

Com a troca do bloco político em 2005, este grupo se dissolve temporariamente. Com a entrada de alguns novos atores na cena política da EA na cidade, surge a proposta do CGEA, Comitê Gestor de Educação Ambiental da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, também na perspectiva de integrar as ações de EA das secretarias e departamentos da municipalidade, sob a coordenação da SMAM.

O Comitê Gestor de Educação Ambiental (CGEA) criado em junho de 2007, pelo decreto municipal número **15.588** tinha como objetivos:

- Propor e implementar políticas de educação ambiental em Porto Alegre.
- Promover a integração entre as ações de educação ambiental dos 14 órgãos diferentes da administração municipal;
- Disseminar o conhecimento e sensibilizar a população de Porto Alegre às questões ambientais;
- Fomentar de parcerias entre os órgãos municipais, estaduais e federais, grupos da sociedade civil e empresas.

Ao final de 2009, tivemos o IV Congresso Municipal de Educação e conseguimos aprovar por unanimidade propostas que nos auxiliam no fortalecimento da Educação Ambiental nas escolas da RME de Porto Alegre na busca de garantir algumas conquistas desta rede.

Propostas aprovadas por unanimidade no IV Congresso Municipal de Educação em 2009:

APROVADA ADITIVA - 2.2- Escola como centro de saberes do lugar, articuladora de ações pedagógicas em Educação Ambiental, envolvendo a comunidade através de práticas que a constituam em uma “Escola Sustentável” a partir de seu projeto arquitetônico. - TERESINHA SÁ, SÍLVIO CAVERDE, EDNA AZEVEDO, ROSA ROSADO, VINICIUS MACHADO, ANA MARIA MACHADO, CLAUDIA REGINA LUDKE, LUCIANA CAVERDE SILVA, MARIA APARECIDA ALIANO MARQUES, MARLI PEREIRA.

APROVADA ADITIVA - 2.3 – Garantir a inserção da Educação Ambiental em consonância com as diretrizes do Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) e a Política Nacional de EA (PNEA) Lei 9795/99. Efetivando a participação infanto-juvenil, promovendo o protagonismo da comunidade escolar nos PPPs, fortalecendo ações como: Permacultura na escola; implementação dos LIAUs (Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano), Com-Vida; e formação continuada.– TERESINHA SÁ, SÍLVIO CAVERDE, EDNA AZEVEDO, ROSA ROSADO, VINICIUS MACHADO, ANA MARIA MACHADO, CLAUDIA REGINA LUDKE, LUCIANA CAVERDE SILVA, MARIA APARECIDA ALIANO MARQUES, MARLI PEREIRA.

Infelizmente, nem sempre contamos com a seriedade e profissionalismo dos gestores que circulam por entre os corredores da política, então resta-nos sempre a esperança de não deixarmos de registrar estes momentos significativos que denotam o protagonismo e a seriedade com que os educadores ambientais de Porto Alegre tratam as questões ligadas às políticas de EA nas escolas da RME de Porto Alegre.

Com o tempo aprendemos que para enxergarmos resultados temos que agir em algumas situações, por mais difícil que seja, e em outras permanecer em silêncio e só observar, acima de tudo ter muita paciência, pois o pensamento precisa organizar-se e isto não acontece repentinamente.

4 EXPERIMENTAÇÕES DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE POA

A RME de Porto Alegre é composta por 96 escolas distribuídas nas quatro regiões da cidade, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 - Mapa da RME de Porto Alegre



Fonte: Gestão de Obras da SMED.

A maioria das Escolas Municipais de POA situa-se em áreas social e ambientalmente precárias. Algumas ocupações encontram-se em áreas de risco, nas encostas dos morros, nas margens dos arroios, nas proximidades do Lago Guaíba e em outros locais onde residem famílias em situação de vulnerabilidade social.

A geração de renda prioritariamente é de trabalho informal e/ou precarizado, havendo ainda um alto índice de desemprego.

A RME de Porto Alegre ao longo desta última década, dentre as diversas mudanças que experimentou, promoveu a articulação da Educação Ambiental aos currículos escolares.

As escolas que serão citadas nesta dissertação são apenas algumas das tantas escolas que vêm desenvolvendo ações e projetos voltados à EA.

É importante ressaltar que talvez este trabalho não faça justiça ao grande envolvimento de educadores ambientais com a proposta de implementação, porém as escolas citadas e também os educadores ambientais que colaboraram, poderão trazer à tona elementos necessários à visualização da política de EA na RME ao longo desta última década.

Nos primeiros tempos, a EA apresentava-se comprometida com a área de Ciências. Muito comum, também, encontrar hortas e/ou canteiros nas escolas como experiências de educação ambiental, sem, entretanto, a reflexão do grupo, ou o entendimento de que a educação ambiental requer mudanças de hábitos e atitudes e que oferece uma gama enorme de conhecimentos em todas as áreas do conhecimento.

Os diversos movimentos de reflexão e trocas que ocorreram na e fora da RME, foram produzindo conhecimentos acerca da educação ambiental de forma inter e transdisciplinar, hoje temos muitas experiências enriquecedoras.

Atualmente, a Resolução Nº 4 de 13 de julho de 2010 que compõe as Diretrizes Curriculares Nacionais, traz o entendimento de eixos temáticos como uma forma de organizar o trabalho pedagógico, limitando a dispersão do conhecimento, fornecendo o cenário no qual se constroem objetos de estudo, propiciando a concretização da proposta pedagógica centrada na visão interdisciplinar, superando o isolamento das pessoas e a compartimentalização de conteúdos rígidos.

A transversalidade é aqui entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas e eixos temáticos são integrados às disciplinas e às áreas ditas convencionais, de forma a estarem presentes em todas elas.

A transversalidade difere da interdisciplinaridade e ambas complementam-se, rejeitando a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado. A transversalidade refere-se à dimensão didático-pedagógica, e a interdisciplinaridade, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento.

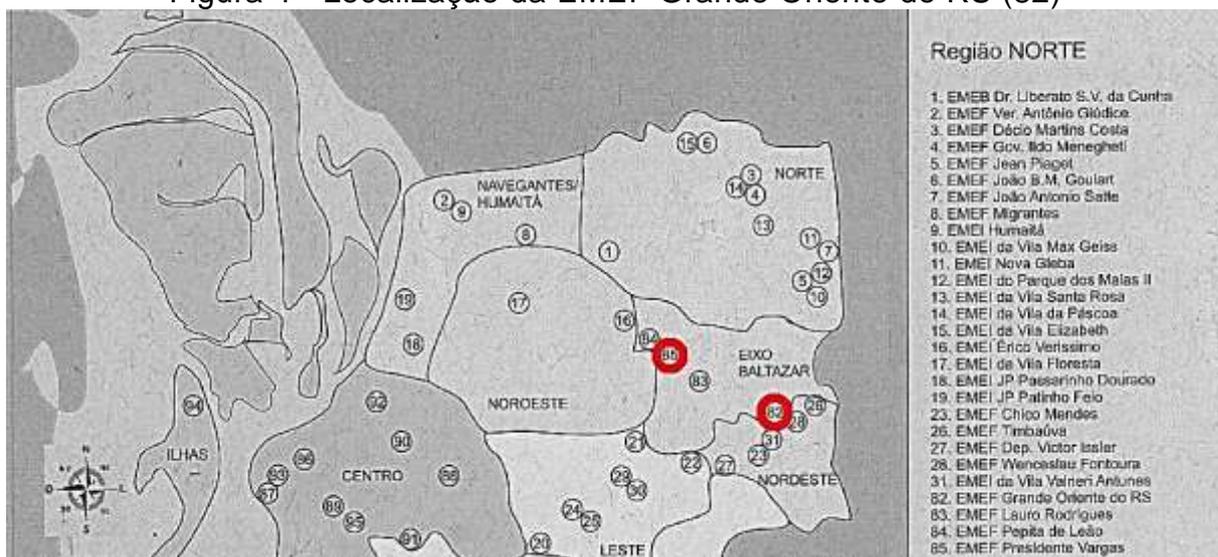
Neste sentido, podemos enxergar a EA como um tema interdisciplinar de forma a reunir as diversas áreas do conhecimento e romper com a rigidez dos conteúdos, mas também a vemos como um tema transversal por facilitar a organização do processo pedagógico através de um projeto coletivo que possui fios condutores que integram os conhecimentos e dá mais sentido ao processo ensino-aprendizagem-aprendizagem-ensino.

Há muito tempo se fala e se busca romper com a compartimentação e rigidez que demarcam fortes fronteiras entre as áreas do conhecimento, mas creio que a vivência cotidiana das escolas apenas reproduz outras tantas fronteiras, marcadas em cada um de nós antes mesmo de estarmos professores. Vale então, apostar em projetos ousados, criativos, que organize estes eixos temáticos e reúna áreas no compartilhamento de ações e propostas.

4.1 EMEF GRANDE ORIENTE DO RS

A EMEF Grande Oriente localiza-se no Bairro Ruben Berta, situado no limite norte da cidade, fazendo divisa com o município de Alvorada e, ao sul, com o bairro Sarandi, conforme Figura 4. Atualmente, é o bairro mais populoso da capital.

Figura 4 - Localização da EMEF Grande Oriente do RS (82)



Fonte: Gestão de Obras da SMED.

Para caracterizar a EMEF Grande Oriente do RS que tem grande colaboração na organização da EA na RME de Porto Alegre, tivemos a contribuição da escola com alguns trechos de seu PPP- Projeto Político Pedagógico:

Inaugurada em março de 1987, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Grande Oriente do Rio Grande do Sul, localiza-se no Conjunto Residencial Ruben Berta. O Conjunto Habitacional (COHAB) Ruben Berta, contava com um projeto arquitetônico que previa inicialmente 32 núcleos, compostos por quatro edifícios cada, tendo no centro uma área comum de lazer. Porém, com o tempo, este espaço foi altamente modificado, construções irregulares e outras edificações passaram a fazer parte da paisagem, juntamente com os prédios e o asfalto.

A escola cresceu e hoje conta com 23 salas de aula, atendimento nos três turnos, mantendo relações estreitas com a Comunidade, Associação de Moradores (AMORB), Posto de Saúde e Igreja.

Procura-se também estabelecer diálogo com as Creches Comunitárias e SASE (Serviço de Apoio Sócio Educativo) da comunidade para acompanhar o desenvolvimento integral do aluno.

Em sua prática, a escola trabalha com projetos de apoio à aprendizagem e inclusão dos alunos, sendo eles: LIAU, Mais Educação, Projeto da Paz, Projeto de Música, Escola Aberta. A escola preocupa-se a cada ano em ampliar projetos que contemplem as demandas da comunidade escolar.

O Projeto Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano – LIAU é uma forma de preservar a memória do bairro. Tem por objetivo sensibilizar os alunos e a comunidade na qual a escola está inserida, reforçando a importância da Educação Ambiental, estimulando novos hábitos e atitudes que conduzam a um relacionamento mais harmônico entre os seres e o meio ambiente.

O Programa Mais Educação, busca manter o aluno mais tempo na escola, através de oficinas diárias em turno inverso às aulas.

O Projeto Construindo Caminhos para a Paz, visa à inserção dos alunos em atividades diferenciadas que os desafie a superar limites impostos pelo desnível social, procurando elevar a autoestima dos mesmos. Neste sentido, o Projeto conta com a Rádio Web, o jornal da escola e um periódico mensal, para divulgação dos fatos ocorridos na comunidade.

O Projeto de Música atende alunos no turno inverso, proporcionando vivências com músicas e instrumentos musicais.

O Projeto Escola Aberta acontece nos finais de semana e conta com oficinas diversas de esporte e lazer.

Atualmente a escola conta com cerca de 1200 alunos e segue com o projeto de Educação Ambiental iniciado em 2002 conforme a narrativa da professora de Geografia Loreci Zancanaro que iniciou esta proposta até a implementação do LIAU em 2007:

O Projeto de Educação Ambiental iniciou em setembro de 2002, com o 2º curso promovido pela coordenação de Educação Ambiental da SMED, pelos motivos de nossa escola estar localizada em um dos bairros mais violentos de Porto Alegre, e terem ocorrido, na época, muitos casos de violência entre os alunos, além da aparência feia, inóspita, estéril que o pátio escolar tinha, com pouquíssimo verde.

O curso teve a participação de diversas secretarias municipais: SMAM, DMLU, Escola Técnica Agrícola de Viamão, Fundação Gaia, professores de várias escolas, além de um grupo de nossa escola formado por professores e alunos de diferentes turmas e turnos, pais e funcionários. Onde se discutiu com toda a comunidade o que queríamos ter em nosso espaço escolar e a culminância foi o 1º Mutirão da Escola.

Após este acontecimento passamos a cuidar do que havíamos conseguido realizar, com a colaboração de grande parte da escola. Os mutirões continuaram a ocorrer, passando a serem incluídos no calendário da escola com expectativas por toda a escola.

No início, (meados de 2003) a carga horária foi de 10 horas divididas com outra colega e depois a partir de 2009 foi disponibilizada 20 horas.

Desde 2002 a 2012 em que passei na coordenação de Educação Ambiental e LIAU, participei, sempre que possível dos cursos de formação, seminários e também convidando outras colegas para participarem.

No PPP o projeto Meio Ambiente tem por objetivo sensibilizar os alunos e a comunidade na qual está inserida da importância de Educação Ambiental, estimulando novos hábitos e atitudes que conduzam a um relacionamento mais harmônico entre os seres e o meio ambiente.

As turmas se engajam nos projetos que a escola oferece, funcionando no contra-turno, com o envolvimento dos professores de acordo com o projeto pedagógico desenvolvido no trimestre, seja através de oficinas, campanhas, mutirões e visitas a outros locais. A cada Mutirão nem

precisa falar, os professores trazem caixas de flores para contribuir e cada um quer ajudar de alguma forma. As turmas de acordo com o planejamento e participação dos professores nas diversas ações da escola: horta, jardim, composteira, irrigação por gotejamento, relógio do corpo humano, com estudos sobre as plantas, e plantio e identificação das árvores frutíferas nativas de nosso pomar.

A professora Loreci desde o início do projeto em 2002 conseguiu envolver e articular as diversas áreas do conhecimento na construção das propostas, sendo que a partir de 2003, a escola já contava com Mutirões de Revitalização do Pátio Escolar no calendário da escola que são realizados até hoje. A professora atualmente encontra-se na Biblioteca e outra professora coordena as ações de EA, entretanto, ela continua colaborando com o projeto que tem atualmente seu foco maior no LIAU como estratégia de EA na escola.

Importante destacar que o envolvimento da escola através do Curso Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis em 2002, em parceria com a Fundação Gaia, Viveiro Municipal, Centro Agrícola Demonstrativo (CAD/SMIC), ETA Viamão e demais parceiros da RME, resultou na redução da violência no ambiente escolar e o pátio da escola tornou-se um lugar de acolhimento, estímulo, alegria, um espaço lúdico e cheio de possibilidades que só foram se ampliando ao longo dos anos como um laboratório ao ar livre.

A terra antes seca e árida retribuiu com muita riqueza todo carinho que recebeu através dos cuidados de todos. Muito da identidade da escola vem destes cuidados que vão desde a implementação de cisterna, mandala de medicinais, horta, canteiros, pomar de nativas, irrigação por gotejamento, compostagem e outras experiências que vão se agregando a esta proposta tão bela e envolvente.

E, mesmo com tantas propostas pulsando dentro da escola, sempre pudemos contar com a presença e contribuições da professora Loreci e do grupo de professores da escola na organização dos Seminários de EA, nas Formações Continuadas e outras demandas de implementação da Política de EA que necessitaram do suporte das escolas.

Imagens do Curso Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis em setembro de 2002 na EMEF Grande Oriente do RS. O início do curso com Fernando Jaeger Soares, na época um parceiro pela Fundação Gaia (Figura 5).

Figura 5 - Curso de Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis



Fonte: Arquivo da autora.

Outra etapa importante do Curso na escola foi o planejamento coletivo, a visualização dos sonhos e a organização do que seria possível realizar a curto, médio e longo prazo como mostra a Figura 6.

Figura 6 - Planejamento coletivo



Fonte: Arquivo da autora.

O momento da revitalização do pátio através do mutirão é sempre um momento de grande alegria e envolvimento, cada um pode contribuir e fazer parte das mudanças planejadas, como mostra a Figura 7.

Figura 7 - Mutirão de revitalização



Fonte: Arquivo da Escola.

É interessante fotografarmos o pátio escolar antes da revitalização (Figura 8), e observarmos com o grupo as transformações que vão acontecendo ao longo das atividades (Figura 9). Além de valorizar e envolver mais a todos, estabelece uma relação de pertencimento e compromisso para com o pátio escolar, promove a autonomia de cada um que participa e se sente parte deste processo.

Figura 8 - A escola antes do primeiro Mutirão



Fonte: Arquivo da Escola.

Figura 9 - Escola sendo revitalizada com a participação de todos



Fonte: Arquivo da Escola.

A entrada da escola que em 2002 era árida, sem vida, os professores costumavam dizer que nada crescia naquele solo. Hoje, com mutirões de revitalização no calendário da escola, nem parece o mesmo lugar, o pátio recebe os cuidados e intervenções de professores, alunos, funcionários e comunidade conforme mostra a Figura 10.

Figura 10 - Imagem de Mutirão de Revitalização do Pátio: Entrada da Escola



Fonte: Arquivo da Escola.

Em 2007, a professora Loreci inicia na escola a implementação do LIAU (Figura 11), juntamente com mais outras 20 escolas da rede. Cada uma em um processo diferenciado de realização, de acordo com as características da escola. A efetivação do LIAU ocorreu de forma madura, tendo em vista a continuidade e ampliação do projeto.

Figura 11 - LIAU da EMEF Grande Oriente do RS

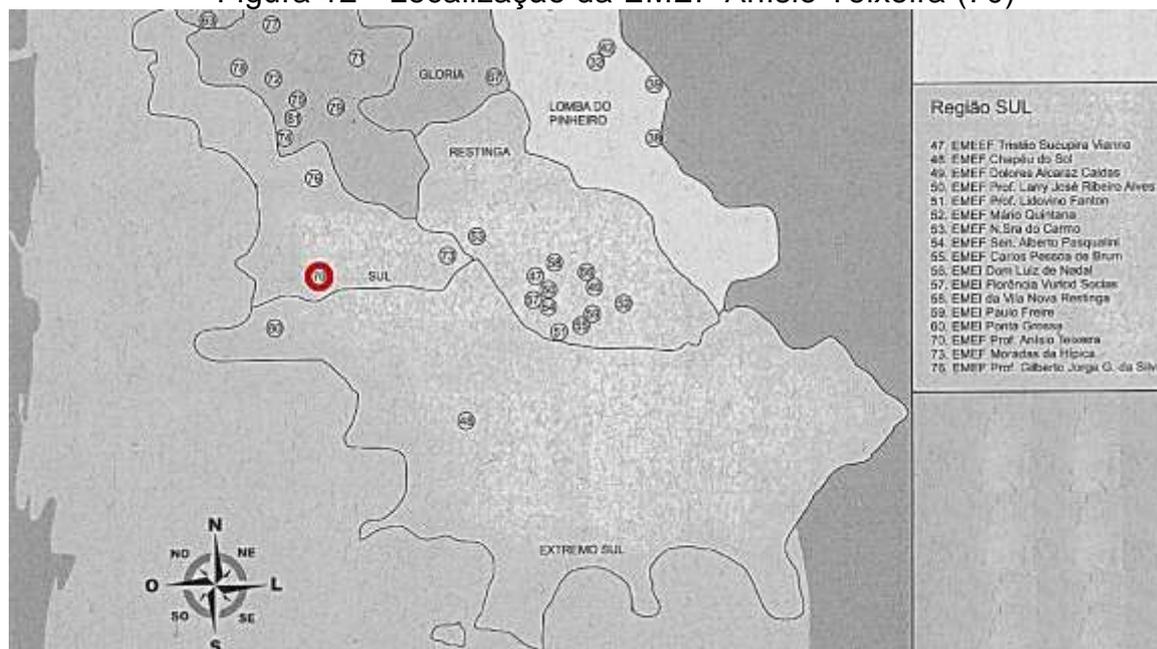


Fonte: Arquivo da Escola.

4.2 EMEF PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Anísio Teixeira, localiza-se entre os Morros da Tapera e das Abertas, na região Sul de Porto Alegre, conforme mostra a Figura 12

Figura 12 - Localização da EMEF Anísio Teixeira (70)



Fonte: Gestão de Obras da SMED.

A escola atende atualmente cerca de 1200 alunos e apresenta desde 2002 projeto de educação ambiental como descreve a coordenadora do projeto na Escola, professora Cynthia Bairros Tarragô Carvalho em sua narrativa:

A partir de 2002 comecei a participar da Formação Continuada em EA e comecei a conhecer o grupo. Iniciei a EA na escola sem carga horária, juntamente com outras escolas da região, particular e estadual. O trabalho de articulação com a comunidade, atividades integradoras na Av. Juca Batista, a problemática com o lixo eram temas fortes na ocasião. Conquistei carga horária inicial de 10h em 2002 apresentando projeto, mais adiante 20h. Assim, pude conhecer realidades de outras escolas, fazer intercâmbio com colegas e organizei o grupo ambiental de minha escola. A Formação Continuada fortaleceu o trabalho na nossa escola através das parcerias que foram iniciando ali. A assessoria de EA da SMED e os colegas da rede participavam de momentos importantes da escola. Assim, fomos constituindo outros projetos e mais escolas foram participando, teve momentos em que as escolas chegaram a ter 30h de carga horária para projetos! Através dos Seminários de EA, apresentávamos nossos projetos de EA e todas as escolas podiam se ver conhecer seus projetos, as secretarias e departamentos também participavam e podiam conhecer também e surgiam parcerias. As escolas que conheciam os projetos nos Seminários, convidavam para apresentar em sua escola e fazíamos tocas, a SMAM, DEP, DMAE sempre muito participativos se articulavam a partir do momento em que conheciam os projetos. O projeto de Permacultura, revitalização do pátio, foi muito importante e forte no início do projeto na escola.

A professora em sua narrativa traz um pouco de sua trajetória e alguns pontos de intersecção importantes na implementação das políticas de EA, como a carga horária para projetos, a formação continuada e os seminários de Educação Ambiental da RME. Um marco importante em sua trajetória, é o trabalho com a revitalização do pátio escolar, onde organiza mutirões de revitalização e realiza parcerias como EMATER, Cooperativa CrêSer, Viveiro Municipal de Porto Alegre, Centro Agrícola Demonstrativo e outros conforme mostram as imagens na Figura 13.

Figura 13 - Mutirão EMEF Anísio Teixeira



Fonte: Arquivo da Escola.

O LIAU que veio depois também é mais uma forma importante de trabalhar a EA na escola. Não fiz o curso do Atlas Ambiental, mas implementei o LIAU na escola, participo de todos Seminários do LIAU, também dos cursos de Revitalização dos Pátios Escolares, Permacultura. Conseguia articular ações integradoras de EA para todos os anos ciclos e áreas do conhecimento, também na comunidade. As ações mobilizavam toda a escola. Hoje temos outra realidade, mudaram muitos interesses, por exemplo, com o Mais Educação, temos muitas oficinas na escola, muita oferta e os alunos estão sempre pulando de galho em galho (grupo em grupo), eu sinto bastante dificuldade em dar sequencia ao trabalho com o grupo, considero até uma crítica: a escola tinha dois grandes projetos: Atletismo e Educação Ambiental e era um trabalho muito forte

na comunidade e hoje, iniciei o ano meio sem saber o que fazer...estreitamentos. Talvez outras escolas também já tenham feito esta crítica ao Mais Educação, os alunos participam de tudo e ao mesmo tempo não participam de nada. Estão na Robótica, Dança, Hip Hop, Basquete...envolve sempre quase os mesmos alunos. A política agora é números, quando antes podíamos trabalhar com os alunos por interesse, de acordo com a atual política, a escola teve que colocar na EA os alunos que tivessem o perfil do Mais Educação, deixando de fora os alunos que antes vinham com outro perfil para a oficina, perdemos em qualidade, pois o aluno protagonista, mobilizador como eu, ficou fora. Estou sempre tão envolvida com os alunos que não tenho conseguido articular com os professores como fazia antes. Tem sido difícil inclusive participar de reunião de professores na escola. Considero isto uma perda na política de EA! Desde 2007 temos o LIAU implementado na escola. A sala do LIAU foi adaptação do Laboratório de Ciências. Percebo que a política de EA permanece na rede, mas deveriam continuar os cursos do Atlas Ambiental de Porto Alegre, pois é muito rico e muita gente não conseguiu participar. Mas avalio que está cada vez mais difícil participar de cursos fora da escola com a Educação Integral, não tem como manejar horários.

A EMEF Anísio Teixeira também em sua trajetória participou de forma criativa e envolvente das três edições da Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, organizando a Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola, oferecendo formação também aos funcionários, como mostra as imagens na Figura 14, onde buscou o envolvimento de toda a comunidade escolar, sendo que na terceira edição elegeu um delegado que participou da etapa Nacional.

Figura 14 - Teatro da Formação da Com-Vida (Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida da Escola) e Oficina de Culinária para funcionários



Fonte: Arquivo da Escola.

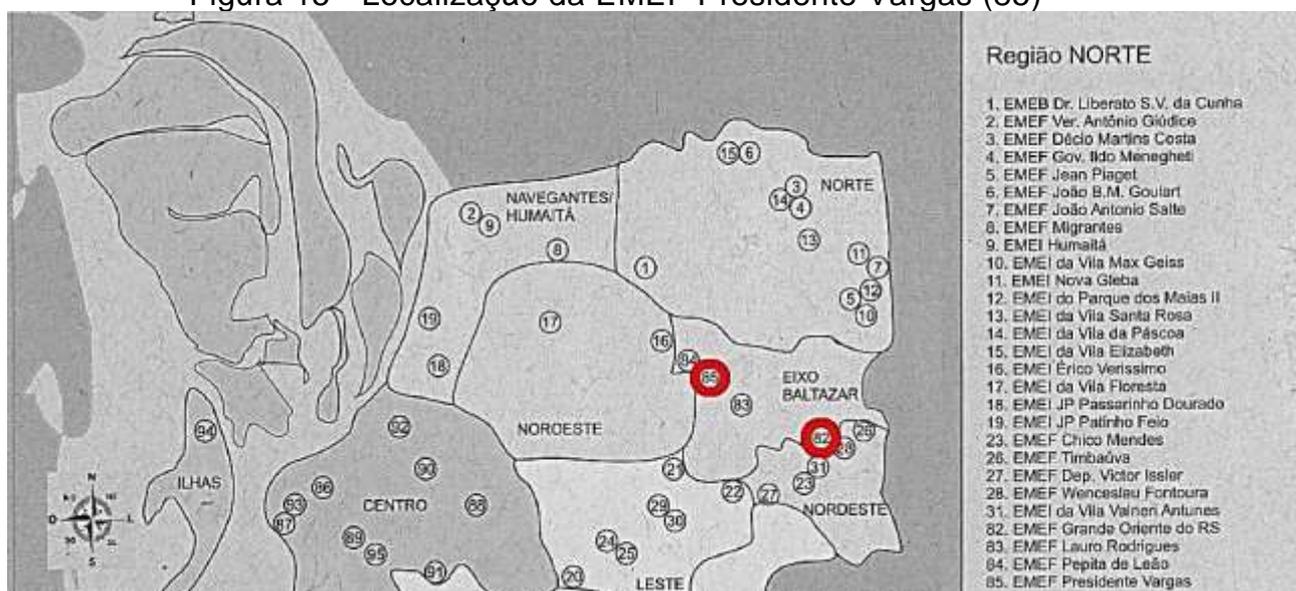
A professora Cynthia em sua narrativa pontua momentos muito significativos da caminhada da EA na rede, seus avanços e suas fragilidades. Demonstra seu protagonismo através de ações continuadas na escola envolvendo a comunidade.

Educadores ambientais como a professora Cynthia trazem vitalidade e criatividade na elaboração das políticas de EA que não seriam conquistadas se não fossem a garra e o empenho destes sujeitos em suas escolas e comunidades.

4.3 EMEF PRESIDENTE VARGAS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas localiza-se na zona norte de Porto Alegre, no Bairro Passo das Pedras que faz divisa com o Jardim Ingá e o Jardim Planalto conforme mostra a Figura 15, recebeu o nome de Passo das Pedras devido a um Arroio que nasce no Morro Santana e corta o Bairro através da antiga estrada conhecida como Passo do Feijó (atual Baltazar de Oliveira Garcia) a existência de pedras servia de referência para aqueles que usavam o caminho como alternativa entre o norte de Porto Alegre e o Oeste de Viamão, região conhecida outrora como Passo do Feijó, atualmente o Município de Alvorada.

Figura 15 - Localização da EMEF Presidente Vargas (85)



Fonte: Gestão de Obras da SMED.

Trazemos aqui o relato de uma importante protagonista das políticas de EA da RME, a professora Adriana Soleti que em sua narrativa, procura salientar sua trajetória profissional e os preciosos momentos que viveu e vive em seu fazer cotidiano de educadora ambiental:

Sou professora de artes da RME há 25 anos, sinto-me muito feliz em ter participado e estar participando deste evento tão importante que é o trabalho de educação ambiental, um trabalho de formiguinha, lento, mas profundo como as raízes das árvores que vão devagarinho mostrando as flores, os frutos. Início em 2002 quando ainda estava na Gestão (direção) da EMEF Presidente Vargas, começo a divulgar este espaço da EA com apoio da secretaria, de dinamizar, oportunizar a concretude de algumas ideias que ficavam muito na ansiedade e nos nossos objetivos, houve espaço para colocarmos o que desejávamos, de olhar o espaço da escola de maneira diferente, precisamente no ser vivo, no espaço natural. A escola encontrava-se muito árida e, no momento em que se pensa no espaço físico, pensa-se também no espaço mental: o que eu penso sobre isto, como me posiciono, começa-se a conversar mais em sala de aula pedagogicamente a atuação, o que cabe a mim, o que cabe a nós fazer. Os professores começam a interessar-se mais também, pois é concreto, é sentido, é percebido pela gente, por todos.

A experiência trazida pela escola ao longo de anos foi somando-se a outras tantas iniciativas organizadas junto ao coletivo dos educadores ambientais e uma delas que se tornou uma característica deste grupo, é o trabalho em mutirão como mostra a Figura 16.

Figura 16 - Mutirão no Pátio da EMEF Presidente Vargas (2010)



Fonte: Arquivo da Escola

É a partir de toda esta caminhada, que começa a construção do LIAU na escola, nesta sementeira que inicia em 2002, este espaço quando criado foi de forma bem madura e se mantém firme, atuante e nos eventos que a escola faz, as pessoas se identificam. Com a proposta da coletividade, o trabalho em conjunto e o braço da SMED, conseguimos chegar até o

momento atual onde temos uma pessoa com carga horária de 20h para EA, a professora Susane Hubner Alves. Os alunos se envolvem dentro e fora da escola, o aluno está vendo de maneira diferente este espaço público que é deles também, está conhecendo melhor este espaço, os tipos de solo, enfim, o aluno leva pra casa, vai e vem, está sendo bem rico este espaço que foi construído gradativamente, fomos conquistadas por esta proposta e quando a gente é conquistada não tem jeito, faz hora extra, paga pra ver, não tem limites, a gente faz porque gosta! A gente percebe que a cada encontro com outros colegas, a gente troca informações, então é uma política de rede, porque é contínua, uma espiral. É necessário a gente ter este grupo de rede, que se forma, que se reúne para estudar, para construir projetos, não só dentro mas fora da escola, com outras escolas da rede, as escolas infantis também muito parceiras. Por vezes a gente tropeça... e a rede é fundamental pra gente se apoiar, a rede nos ajuda a levantar. Antes, a discussão sobre as questões ambientais estavam com o professor de ciências, hoje, envolve a todos professores da escola, o planejamento político pedagógico da escola é discutido e todos tem seu papel, todos anos ciclos se envolvem com as questões ambientais, é uma questão curricular. Sinto-me protagonista em relação à criação do espaço de implementação da EA nas escolas, pois pude me sentir não só cidadã trazendo minhas ansiedades, meus desejos, isto é fundamental, sinto-me uma referência e sou reconhecida assim por alunos, colegas... é um caminho muito feliz.

Toda caminhada feliz encontra olhares sensíveis e solidários como o da professora Adriana que foi sempre uma facilitadora deste processo.

Em 2009 inicia a implementação do LIAU na escola, atualmente irradia ações por toda escola e comunidade, como mostra a Figura 17. A parceria principalmente entre as professoras Adriana Soleti e Susane Hubner é fundamental na organização e realização destas propostas que unem professores, alunos e demais comunidade escolar

Figura 17 - LIAU da EMEF Presidente Vargas (2010)

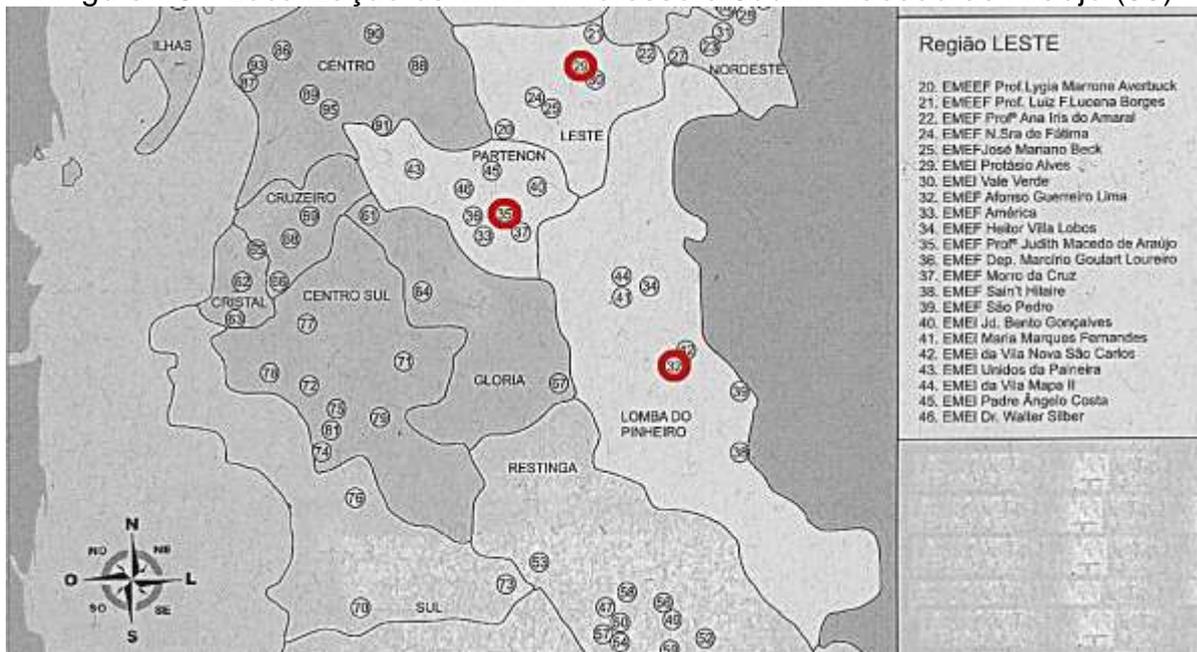


Fonte: Arquivo da Escola.

4.4 EMEF PROFESSORA JUDITH MACEDO DE ARAÚJO

A EMEF Professora Judith Macedo de Araújo localiza-se na região Leste de Porto Alegre, conforme Figura 18, no Bairro São José, Morro da Cruz.

Figura 18 - Localização da EMEF Professora Judith Macedo de Araújo (35)



Fonte: Gestão de Obras da SMED.

Através do protagonismo da professora Cleonice de Carvalho, esta escola inaugura sob orientação atenta e participativa do professor Rualdo Menegat do Instituto de Geociências da UFRGS, o LIAU – Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano e mais adiante serve de piloto para as demais escolas da rede.

Em 1999, a SMED oportunizou aos professores da RME de Porto Alegre, o curso *Atlas Ambiental de Porto Alegre – usos e aprendizagens em sala de aula*, em parceria com o Instituto de Geociências da UFRGS.

A partir deste Curso, foi criado o projeto *Construindo Conceitos e Valores a partir do Atlas Ambiental de Porto Alegre*, que se desenvolveu com a coordenação da professora Cleonice de Carvalho Silva da escola e do professor Rualdo Menegat conforme artigo de sua autoria e do professor Rualdo Menegat⁵.

A partir de 2001, esse projeto avançou para construção de um Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU) conforme ilustrado na Figura 19.

Figura 19 - Sala do LIAU da EMEF Prof. Judith Macedo de Araújo



Fonte: Arquivo LIAU da Escola

Este trabalho trouxe novas metodologias de ensino e aprendizagem, além de integrar conteúdos de disciplinas como Geografia e História, e também Artes e

⁵ Artigo do Livro *Educação Ambiental na RME de Porto Alegre*, que estava previsto para ser publicado em 2008.

Ciências Naturais. A proposta faz com que os alunos e a comunidade escolar construam o seu conhecimento e o coloquem em prática, criando, com isso, nexos com a paisagem onde vivem, desenvolvendo sua identidade cultural e territorial e entendendo as problemáticas ambientais. No entendimento de que toda ação local tem um impacto global e essa ideia foi desenvolvida no projeto que ensinou a 'agir localmente para mudar globalmente'.

O Morro da Cruz, sempre foi considerado um patrimônio ambiental e paisagístico de Porto Alegre, mas ao longo dos anos a ocupação desordenada do território trouxe conjuntamente a degradação social e ambiental. De um local bucólico, o morro passou a ser visto como um local de violência. Recuperar os valores paisagísticos da região como parte da identidade social de seus ocupantes tornou-se fundamental para a valorização do morro e a sua preservação. Para isso foi necessário construir conceitos de identidade cultural a partir da paisagem nos alunos. Os painéis confeccionados a partir do Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al, 1998) ficam em exposição na sala do LIAU e são apresentados aos visitantes pelos alunos, como mostra a Figura 20, entre outros materiais expostos produzidos pelo grupo.

Figura 20 - LIAU – Alunos explicando os Painéis do Atlas Ambiental de POA



Fonte: Arquivo LIAU Escola.

O desenvolvimento do projeto ocorreu inicialmente em turmas do III ciclo e hoje já abrange o I, II ciclos e o EJA.

O trabalho visa desenvolver a valorização do ser humano, sua relação e atuação no mundo a partir de um amplo estudo do espaço geográfico em que o aluno está inserido. Proporciona a integração das diferentes áreas do conhecimento e a construção de uma identidade territorial local com base no raciocínio científico.

Com isso é possível selecionar conteúdos das diferentes áreas, articulá-las em uma organização que permita ao aluno aprofundar, questionar, confrontar e refletir sobre a sua realidade e as relações entre as diferenças culturais e espaciais.

O projeto *Construindo Conceitos e Valores a partir do Atlas Ambiental de Porto Alegre* teve início com a representação do sistema natural do Morro da Cruz em mapas temáticos de áreas conhecidas pelos alunos, a começar pela sala de aula. No decorrer do processo foram utilizadas estratégias para criar o conceito de território e construir a identidade territorial.

Várias saídas a campo e a reservas ambientais bem como ao centro histórico da cidade fizeram parte dos estudos. Com isso foram organizadas coleções de rochas, fotos, gravuras antigas de Porto Alegre, documentários e textos de jornais e revistas. Trabalho este realizado com a parceria da disciplina de História.

Com o objetivo de desenvolver uma consciência ecológica, foi criado o *Grupo de Educação Ambiental Amigos do Verde* em 2000. Em 2008, passou a chamar-se *Amigos do Planeta Verde*. Esse grupo passou a fazer reuniões em turno inverso com a professora Cleonice para atuar na escola e junto à comunidade nas questões referentes ao meio ambiente.

No ano de 2000, foi implantada a separação do lixo na escola, promovidas reuniões de esclarecimentos aos funcionários da escola e saídas para o entorno da escola com esclarecimentos à comunidade quanto à importância social e ambiental da reciclagem. Várias atividades foram realizadas como uma horta na escola, monitoria nas séries iniciais, estudo mais detalhado do bairro como a confecção de uma mapoteca, monitoramento dos impactos ambientais e o desenvolvimento de atividades para a vivência de valores, com o objetivo de diminuir os comportamentos agressivos. Também foram realizadas diferentes oficinas como de produção de sabonetes, fotografia, papel reciclado, confecção de lixeiras e outras. O projeto não só trabalhou conceitos como também valores. Foram realizados intercâmbios com outras escolas que também tinham a preocupação com o meio ambiente.

O projeto foi apresentado na *Feira Universal de Hannover, Alemanha*, em 2000.

No ano de 2001, a professora coordenadora do projeto recebeu o prêmio “Professor Nota 10”, outorgado pela Editora Abril. Devido à motivação proporcionada pelo projeto junto às crianças, tornou-se necessária a sua ampliação. Em parceria com o Instituto de Geociências da UFRGS, contou-se com a participação de vários estudantes universitários que desenvolveram oficinas e seus trabalhos de conclusão de curso, trazendo mais dados sobre a região e impulsionando o Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano. O LIAU contou também com a participação de bolsistas de extensão do Curso de Geologia, que organizaram atividades com o grupo Amigos do Verde. Com isso, foi possível aproximar o conhecimento acadêmico com a comunidade escolar da rede municipal, contribuindo com objetivo geral do projeto de tornar a escola um centro de saberes locais aberto para a comunidade.

Como parte da pesquisa de campo, foi estabelecida uma Trilha Ecológica Urbana de Descoberta dos morros da Cruz e Pelado (Figura 21), onde os alunos se capacitaram para explicar aos visitantes pontos de interpretação da trilha previamente selecionados.

Figura 21 - Formação Educadores Ambientais com LIAU da Escola: Trilha do Morro Pelado



Fonte: Arquivo da autora

Além das atividades dentro da escola, os alunos levaram as suas experiências a outras escolas. O LIAU passou a receber visitas de estudantes

universitários, professores, pesquisadores estrangeiros, gestores e legisladores públicos, entre outros.

Em maio e junho de 2003, para comemorar a Semana do Meio Ambiente, foi desenvolvido o projeto interdisciplinar da *Gincana Ecológica Vivendo Valores* que culminou com a inauguração de novo trajeto da Trilha Ecológica Urbana de Descoberta dos Morros da Cruz e Pelado e do Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano. Em outubro com a inauguração oficial do prédio novo da escola, o LIAU passou a funcionar com duas salas de exposição onde os alunos monitoram as visitas de outras escolas.

Em 2004, os alunos atuaram como monitores no ônibus da linha turismo da EPATUR na semana da criança. Os *Amigos do Verde* realizaram várias atividades de monitoria no LIAU para alunos da escola e visitantes de outras instituições que realizaram a trilha ecológica.

Na Semana do Meio Ambiente (2004), o LIAU voltou-se para a realização de oficinas realizadas pelos bolsistas de extensão do programa do Instituto de Geociências sobre diferentes temas relativos às problemáticas ambientais e para a formação de agentes socioambientais locais. Os alunos receberam no LIAU um preparo para atuarem na sua comunidade como agentes ambientais.

A cada ano, novos grupos de monitores são formados para atuarem no LIAU, na trilha ecológica e nas turmas dos alunos do I e II ciclos. Os alunos frequentam a escola em turno inverso para desenvolver as atividades e realizarem oficinas e curso de agente sócio ambiental para atuarem também na sua comunidade. Os alunos que já atuaram no LIAU e se formam no III Ciclo pode continuar a frequentar as reuniões de estudos do grupo e receber apoio em sua atuação como agente ambiental na comunidade. Dessa forma, a escola cumpre funções sociais ao formar cidadãos conscientes com sua paisagem e sua gente, colaborando para um mundo melhor.

Atualmente, existe um convênio entre SMED e UFRGS para a implementação de Laboratórios de Inteligência para o Ambiente Urbano nas Escolas da RME tendo como experiência piloto a EMEF Prof^a Judith Macedo de Araújo com grande contribuição da professora Cleonice.

A professora Cleonice foi uma das primeiras professoras da rede a conquistar carga horária para desenvolver o projeto de EA na escola, sendo que em 2001 já contava com 20h para o projeto.

Infelizmente, a cada ano sempre se fazia necessário acompanhar o fechamento de quadro para tentar garantir a continuidade do projeto na escola e até mesmo quando a professora conquistou sala para o LIAU, a assessoria tinha que fazer vários convencimentos internos da necessidade da sala para continuidade no ano seguinte. Apesar de toda visibilidade do LIAU, as intervenções na escola e na mantenedora eram frequentes para garantir a continuidade do projeto.

Felizmente a força do projeto rompeu barreiras e conseguiu se estabelecer e ainda por cima tornar-se referência para o restante das escolas, isto é protagonismo!

4.5 EMEI PROTÁSIO ALVES

A escola está localizada no Bairro Jardim Itu Sabará, zona Leste de Porto Alegre de acordo com a Figura 22, atendendo crianças provenientes do condomínio na qual se situa e bairros próximos em situação econômica média e baixa.

Figura 22 - Localização da EMEI Protásio Alves (29)



Fonte: Gestão de Obras da SMED.

A professora Jaqueline Faitão, articuladora das ações de EA na escola até 2010, diretora da EMEI na ocasião, relata suas impressões:

Como protagonista que fui deste período, apreendi muito com a troca nos encontros de formação continuada, nos cursos e seminários em educação Ambiental realizados pela assessoria de EA da SMED. Estes me

proporcionaram ampliar meus conhecimentos e levar para o grupo da EMEI Protásio Alves conteúdos e modos de perceber e transformar o ambiente, as pessoas e ajudar em pequenas ações a melhorar a qualidade de vida e a sustentabilidade do planeta para que as gerações vindouras possam usufruir e conhecer o ambiente e tudo que faz parte dele.

De acordo com artigo escrito por FAITÃO⁶ (et al), vamos conhecer um pouco a realidade desta escola infantil que em sua prática cotidiana estabelece importantes estratégias de EA e envolve a comunidade do entorno da escola, além de outras tantas parcerias.

A Educação Ambiental como prática pedagógica já existia na EMEI Protásio Alves, mas não fazia parte de um contexto mais amplo.

Era necessário ampliar a reflexão e compreender que esta é uma via interdisciplinar para debater assuntos relativos ao mundo. A partir destas reflexões, movidas pelo interesse do grupo de professores, a escola transformou-se num lugar de pesquisa. Envolvemos a comunidade, discutindo ações conjuntas para transformar algumas práticas e o nosso ambiente. Organizamos ações bem concretas.

Pensar em Educação Ambiental no contexto de nossa escola infantil foi um desafio que trouxe algumas reflexões necessárias. A Educação Ambiental como prática pedagógica já existia em nossa escola, porém não fazia parte de um contexto mais amplo, acontecendo projetos de pouca duração, sem que houvesse um projeto geral da escola.

Percebemos que o projeto *Horta* é uma parte desta prática e pode ser vivenciado, como mostra a Figura 23. Faz-se necessário, porém, ampliar a reflexão e compreender que Educação Ambiental é uma via interdisciplinar para debater assuntos relativos ao mundo, e a nós mesmos transformar nossas ações, nas quais todos dentro e fora da escola sejam corresponsáveis por suas atitudes no ambiente que habitam, estudam e trabalham.

⁶ Artigo do Livro Educação Ambiental na RME de Porto Alegre, que estava previsto para ser publicado em 2008.

Figura 23 - Alunos colhendo verduras para utilização no refeitório



Fonte: Arquivo da Escola.

É um processo de Formação e Informação orientado para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais, e de atividades que levem a participação das comunidades na preservação do equilíbrio ambiental.

A partir destas reflexões, movidas pelo interesse do grupo de professores, a Escola Infantil Protásio Alves transformou-se num lugar de pesquisa. As turmas, desde o Berçário até o Jardim II iniciaram um trabalho de observação, investigação e descobertas do espaço escolar. O pátio ficou uma verdadeira sala de aula ao ar livre. Passamos a ver cada espaço com outros olhos e a desenvolver ações que propiciem uma visão ecológica de mundo.

Além de ações relativas ao cotidiano escolar, também, envolvemos a comunidade, discutindo ações conjuntas para transformar algumas práticas e o nosso ambiente.

A escola passou a integrar o Grupo de Educação Ambiental da RME. Nesse espaço, trocamos experiências e enriquecemos nossa prática, os mutirões no pátio com a parceria de outras escolas é um exemplo, conforme Figura 24.

Figura 24 - Mutirão de Revitalização do Pátio: Plantio



Fonte: Arquivo da autora.

Em 2007 e 2008, os educadores do Jardim I trabalharam com papel reciclado, com o apoio dos oficinairos da Escola Porto Alegre. Confeccionaram máscaras com papel machê, expressando através da arte-educação novas possibilidades na educação ambiental.

Em relação aos resíduos, a escola organizou ações bem concretas, aproveitando o lixo orgânico em uma composteira, como mostra a Figura 25.

A coleta do lixo seco foi organizada em lixeiras apropriadas para ser entregue ao caminhão do lixo reciclável. Também aconteceu a renovação do aquário com novos peixes e plantas aquáticas.

Figura 25 - Composteira



Fonte: Arquivo da autora.

A turma do Maternal II organizou um minhocário e realizou pesquisas sobre outros animais presentes na horta como: lagarta, grilo, aranha, besouro. Através do minhocário observaram como esses animais se relacionam com o meio. Na fala das crianças observamos que compreendiam que tudo está interligado, ou seja, vivemos num ecossistema no qual um ser depende de outro para sua sobrevivência e equilíbrio do planeta.

O Jardim B trabalhou com a Carta da Terra. Discutiram sobre o texto que convocava todos a despertarem para novas práticas que incorporem novos valores em defesa do planeta, pensaram em novos jeitos de se relacionar com a realidade à sua volta. Observaram com lupas o ambiente (Figura 26) e teceram teias com cordões para representar ações que se inter-relacionam. Realizaram o plantio de sementes de pinhão, que após a germinação foram doados a comunidade para que pudessem transplantá-las.

Figura 26 - Alunos da EMEI no pátio pesquisando com lupas (2007)



Fonte: Arquivo da Escola.

Pensamos que a Educação Ambiental deva ser transdisciplinar, isto é, deveria permear todas as disciplinas do currículo escolar. A partir deste pressuposto, propusemos oficinas de musicalização com Luiza Caspary (Figura 27), no período era membro do Coletivo Jovem de Meio Ambiente de POA, estas oficinas envolveram os pequenos com música, biodança, questionamentos e ações para com o meio ambiente. A dança sempre esteve presente em nossa prática e relacionamos com o tema água.

Dramatizações aconteceram e acontecem em diversos momentos e são interligadas com temas ambientais.

Figura 27 - Oficina com Luiza Caspary do CJ de Meio Ambiente de POA (2007)



Fonte: Arquivo da Escola.

A turma do Maternal I realizou experiências de germinação em horta suspensa: foram abordadas questões de reaproveitamento de materiais, germinação e cultivo. Também construíram um terrário, ilustrado na Figura 28, para melhor compreensão do ciclo da água. O experimento foi também um meio para explicar a camada de ozônio, representada pela tampa do recipiente.

Figura 28 - Exposição de experimentações de plantio: terrários



Fonte: Arquivo da Escola.

O Berçário (0 a 2 anos) participou, ativamente, do plantio e cuidados com nossas plantinhas da horta. Exploraram diversos materiais da natureza, como terra, carvão, argila, areia, folhas secas, galhos, legumes como beterraba, cenoura, cebola, tomate, alho e os utilizou em seus trabalhos artísticos.

Na Semana do Meio Ambiente (2007) fizemos um intercâmbio com as turmas e comunidade escolar desenvolvendo salas temáticas, conforme Figura 29. Cada turma estudou um foco, discutiu, planejou, executou atividades que levaram a reflexões sobre nossas práticas em relação ao nosso planeta. Alguns grupos já evidenciaram mudanças de atitude ambiental após esse trabalho.

Figura 29 - Exposição de trabalhos em EA na Semana do Meio Ambiente



Fonte: Arquivo da Escola.

Fundamental é continuar investindo na qualificação dos profissionais de nossa escola em nossas formações, tecer teias com outras escolas, SMED e outros órgãos da Prefeitura para qualificarmos ainda mais nossa ação neste contexto de Educação Ambiental.

Sendo a Educação Ambiental uma forma de interagir diretamente com a comunidade e operar mudanças na sociedade estamos construindo reflexões com o grupo de pais, funcionários, associação de moradores, professores e crianças sobre o que podemos fazer para melhorar nossa qualidade de vida e avaliarmos nossas ações sobre o meio.

Estamos transformando nossa escola num ambiente acolhedor, no qual todos sintam prazer de estar. Onde nossas crianças possam brincar em meio a natureza, possam aprender com o contato direto com ela.

Ainda temos muito a fazer, aproveitando a criatividade aliada a conceitos ambientais fazendo desse projeto além de um sonho, um desafio de iniciar um processo de sensibilização, mudança de atitude e participação na resolução de problemas ambientais.

O envolvimento e a alegria que encontramos quando entramos na EMEI Protásio Alves é fruto do ambiente acolhedor que com tanto empenho a escola vem

buscando ao longo de anos. A participação de todos e da comunidade escolar, faz com que brilhem os olhos de cada educador que se envolve e cria novos jeitos de ler e entender o mundo através de ações sensibilizadoras e deliciosamente divertidas.

5 CONECTANDO EVENTOS NOS FIOS DO TEMPO...

Os eventos não se dão isoladamente, mas em conjuntos sistêmicos – verdadeiras ‘situações’ – que são cada vez mais objeto de organização: na sua instalação, no seu funcionamento e no respectivo controle e regulação. Dessa organização vão depender, ao mesmo tempo, a duração e amplitude do evento. (SANTOS, 2012, p. 149).

A partir da leitura, escuta e interpretação dos diversos eventos que ao longo da trajetória da RME de Porto Alegre, ocuparam lugares, se organizaram, tentamos mapear alguns mais significativos que foram trazidos ou em documentos ou mesmo na narrativa dos educadores ambientais que contribuem com esta escrita.

Início com a pergunta: - Existe uma Política de EA na RME de Porto Alegre? E tenho a afirmação da professora Nedi Ropke com a qual ousou concordar:

“Acredito que já temos uma política de rede em EA e esta sim, é nossa maior conquista!”

Os eventos trazidos aqui remetem a uma história de lutas e conquistas que se misturam com a vida dos protagonistas que a viveram e vivem, pois quando se é protagonista, a responsabilidade diante da vida é muito grande, fazer parte, pertencer não importa onde estamos ou o que fazemos. Isto diz respeito às escolhas que fizemos e que por sua vez também nos escolheram.

Ao lembrar escolhas, a narrativa da professora Liane Roque diz respeito a alguns destes eventos que foram escolhidos e que marcaram esta rede:

[...] tenho certeza de que muito fizemos pela Educação Ambiental de nossas escolas e de nossa cidade, sempre tendo em mente que nossas ações locais, por pequenas que fossem sempre estão colaborando para grandes mudanças globais. Sempre demos o melhor de nós, para garantirmos um trabalho de qualidade para a RME e para a política de educação ambiental. Mas o grande mérito mesmo, vinha de cada escola, onde cada professor/a, com seu trabalho de formiguinha, ilustrava magnificamente as ações ambientais protagonizadas por Porto Alegre. Cada comunidade com suas características peculiares e suas estratégias de sobrevivência e luta por um planeta melhor e mais sustentável. Os profissionais contribuindo com seus saberes acadêmicos e a comunidade escolar contribuindo com sua sabedoria popular. Uma troca rica de saberes, onde quem ensinava também aprendia e quem aprendia, também ensinava. A velha dialética que muitos/as até hoje ainda têm dificuldade de visualizar e reconhecer, mas que para nós ambientalistas,

é algo tão natural que parece tão óbvio. Mas como Paulo Freire dizia, 'muitas vezes o óbvio também precisa ser dito...'

Mas não era só nosso grupo de formação continuada que nos unia numa política de rede, com nossos encontros mensais e nossas idas a campo para visitas também. Tínhamos nossos Seminários, onde aprendíamos com autoridades no assunto e mostrávamos nossos trabalhos, realizados nas escolas. Essa era outra modalidade que articulava o trabalho da rede e dava visibilidade para a política de educação ambiental de Porto Alegre. A participação em encontros nacionais em Brasília, onde nossa política de educação ambiental de Porto Alegre ficou conhecida por todo o Brasil e pudemos ver que estávamos realmente em vanguarda. Outro evento importante que demarcava a política de educação ambiental na rede de ensino de Porto Alegre, era a realização do Curso do Atlas Ambiental, uma parceria da PMPA com a Universidade Federal (UFRGS). Através desse curso, os/as professores/as da rede se capacitavam para trabalharem mais profundamente as questões da própria região da escola, da cidade, sempre em conexão com o mundo – primeiro Atlas com imagens fidedignas de satélite, organizado pelo professor Rualdo Menegat, Maria Luiza Porto e outros, que também dava assessoria à equipe de educação ambiental da SMED e a todos/as professores/as da rede, quer em grupo, nas formações continuadas; quer diretamente nas escolas que desenvolviam trabalhos relacionados aos temas estudados por ele.

Outro marco importante foi a realização do Curso de Revitalização dos Pátios Escolares, que conseguimos realizar em algumas escolas da rede (Chapéu do Sol, antes da minha chegada na SMED, Grande Oriente e Nova São Carlos – infantil, ambas tive a oportunidade de ajudar como assessoria). Os cursos eram importantes, porque agregavam parcerias, reuniam escolas do entorno, trabalhavam com o imaginário e tentavam tornar sonhos, realidades palpáveis. A partir dos cursos, as escolas participantes e, principalmente as escolas sede, iniciavam um processo de Permacultura e ações sustentáveis na própria escola e na comunidade. Eram os nossos referenciais teóricos da educação ambiental, se transformando em práticas cotidianas nas escolas da rede. [...] Também contribuía para uma política de educação ambiental na rede municipal, o Grupo de Gestão Ambiental da própria SMED, que foi protagonizado pela Assessoria de Educação Ambiental, em parceria com diversos atores da própria secretaria, que também acreditavam nesse novo paradigma e se propunham a colaborar com ideias e ações. O grupo também se reunia mensalmente e oportunizava dinâmicas sensibilizadoras para os trabalhadores da secretaria, formações em educação ambiental e campanhas de ações práticas de gestão ambiental do próprio local de trabalho. A repercussão desse grupo era muito boa entre os/as professores/as da rede e entre os colegas das demais secretarias, pois diziam que não seria possível passar adiante a ideia de educação ambiental, se nós mesmos/as não praticássemos ações sustentáveis. [...] Esse trabalho era muito gratificante, porque também contribuía para valorizar os/as funcionários/as que nem sempre eram percebidos/as pela chefia. Nesse ponto também podemos considerar a grande importância de determinados/as colegas e setores que muito

apoiaram nosso trabalho de educação ambiental, tanto interno, na SMED; como externo, na rede de escolas.

A professora Liane Roque se referia a este grupo de Gestão Ambiental Local na SMED e teve sua criação oficializada através da Portaria nº 370 de 14.10.2004 publicada no Diário Oficial de Porto Alegre, a contar de 1º de março do mesmo ano.

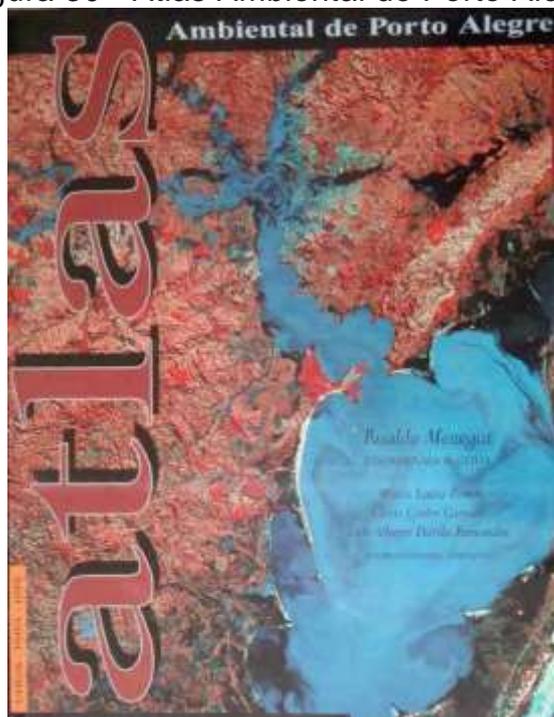
A conexão dos eventos que demonstraremos a seguir não segue uma ordem de importância, mas sim, a ordem cronológica em que estes ocorreram e foram se complementando.

5.1 ATLAS AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE

Iniciaremos a conectar os eventos nos fios do tempo a partir do lançamento do Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al, 1998) ilustrado na Figura 30.

A obra foi possibilitada através de uma parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA).

Figura 30 - Atlas Ambiental de Porto Alegre



Fonte: Menegat et al. (1998).

A parceria entre a Prefeitura de Porto Alegre e a UFRGS inaugura na RME uma nova leitura e escrita em Educação Ambiental, através da relação de conhecimento e pertencimento ao lugar, gerando muitos projetos e ações, inclusive junto ao Projeto Político-Pedagógico das Escolas, em todos os níveis e modalidades de ensino de forma continuada.

Esta importante obra vem sendo importante instrumento didático-pedagógico na perspectiva do conhecimento do lugar. Ao dialogar com os saberes locais, entendemos melhor a relação do próximo com o distante, trazendo para nosso cotidiano, o global, o distante, que passam a ser melhor compreendidos, através do aprimoramento do olhar local.

A partir do lançamento, foram feitas várias apresentações do Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al., 1998) para as comunidades escolares, em todas as regiões da cidade e realizado também o Curso de Extensão: 'Atlas Ambiental de POA – Usos e Aprendizagens em sala de Aula' em convênio entre a SMED e a UFRGS que, em quatro edições, formou cerca de duzentos professores da Rede Municipal.

Cada escola municipal de Porto Alegre recebeu exemplares da obra para serem utilizados em suas bibliotecas. O acervo da biblioteca da SMED foi contemplado com mais exemplares para atender a demanda da rede conveniada (Creches Comunitárias), ampliando ao máximo, o acesso à obra.

Essas providências denotam a importância da obra na apreensão da nossa territorialidade urbana.

Importância esta, trazida na narrativa da professora Nedi Ropke, que organizava muitos momentos de estudo no início dos anos 90:

O Atlas Ambiental de Porto Alegre foi tudo que a gente tinha esperado, pensado como produção científica e didática, nós não tínhamos uma ferramenta, o Atlas foi esta ferramenta importante para nós. Participei do Curso também, nos faltavam muitos conhecimentos.

IMPLEMENTAÇÃO DO LIAU NAS ESCOLAS

O Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano (LIAU) é uma das estratégias adotadas na política de educação ambiental da RME de Porto Alegre (RME), que procura trazer uma nova forma de olhar para a cidade no processo de

aprendizagem. O LIAU vai produzindo saberes a partir do território revelando a memória da paisagem que povoa o imaginário das pessoas que habitam o bairro no qual a escola está inserida, propiciando um diálogo respeitoso e frutífero entre os saberes escolares e os saberes da comunidade local.

Há uma urgência na criação de políticas públicas que contribuam para a sustentabilidade das cidades. A escola tem um papel fundamental nesse contexto. O desenvolvimento de uma cultura para a sustentabilidade requer centros de saberes locais que animem, estimulem, possibilitem e auxiliem as comunidades a estruturarem o conhecimento do ambiente urbano em que vivem. As escolas são um importante ponto de apoio para o fomento da cultura local, pois podem integrar a comunidade na produção de saberes do lugar e na reafirmação das identidades territoriais. Além disso, essa produção de saberes coloca a escola numa perspectiva pedagógica tanto de integração com a comunidade, quanto com outras escolas e instituições de ensino e pesquisa que têm intervenções no lugar.

Dessa forma, podem ser articuladas, por meio da educação ambiental, novas formas, novos ambientes de aprendizagem e arranjos educativos locais abrem-se para se repensar o viver nas cidades. Nesses podem se estabelecer práticas de investigação que direcionem para formas de reorganização do espaço urbano, priorizando o equilíbrio ambiental e o bem viver nas cidades.

Dentre as estratégias adotadas na política de educação ambiental da RME de Porto Alegre, foi adotado o LIAU – Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano destaca-se, trazendo um novo olhar sobre a cidade e o processo de ensinar e aprender. Implantado inicialmente pela EMEF Judith Macedo de Araújo, que atualmente é referência desta proposta para as demais escolas.

O LIAU é um projeto que se origina de uma importante parceria que vemos a seguir e têm sua relevância pelos desdobramentos que oportuniza.

Em 1999, através de convênio firmado entre a PMPA e UFRGS inicia o primeiro de quatro edições do Curso de Extensão: ‘Atlas Ambiental de POA – Usos e Aprendizagens em Sala de Aula’. Estes cursos foram destinados aos professores da rede municipal e tiveram vários desdobramentos, um deles em 1999 foi o “*Projeto Construindo Conceitos e Valores a partir do Atlas Ambiental de Porto Alegre*” pela professora Cleonice de Carvalho Silva na EMEF Judith de Macedo, situada no Morro da Cruz (Bairro Partenon, Porto Alegre/RS), inicialmente nas aulas de Geografia nas turmas do III ciclo. O estudo partiu do conhecimento do território local para o global,

estudando o bairro e ampliando o conhecimento para a cidade nos seus diferentes aspectos como físicos, históricos, humanos, econômicos, culturais e outros.

No LIAU da EMEF Judith de Macedo encontra-se a litoteca, mapoteca, maquetes e outros tantos materiais que permitem aos monitores explicarem a história natural e como se deu a ocupação urbana do território onde vivem. O laboratório envolveu o trabalho de acadêmicos do Curso de Graduação em Geologia/UFRGS, coordenados pelo prof. Rualdo Menegat, que passaram a ensinar e aprender junto com o grupo de educação ambiental da escola, chamado Amigos do Planeta Verde. Com isso houve a aproximação do conhecimento acadêmico com a comunidade.

Foi inaugurada uma Trilha Ecológica Urbana denominada Trilha da Descoberta do Morro Pelado, conforme Figura 31, onde os alunos explicam cada ponto de observação aos visitantes.

Figura 31 - Trilha ecológica urbana



Fonte: Arquivo da escola.

A partir de 2007, através de Projeto, começou a ser ampliado para as demais escolas da RME, de forma gradual tendo como ponto de apoio e referência a assessoria pedagógica da EA na SMED que buscou dar visibilidade ao LIAU enquanto política de rede, como uma estratégia pedagógica que propicia a interpretação do território, da paisagem, do bairro onde a escola está inserida, organizados através do registro de conhecimentos criados a partir da interação com o lugar e outras possíveis intervenções. Este espaço educativo vai produzindo aos poucos novos conhecimentos e revelando a memória da paisagem que povoa o imaginário das pessoas que habitam o bairro da escola, construindo um diálogo

entre os saberes escolares e os da comunidade local. As abordagens levam o educando a descoberta de sua territorialidade, assim o programa fomenta a produção de materiais didáticos para serem incorporados numa sala de exposição e utilizados pela comunidade escolar. A interação entre universidade e escola, por meio de projetos de extensão universitária, busca contribuir com os educadores para a utilização do Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al, 1998) em sala de aula. Essa estratégia visa a inserção da temática ambiental no ensino, na perspectiva de enraizamento desta nos projetos político-pedagógicos das escolas, de forma inter e transdisciplinar.

Através da promoção e apresentação das práticas vai sendo estabelecido diálogo entre os participantes e os educadores que atuam nos LIAUs, tendo em vista que a organização desses espaços depende de uma articulação em rede, onde emergem diferentes conexões dentro de uma matriz de possibilidades. Essas complexas conexões se fazem somente através das trocas, nos contatos e nos encontros entre os educadores que tem vivenciado essa e outras experiências no seu fazer pedagógico.

A seguir, alguns pontos importantes a considerar na metodologia de implementação do LIAU nas escolas que aderiram ao projeto:

- Todo o coletivo da escola deve ter o conhecimento da proposta do LIAU e desejar o engajamento na mesma. Para isto, os passos iniciais indispensáveis são a sensibilização do coletivo de professores da escola pela Educação Ambiental da SMED e a formação pedagógica para o emprego do Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT et al, 1998), com o Prof. Rualdo Menegat / Instituto de Geociências/UFRGS. O LIAU é fruto da cooperação entre SMED/UFRGS oficializada por meio de convênio firmado entre estas instancias. Quando a escola implementa o LIAU, é incentivada a revisitar seu Projeto Político-pedagógico (PPP), tendo a oportunidade de perceber a temática socioambiental como sendo o coração do currículo escolar, pois foram afetados por ela.
- O professor-referência em Educação Ambiental é o Coordenador das ações de EA na Escola e o termo referência é mais utilizado pela assessoria e parceiros para identificar este articulador que deve ser visto como importante parceiro de seus pares no desenvolvimento de

práticas pedagógicas que envolvam a temática socioambiental, assim como precisa do apoio da equipe diretiva no estabelecimento e consolidação de parcerias de fora da escola. Nas escolas que se inseriram no Programa Mais Educação deve-se pensar em estratégias de comunicação e articulação entre as oficinas propostas e as ações desenvolvidas por meio do LIAU. Estas articulações devem auxiliar a escola a se constituir de fato como um centro de saberes locais na comunidade, processo que não se dá somente em oficinas isoladas, mas sim por meio de conexões possíveis e necessárias que reverberem nas práticas educativas do cotidiano escolar, principalmente através da articulação entre as diversas áreas e níveis do conhecimento.

- A relevância de oportunizar uma formação qualificada para o desenvolvimento da consciência ambiental reflete-se nos tempos e espaços escolares. Se há o convencimento desta importância, a escola disponibilizará um espaço destinado para o registro e exposição das produções dos saberes acerca do território onde se insere. Neste local estão mapas, maquetes, rochas, herbário, dados de pesquisa no local e outros elementos que auxiliam a conhecer e reconhecer o ambiente do bairro e sua relação com a cidade, com a Terra.
- É imprescindível o registro das ações realizadas pelo LIAU, constando a abrangência das mesmas. Esses registros podem ser realizados das mais diferentes formas: relatórios de atividades, desenhos, fotografias, filmagens... A elaboração de seus *blogs* em parceria com o laboratório de informática educativa é estimulada, tendo o objetivo de constituir uma comunidade dos LIAUs para conectar virtualmente todos os envolvidos na proposta de construir ações sustentáveis a partir do lugar.
- É preciso que o professor-referência tenha um perfil de articulador das ações de educação ambiental da escola, tanto dentro como fora do espaço escolar, tendo a capacidade de agregar parcerias ao trabalho da escola. É importante a constituição de redes no território em que a escola se insere e o estabelecimento do diálogo entre os saberes locais, os saberes escolares e os saberes acadêmicos.

- A aproximação entre professor-referência e a coordenação cultural da escola mais do que uma possibilidade, torna-se um fundamental frente a necessidade de fortalecimento das ações em educação ambiental da escola.
- Não há impedimento quanto a participação de educandos de diferentes anos ciclos, a inserção na proposta enquanto monitores de Educação Ambiental da escola dependerá da proposta de trabalho a ser desenvolvida pelo professor – referência, sendo que alguns grupos elegem um nome que os caracteriza e fortalece os vínculos com a escola e todo o projeto.
- Após o trabalho de apropriação por parte destes educandos, de conhecimentos acerca do território, esses socializam os conhecimentos produzidos para as demais turmas e para a comunidade escolar. A socialização aponta o protagonismo dos alunos na seleção de formas criativas e mobilizadoras da comunidade escolar para com a temática e os saberes produzidos.
- Os oficinairos do LIAU são acadêmicos da UFRGS, podendo também vir de outras universidades. Inicialmente vinham dos cursos de Geologia, atualmente abrangem a Geografia, Ciências Sociais e Biológicas e outras áreas. Colaboram com o professor-referência e o grupo de monitores na produção acerca do território no LIAU da escola. Os oficinairos realizam saídas de campo, técnicas de representação e leitura da paisagem do lugar, entre outras ações que estimulam o espírito investigativo dos educandos monitores.
- A participação em eventos científicos, acadêmicos e educativos é estimulada, não somente como forma de divulgar essa ousada estratégia de educação ambiental realizada na RME, mas para que os monitores socializem suas experiências como protagonistas no processo de produção de saberes acerca do território em que vivem, reconhecendo-se como agentes de transformação socioambiental.

Em 2008 a proposta é ampliada para mais vinte escolas de ensino fundamental da RME e vai sendo adequada ao funcionamento e ao projeto pedagógico de cada escola e suas características.

A cada novo passo surge novos desafios, que nos apontam novos caminhos e descobertas, pois sensibilizar professores não é tarefa fácil já que no cotidiano escolar serão eles que irão desdobrar e potencializar a proposta em questão.

Atualmente cerca de trinta escolas de ensino fundamental da RME de Porto Alegre aderiram ao LIAU que tem se constituído como um importante espaço pedagógico, transformador a partir do estudo do lugar, pois possibilita a reflexão acerca do global. Além das ações “tradicionais” de educação ambiental, potencializa a formação de consciência e do pensamento crítico, em relação aos problemas locais, regionais e planetários da contemporaneidade.

É uma proposta apaixonante que tem se constituído como uma importante estratégia de EA na inserção da temática socioambiental no currículo escolar, motivando para a complexa missão de educar em tempos de crise.

5.2 FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O primeiro encontro do Grupo de Formação Continuada em Educação Ambiental da RME de Porto Alegre aconteceu no dia 28 de junho de 2001 na EMEF Ana Iris do Amaral, Escola que carinhosamente chamamos de berço da EA da rede.

Neste encontro, foi apresentada a proposta do Núcleo de Temáticas Contemporâneas da SMED, foram realizados relatos dos professores e também se optou pela periodicidade quinzenal de encontros devido às ansiedades trazidas por todos em relação ao tema. Mais adiante passou para mensal como segue até hoje.

Inicialmente a organização se dava em dois grupos: Escolas Fundamentais, Médio, Especial e outro grupo da Educação Infantil, como ilustra Figura 32. Sendo que em muitas ocasiões os grupos se reuniam em um só encontro.

Figura 32 - Formação Continuada EMEIs na EMEI Protásio Alves - 2008



Fonte: Arquivo da autora.

Deste grupo de Formação Continuada, nasceram muitas das Políticas de EA da SMED, contando com todos os níveis e áreas do conhecimento. A organização dos Cursos, Seminários, contou sempre com o apoio deste grupo e dos parceiros de outras secretarias.

Na emocionante narrativa da professora Liane Roque, que veio a integrar a equipe em 2002, podemos entender melhor estes encontros e seus desdobramentos:

A política de Educação Ambiental que nós protagonizamos na Rede Municipal de POA, realmente conectava os saberes em rede, porque formávamos uma grande teia, cada um com seu trabalho em sua escola e na sua comunidade, e através da Educação Ambiental da SMED, conseguíamos enxergar isso tudo, porque nos reuníamos uma vez por mês para relatar nosso trabalho e aprender com os/as colegas, através do trabalho deles/as e também de nossas dificuldades que socializávamos nessas reuniões de formação continuada. Foi através desse grupo que você conheceu meu trabalho de professora de Geografia da EMEF Jean Piaget, onde eu trabalhava de manhã com o 2º ciclo, à tarde com adolescentes e à noite com adultos/as e desenvolvia com todos/as o Projeto do Arroio Feijó, que corria já poluído pelas redondezas do bairro Ruben Berta, entorno da escola. Foi então que você me convidou para ser sua parceira na Assessoria Ambiental da SMED, onde você trabalhava sozinha e já não dava mais conta de tudo, porque as demandas estavam crescendo, fruto do seu trabalho de aproximação das escolas. Lembro que quando me telefonou já no final do ano letivo, você me disse: “O que você acha de fazer exatamente isso que você faz aí no Piaget, com relação ao Arroio Feijó, porém agora, fazer para toda a cidade de Porto Alegre?” Eu, que há 20 anos somente trabalhara na sala de aula, nunca havia trabalhado em nenhum setor da escola, que dirá numa Secretaria de Educação?! Mas achei tão bonita aquela frase que você usou que fiquei bastante tentada. E depois, senti todo o meu

trabalho de sala de aula valorizado e recompensado. Foi muito legal. E os quatro anos que trabalhei no Governo, ao teu lado, foram os melhores de minha vida profissional. Trabalhar na escola, diretamente com o/a aluno/a, é muito bom porque o carinho deles é algo indescritível; mas trabalhar com toda a Rede é algo que nos dá uma visão macro das coisas e nos ensina muito. Conheci tantos lugares de nossa cidade, que eu jamais imaginei que existissem.

O grupo de Formação Continuada teve ainda em 2002, importante papel na contribuição da Lei 9795/99 para sua regulamentação, que gerou documento (APÊNDICE A) que foi enviado à Brasília para a reunião de representantes de EA no qual nos fizemos presente.

Algumas reuniões do grupo de Formação Continuada aconteciam em lugares escolhidos para formações específicas como Permacultura no Rincão Gaia.

Ainda sobre a Formação Continuada, temos a narrativa da professora Rosa Maris Rosado que em 2001 ainda estava na EA do DMLU, mas participava como parceira dos encontros, mais adiante vindo a compor a equipe de EA da SMED:

[...] Percebi que a Formação Continuada não precisava ser só com os professores, mas nos Mutirões, envolvendo professores, pais, alunos e até funcionários e toda comunidade escolar... A Formação Continuada foi fundamental para fortalecer a rede, foram feitos vínculos e estes vínculos afinados, a troca entre eles, encontros muito ricos, os professores sempre ficavam até o final, os assuntos e temas tratados vinham dos próprios professores.

Na narrativa de todos envolvidos para o desenvolvimento desta pesquisa, a Formação Continuada aparece como o marco mais importante, pois dela surgem todos os outros movimentos de EA e o fortalecimento através da troca de experiências e vínculos entre os educadores ambientais das escolas.

Outra importante conquista alcançada pelos educadores ambientais, foi a carga horária para articular a EA na escola entre as diferentes áreas e níveis do conhecimento o que inicialmente chamamos de representante de EA da escola.

Mais adiante ficou conhecido como coordenador do Projeto de EA na escola, desta forma, aumentou também o envolvimento das escolas com o projeto, pois este coordenador tinha a incumbência de reunir as diferentes áreas do conhecimento e níveis em torno de um projeto comum. Também foi tensionado junto às direções quanto ao perfil deste professor que deveria ser um articulador dentro e fora da

escola, agregando parcerias internas e externas. Esta sempre foi a grande dificuldade das escolas, buscar parceria, primeiro dentro da escola, com as outras áreas e níveis, depois externas, locais, outras secretarias e departamentos, ONGs...

Esta importante conquista é destacada pela professora Nedi Ropke:

Ter carga horária para educação ambiental, te dá chão para o trabalho, a garantia de carga horária é respeito ao profissional, podemos estabelecer a relação entre o saber científico e a vivência cotidiana, podemos aprofundar os conhecimentos sobre a EA.

Importante ressaltar que a carga horária para projetos foi conquistada pela persistência de muitos professores em suas ações nas escolas e pela visibilidade que estas ações foram tendo na cidade.

Na gestão do então secretário Eliezer Pacheco, houve um olhar atento aos projetos que conseguiam articular as áreas do conhecimento e o esforço que havia nestas iniciativas, lá estava a EA. Então timidamente foram sendo conquistadas e aos poucos já compondo a política de secretaria, ocuparam espaço no fechamento de quadro das escolas com o olhar atento da assessoria que levava até as coordenações o professor que articulava a EA na escola e a necessidade de sua disponibilidade para articulação e implementação do projeto na escola.

Naquele período, o coordenador de EA na escola, tinha esta especificidade, articulador entre as áreas do conhecimento, níveis, modalidades, trazendo a intertransdisciplinaridade da EA para o Projeto da Escola.

Atualmente, como percebemos em algumas narrativas como a da professora Cynthia da EMEF Anísio Teixeira, percebemos que o Projeto de EA está dentro do guarda chuva do Programa Cidade Escola da SMED que oferece Oficinas no turno inverso juntamente com o Programa Mais Educação do Governo Federal.

Houve certa 'confusão' na última gestão da mantenedora que acabou fazendo uma mistura de Oficinas do Mais Educação com o Cidade Escola (realizada por professores) numa tentativa desesperada de afirmar o lema de atendimento integralizado, que tem deixado muitos professores, direções e até mesmo a comunidade escolar meio sem saber como lidar com estas demandas de secretaria que pulverizam projetos sérios, muitos pano de fundo de PPPs de escolas que por conta da integralização não conseguem mais articular com o pedagógico da escola, passando a ser um oficineiro a mais no turno inverso da escola.

Justamente em uma gestão que tanto primou desde sua entrada por uma 'gestão de resultados', temos na prática a política da quantidade.

Os resultados dos projetos como este que vinham colocando no coração do currículo o debate de uma importante mudança de paradigma como recomenda a EA, através da mudança de hábitos, valores, por uma sociedade mais justa, sustentável.

Temos que ficar atentos quanto a estas quebras no processo, rupturas que se não nos dermos conta poderão criar um senso comum de resultados fáceis, porém apenas aparentemente, com alunos atendidos precariamente sem maiores avanços pedagógicos.

Outra importante ferramenta que constituímos pela necessidade de comunicação direta com os professores representantes da EA nas escolas da rede, foram os grupos virtuais de Educação Ambiental.

Tínhamos uma dificuldade muito grande inicialmente com as equipes diretivas das escolas no retorno dos convites para as reuniões de Formação Continuada. Os convites iam através de memorando para as escolas pela correspondência e muitas direções não repassavam ao seu representante de EA, não acreditavam ser importante, o professor nem tomava conhecimento.

As queixas eram tantas que para burlar esta falta de comunicação, inicialmente começamos o envio por correio eletrônico, a maioria ainda tinha dificuldade de acesso. Logo adiante em 2004, foi criado pelo jovem Calvin Sá Oliveira do Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Porto Alegre, também pela nossa dificuldade ainda em lidar com as novas tecnologias, o grupo virtual Crias de Gaia no Yahoo grupos, com o perfil de reunir os professores, estudantes, parceiros em geral da EA. Anos mais tarde, mais fortalecidos como educadores ambientais, foi criado em 2006 pelo mesmo jovem, o grupo Educadores Ambientais de Porto Alegre também no Yahoo.

Desta forma, a comunicação em EA ficava mais garantida, pois as dificuldades estavam ora na mantenedora, ora nas direções de escolas. Como exemplifica a professora Rosa Maris Rosado:

Os educadores ambientais transgrediram as dificuldades com a rede virtual, foi um processo muito rico, vencidos os receios, foram usando a ferramenta, trocando, enviando convites, mutirões, materiais... Hoje já se tem representantes da EA nas escolas. Alguns depoimentos interessantes

como: eu não sabia da reunião! Então respondíamos: Foi na correspondência e nos educadores ambientais!

Neste sentido, lembro também de uma professora muito participativa que certa vez ficou bastante irritada por não conseguir acesso à rede e foi lá na SMED ficando algumas horas conosco para fazer o passo a passo e sua felicidade quando conseguiu e viu que poderia repetir em casa, foi muito grande, parecia uma criança!

Atualmente temos muitas outras formas virtuais de comunicação e as redes virtuais tornam-se apenas mais uma ferramenta. Pelo grupo Educadores Ambientais, hoje circulam muitos cursos, materiais, discussões de políticas ambientais de cidade, estado, país. A comunicação não fica mais atrelada à veiculação de reuniões ou informações da mantenedora, pois já cumpriu seu papel quando necessário.

Na narrativa da professora Jaqueline Faitão, alguns momentos especiais são lembrados:

Lembro-me do teu entusiasmo contagiante no primeiro encontro aqui na escola. Este foi um divisor de águas em nosso projeto de educação ambiental na escola. Ampliamos o modo de pensar e agir. O grupo foi motivado a propor ações para as crianças na faixa etária de zero à seis anos e a utilizar uma linguagem que tocasse esses pequenos que levaram essas aprendizagens para casa. Por exemplo: uma aluna que fez campanha no seu prédio para que todos realizassem a separação do lixo. Outra que fez com a família uma horta. Outras que comentam que comeram cenouras e alfaces direto da horta e mudaram hábitos alimentares. Turmas que passaram a aproveitar melhor as folhas de desenho as utilizando dos dois lados , ou desenhando em folhas reutilizadas e guardando folhas usadas para fazer papel reciclado. Crianças que colocaram em prática a criatividade utilizando sucata e fazendo arte. Neste período pensávamos em Educação Ambiental em todos os momentos da escola. Me lembro que na semana da criança realizamos ações de sensibilização com o túnel das sensações. Melecas, terra, cheiros de temperos, sons de pássaros faziam parte deste túnel. Na culinária pensamos em frutas em espetinhos em vez de produtos industrializados que fazem mal a saúde. Na semana do meio ambiente realizávamos um grande projeto envolvendo todas as turmas e a comunidade. Cada turma estudava um tema e apresentava as outras turmas e aos pais e familiares. Era uma grande teia que formávamos entre todos: crianças, educadores, comunidade e outras escolas que vinham nos visitar e trocar ideias e conhecimentos. Os mutirões foram especiais. O envolvimento da comunidade que participava com garra e entusiasmo era tocante. Realmente transformávamos o ambiente em acolhedor, bem cuidado e pronto para ações com crianças pequenas. As oficinas de culinária com reaproveitamento de talos e folhas foi marcante na comunidade. Me lembro com saudade dos seminários em que

participávamos e sempre levávamos com orgulho o nosso trabalho. As fotos falavam por si. Percebia que estávamos no caminho conjunto com as outras escolas da rede...

Aqui, a professora traz importantes momentos da EA que foram sendo fortalecidos por este grupo de forma a ser exigida sua continuidade mesmo na troca de governo, tais como a Formação Continuada ilustrada na Figura 33, os Cursos, o Seminário de EA com trocas de experiências, Mutirões com muita solidariedade. O protagonismo de cada envolvido no processo, creio ter sido a maior riqueza produzida neste coletivo, o empoderamento que gera a força necessária para a manutenção destas conquistas através da relação de identidade que foi sendo construída lentamente.

Figura 33 - Formação em Permacultura no Rincão Gaia - Dez / 2007



Fonte: Arquivo da autora.

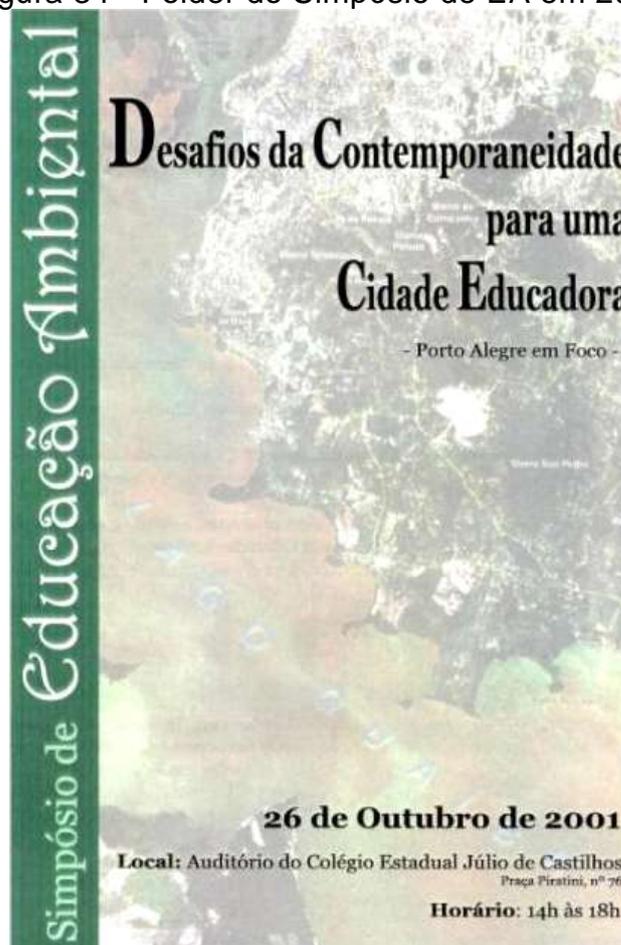
5.3 SEMINÁRIOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE

Iniciamos timidamente os Seminários de EA, sendo que em 2001 o foco foi a reunião de saberes dos educadores ambientais de Porto Alegre, através de professores das escolas municipais de Porto Alegre e parcerias, onde foi construída a 1ª Carta dos Educadores Ambientais de Porto Alegre, APÊNDICE B, esta foi destinada ao Fórum Mundial de Educação (outubro de 2001), sendo que dentro do 1º Fórum Mundial de Educação, organizamos o Simpósio de Educação Ambiental da RME de Porto Alegre no Colégio Estadual Júlio de Castilhos ilustrado na Figura 34, com palestrantes, relatos de experiências da rede, parceiros e uma grande Mostra de trabalhos de EA. Este evento foi um marco na EA da rede, pois reuniu muitos

atores da EA em Porto Alegre, as pessoas puderam se conhecer, trocar experimentações, estabelecer parcerias, conforme narrativa da professora Rosa Maris Rosado:

Os Seminários sempre tiveram o protagonismo da rede, o que iriam expor, tipos de relatos, me lembro do Simpósio que foi no Julinho, tinha muita gente, muitas parcerias, aconteceu dentro do FME. Alguns eventos deixam marcas, este simpósio deixou marcas, o projeto Galpão (que eu coordenava pelo DMLU), teve uma participação com alunos, muito gratificante, os alunos relatando seu processo de reencantamento com o conhecimento, pois antes do projeto estavam excluídos do processo educacional formal, foram muito ricos e prazerosos, todos os relatos muito bons.

Figura 34 - Folder do Simpósio de EA em 2001



Fonte: Arquivo da autora.

Em 2007, tivemos o Seminário de EA Conexões em Rede, como ilustrado nas Figura 35, Figura 36 e Figura 37, em parceria com o Instituto de Geociências, INGÁ e Greenpeace com Mostra dos trabalhos da rede e relatos de experiências, sendo que os banners eram artesanais conforme Fig. 37.

Este Seminário também gerou uma Carta dos Educadores Ambientais de Porto Alegre, conforme APÊNDICE C.

Figura 35 - Seminário de EA 2007 Memorial do RS



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 36 - Folder com a Programação so Seminário

Programação	
21/08 - tarde	
13:30	Inscrições e entrega de material;
14:00	Abertura;
14:30	Mostra cultural;
15:00 às 18:00	Palestra Prof. Dr. Rualdo Menegat Instituto de Geociências da UFRGS.
22/08 manhã	
8:30 às 12:00	Mostra de trabalhos.
22/08 tarde	
14:00 às 17:30	Relatos de experiências - ONGs: Ingá e Greenpeace; - Escolas de RME.
22/08 noite	
18:30 às 21:30	Palestra com Prof. Ms. Francisco Aquino Instituto de Geociências da UFRGS.
23/08 manhã	
8:30 às 12:00	Relatos de experiências.
23/08 tarde	
14:00 às 17:30	Diálogos da Educação Ambiental: Vivenciando Experiências na Comunidade.
24/08 manhã	
8:30 às 10:30	Elaboração de carta coletiva sobre o encontro;
10:30 às 12:00	Mostra cultural.
<p>* As inscrições serão de 1º a 15 de agosto de 2007 * Os trabalhos para mostra serão banners artesanais, poderão ser confeccionados com materiais recicláveis (formato 120 x 90 cm)</p> <p>Inscrições e informações fone: 32891841</p>	
<p>Aluna Carine - 9 anos EMEF Presidente Vargas</p>	

Fonte: Arquivo da autora.

Figura 37 - Seminário Conexões em Rede: Relatos de Experiências e Mostra das escolas



Fonte: Arquivo da autora.

Além dos seminários, o grupo de educação ambiental também se organizava em parceria com outras secretarias dentro dos grandes eventos da SMED como o Conversações Internacionais que em 2007 ocupou um espaço no Parque Harmonia com a participação do Coletivo Jovem de Porto Alegre oferecendo Oficinas aos alunos e professores das escolas municipais e demais visitantes como mostra as imagens da Figura 38.

Figura 38 - Espaço da EA nas Conversações Internacionais 2007- Coletivo Jovem de Meio Ambiente de POA - Parque Harmonia



Fonte: Arquivo da autora.

Em 2008, no evento Conversações Internacionais da SMED ocorrido no Cais Mauá, organizamos o Seminário da Educação Ambiental dentro do evento, com relatos de experiências, Mostra dos projetos de EA da rede em banners artesanais e juntamente com Viveiro Municipal e Centro Agrícola Demonstrativo, organizamos trilha de sensibilização ambiental com espécies nativas e relógio do corpo como mostra a Figura 39.

Tivemos também a participação atuante do Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Porto Alegre.

Figura 39 - Conversações Internacionais da SMED – 2008 no Cais Mauá



Fonte: Arquivo da autora.

Cada Seminário organizado pelos educadores ambientais gerava antes uma comissão que se formava nos encontros de Formação Continuada.

A comissão organizava local, tema, relatos, enfim, o papel mais importante da assessoria era o de costurar e fazer com que tudo desse certo.

Algumas vezes o tema era trazido pela assessoria por estar vinculado a alguma situação ou momento da Cidade como foi na construção da Agenda de Responsabilidades Socioambientais da RME, estava sendo organizada a Agenda da cidade em 2002 conforme APÊNDICE D.

Figura 41 - Abraço ao Lago Guaíba em 2009



Fonte: Arquivo da autora.

Neste Seminário também foi construída a Carta dos Educadores Ambientais de Porto Alegre conforme ilustra o APÊNDICE E.

5.4 CONFERÊNCIA INFANTO-JUVENIL PELO MEIO AMBIENTE E COLETIVOS JOVENS DE MEIO AMBIENTE

*[...] Estou longe ainda
Da língua dos Anjos.
Finalmente encontro
A linda fonte de luz
Procuro um frasco para guardá-la.
Mas logo acordo.
Quem sabe em uma noite mais longa...
Calvin Sá Oliveira*

Com a criação do Órgão Gestor de EA que uniu os Ministérios do Meio Ambiente e Educação, foi criada a I Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente no Brasil (I CNIJMA) em 2003, buscando um maior engajamento da juventude nas discussões socioambientais. Também tivemos a Conferência para adultos.

Em 2003, por ocasião da primeira Conferência Infanto-Juvenil Pelo Meio Ambiente – MEC/MMA formou-se o Coletivo Jovem de EA do RS, que se dividia em dois Núcleos: Capital e Região Metropolitana e o Núcleo do Interior do RS. Todos os Estados que têm organizado o seu Coletivo Jovem de EA, periodicamente reúne-se em Brasília para trocas de experiências, ou capacitação.

O apoio das instituições é fundamental para que os jovens possam organizar-se e serem verdadeiramente protagonistas. Com sua energia e alegria estão disponíveis participando, sempre que podem de oficinas para jovens e crianças, encontros, entre outras atividades junto às Escolas e outros parceiros.

A força de mobilização dos processos de Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, através do Programa Vamos Cuidar do Brasil, ocorridos em 2003 (I CNIJMA) e 2005-06 (II CNIJMA), e 2008-09 (III CNIJMA) chama a atenção pelos números e desdobramentos que aumentam a cada processo. Inclusive um grande desdobramento foi a etapa Internacional da Conferência Internacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente – I CONFINT: Vamos Cuidar do Planeta em junho de 2010 em Brasília, foi motivada a partir de observadores internacionais que aqui estiveram nos processos anteriores, mobilizou 700 participantes vindos de cerca de 49 países.

Desde a primeira CNIJMA, o foco é o protagonismo jovem na perspectiva de mudanças socioambientais efetivas.

Com forte potencial de mobilização e com possibilidades de transformações ambientais, culturais e sociais profundas. São criados então, os Coletivos Jovens de Meio Ambiente em todo o Brasil.

Possuem três princípios metodológicos: jovem educa jovem; jovem escolhe jovem; e uma geração aprende com a outra. Estão ligados à REJUMA – Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade.

As Nações Unidas, por meio da resolução 57/254, declarou a década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável - **2005 a 2015**.

Em Porto Alegre, através da Secretaria Municipal de Educação, fomos facilitando o processo de criação, desde Conselhos Jovens de Meio Ambiente com alunos menores, até a criação e fortalecimento do Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Porto Alegre, oferecendo espaços na cidade para as reuniões, encontros, promovendo oficinas e cursos como na Figura 42 e finalmente auxiliando os jovens a irem até as escolas para organizar as Com-Vidas (Comissão de Meio Ambiente e

Qualidade de Vida nas Escolas), ou para preparar e acompanhar as Conferências na etapa escola.

Figura 42 - Curso de Educação Ambiental e Território para o Coletivo Jovem de Meio Ambiente de POA – CGEA / 2007 no Parque Harmonia



Fonte: Arquivo da autora.

Esta Política Nacional ampliou e fortaleceu as ações e projetos em EA, bem como favoreceu a inserção de jovens (15 a 29 anos) no processo de criação destas políticas públicas nas escolas e na cidade. É um processo belíssimo, mesmo com todas as dificuldades de formação de comissões, comunicação entre os diversos órgãos, atraso nos materiais para as etapas, enfim, nossa rede sempre conseguiu mesmo com as dificuldades somar mais esta política como sua também com grande adesão das escolas.

Através de parceria entre o Instituto Federal do RS, o Instituto de Geociências da UFRS e Greenpeace, conforme Figura 43, foi organizado e oferecido o Curso

Mudanças Ambientais Globais para preparação do Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Porto Alegre, tendo em vista a organização da III CNIJMA.

Figura 43 - Curso: Mudanças Ambientais Globais para o Coletivo Jovem de POA em parceria com IFRGS, Instituto de Geociências da UFRGS e Greenpeace em 2008



Fonte: Arquivo da autora.

O Curso foi uma preparação para inserção dos jovens nas escolas de Porto Alegre, assim, puderam auxiliar as escolas que os convidavam a preparar a III CNIJMA, organizar a Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida da Escola e algumas vezes a própria Conferência como mostram as Figura 44, Figura 45 e Figura 46.

Figura 44 - CJ na etapa preparatória da EMEF Gilberto Jorge para a III CNIJMA (2008)



Fonte: CJ POA.

Figura 45 - CJ na etapa preparatória da III CNIJMA EMEF Anísio Teixeira (2008)



Fonte: CJ POA.

Figura 46 - CJ na III CNIJMA EMEF Grande Oriente do RS (2008)



Fonte: CJ POA.

Através do Programa “Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas” MEC/MMA, a RME se envolveu e participou da Conferência Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente nas Escolas a cada edição, organizando a Com-Vida (Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida nas Escolas); participando do Programa Educação de Chico Mendes, através da “Gestão Ambiental da Zona Sul de Porto Alegre – educando para a sustentabilidade planetária”.

Na última Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, após o acompanhamento da etapa das escolas, organizamos a Comissão de Organização Regional da Conferência através da SMED e da 1ª Coordenadoria Regional de Educação/ 1ª CRE - SEDUC – RS.

Com o patrocínio da Prefeitura de Porto Alegre, foi organizada a etapa Regional Porto Alegre, onde se reuniram na Usina do Gasômetro, conforme Figura 47 cerca de 300 jovens entre 11 a 14 anos das escolas de Porto Alegre que realizaram a etapa da Conferência na escola e elegeram delegado e suplente.

Os trabalhos foram coordenados pelo Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Porto Alegre, acompanhados das assessorias da SMED e 1ª CRE. Os alunos apresentaram suas responsabilidades, cartazes e participaram de dinâmica que culminou em votação para os delegados representantes de Porto Alegre para a etapa Estadual.

Figura 47 - III Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente / Etapa e Mostra Porto Alegre – 18 e 19 de novembro de 2008 – Usina do Gasômetro



Fonte: Arquivo da autora

A delegação do RS (Figura 48) foi eleita pelo Coletivo Jovem do RS através de Mostra de Projetos e Cartazes na SEDUC.

Figura 48 - Delegação eleita para representar o RS na Conferência em 2009



Fonte: Arquivo da autora.

Alguns jovens do Coletivo Jovem do RS foram monitores da III CNIJMA em Luisiânia, conforme Figura 49.

Figura 49 - III Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente / Luisiânia – Abril 2009



Fonte: Arquivo Coletivo Jovem do RS

A seguir, a Carta das Responsabilidades para o Enfrentamento das Mudanças Ambientais Globais, produzida pelos jovens na III Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente em 2009 (Figura 50).

Figura 50 – Carta das Responsabilidades na III CNIJMA

Carta das Responsabilidades para o Enfrentamento das Mudanças Ambientais Globais

Somos jovens estudantes de diferentes regiões do Brasil na III Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente. Pequenos guerreiros da paz com o mesmo propósito e o mesmo desejo: cuidar do Brasil, mobilizando a população brasileira sobre as mudanças ambientais globais.

Reconhecemos o panorama ambiental nacional e nos comprometemos a lutar e defender o meio ambiente, não apenas buscando o conhecimento e o entendimento, mas também realizando ações para minimizar os problemas causadores de impactos ambientais.

Para isso, junto com milhares de escolas e comunidades em todo o país, assumimos as seguintes responsabilidades:

1. Preservaremos as nascentes e margens dos rios, protegendo as matas ciliares existentes e recuperando as que estão degradadas.
2. Praticaremos os 5 “R”: refletiremos sobre os processos de produção desde a matéria prima até a distribuição e o descarte; recusaremos produtos que causem danos ao meio ambiente e à nossa saúde; reduziremos o consumo e a geração de lixo; reutilizaremos sempre que possível e reciclaremos quando necessário.
3. Sensibilizaremos e estimularemos as escolas e comunidades para que economizem energia e utilizem fontes limpas, econômicas, acessíveis e renováveis.

4. Distribuiremos e plantaremos mudas e sementes para arborizar nossas escolas, ruas e comunidades.

5. Diminuiremos o uso de sacolas plásticas e adotaremos as biodegradáveis, reutilizáveis e embalagens retornáveis na nossa comunidade.

6. Junto com a comunidade escolar, denunciaremos as queimadas, as irregularidades do lixo urbano e qualquer ação que degrade o meio ambiente, propondo, quando necessário, ações corretivas aos órgãos competentes.

7. Somaremos esforços e experiências, repensaremos os modos de utilização da água e desenvolveremos novos valores e atitudes sustentáveis no cotidiano.

8. Mostraremos à comunidade a importância de reduzir os transportes poluentes, incentivaremos e cobraremos o investimento do governo em transporte público ecológico, assim minimizando a emissão de gases que intensificam o aquecimento global.

9. Disseminaremos conhecimentos para que os estudantes e a comunidade protejam e conservem o planeta, sensibilizando-os sobre as conseqüências do aquecimento global e sobre as possíveis soluções.

Nós, jovens brasileiros, estamos unidos e contribuindo para cuidar do planeta. Esse é o nosso compromisso. Pedimos o total apoio da sociedade brasileira: autoridades, poder público, movimentos sociais, ONGs, escolas e comunidades para que essas responsabilidades sejam cumpridas.

Vamos cuidar do Brasil? Junte-se a nós!

Luziânia/GO, Abril de 2009

A juventude reunida discutindo e buscando soluções do que acham possível assumirem como responsabilidades e a repercussão deste debate já aparecem em nosso cotidiano de diversas maneiras. A beleza que vem da alegria e espontaneidade dos jovens nos traz a esperança de que um mundo melhor, com justiça socioambiental é possível.

A atuação do Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Porto Alegre, com todas as dificuldades que passou, desde reunir os jovens, formar o grupo, estudar, os mais carentes com dificuldades de alimentação e transporte, foi de enorme superação, demonstração de solidariedade que gerou um vínculo muito bonito entre todos e as escolas foram reconhecendo esta força jovem, humilde e cheia de garra. Um marco muito importante certamente na produção de conhecimentos e geração de valores que esta rede agregou com este grupo. Mostraram que apenas com parcerias e vontade, as possibilidades são infinitas, surpreendendo a cada envolvido com suas descobertas e disponibilidade.

Talvez com novas etapas da CNIJMA (IV CNIJMA-2013) seja possível a reorganização deste grupo tão querido e sua continuidade renove os processos e traga novos desafios.

5.5 REVITALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E COMUNITÁRIOS

Este programa nasceu da necessidade de se repensar a reorganização e revitalização dos pátios escolares, enquanto lugares potencialmente propícios ao desenvolvimento integral e harmônico dos seres humanos, levando em conta o tempo de permanência dos alunos, professores, funcionários, pais, mães e comunidade do entorno na Escola. O pátio escolar é, portanto, um espaço de múltiplas possibilidades, deixando de ser entendido como um lugar ocioso para transformar-se em um espaço precioso para todos. Nesse caso, é ocioso no momento em que a demanda por salas de aula aumenta e, precioso para os alunos que nele vivenciam momentos de lazer e descobertas.

Iniciamos este Programa em 2001, tendo como base o *SEED* (Programa de Educação Ambiental e Desenvolvimento da Escola), criado pela neozelandeza Robina McCurdy. Esta metodologia desenvolve a EA nas Escolas de forma prática, participativa e criativa, resgatando a cultura local e reunindo toda a comunidade escolar em torno de um objetivo comum: melhorias concretas da situação socioambiental da escola.

O crescimento da pobreza, a insegurança alimentar e subnutrição estão acompanhando a urbanização. Um círculo vicioso foi criado. Na medida em que alimentos são trazidos para as cidades e distribuídos para as áreas de expansão urbana, há um aumento do número de caminhões que entram nas cidades, o que contribui para os congestionamentos e para a poluição do ar, tornando as cidades cada vez menos “amigas” do meio ambiente. No entanto, a segurança alimentar, o gerenciamento da água, do lixo, a energia, os transportes e o uso da terra podem ser planejados para tornar as cidades melhores para as pessoas e para o planeta.
(LEGAN, 2008, p.4)

Lucia Legan (2008), afirma ainda que a Permacultura urbana pode ser a solução para este problema ao tornar-se a fonte de alimentos para muitas cidades.

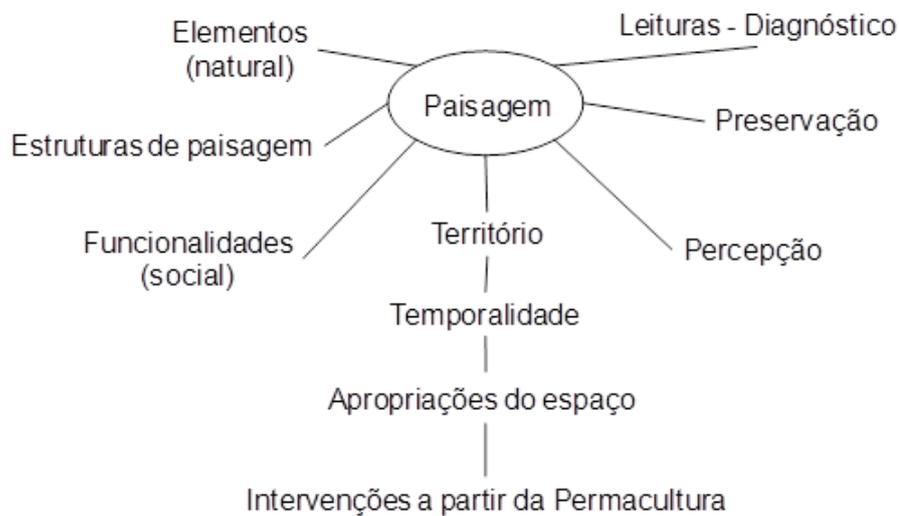
As cidades podem alinhar seu consumo com necessidades reais produzir mais de sua energia e alimentos e usar mais o seu lixo, propõe a agricultura urbana a exemplo de Havana em Cuba e Bogotá na Colômbia.

Ao propor a Permacultura na escola, estamos pensando o planejamento a partir do lugar, é esta vivência criadora de alternativas viáveis que tem em si o germe da transformação que vai envolvendo a comunidade e se alargando para a cidade e quem sabe, para além dela.

Esta metodologia é baseada nos princípios e técnicas da Permacultura. Tal processo permite a visualização dos sonhos de cada um para a escola, planejamento coletivo das intervenções e a sua implantação. As problemáticas ligadas à geração de resíduos, melhor aproveitamento dos alimentos, estudo de solos, aproveitamento das áreas de pátio através de plantios, compostagem, horta e criação de ambientes de convivência, foram e têm sido temas de grande relevância para muitas escolas. Muitos professores tornaram-se protagonistas deste processo, não somente junto às suas comunidades, mas também estenderam as ações a outras.

O Curso 'Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis', seguindo esta metodologia adaptada à RME, foi desenvolvido nas Escolas Municipais: EMEF Chapéu do Sol (2001) conforme Figura 52, EMEF Grande Oriente (2002) e na EMEI Nova São Carlos (2003). A proposta envolve toda a escola sede, comunidade e escolas do entorno, durante cinco dias. A intensa programação culminava em um grande mutirão de transformações no pátio escolar e também nas relações que ali se estabeleciam. Nestes momentos, o olhar de todos e de cada um é de extrema importância no planejamento coletivo onde é feita uma análise que podemos sintetizar como mostra a Figura 51.

Figura 51 – Relações estabelecidas na paisagem dos pátios escolares
 Analisar que relações são estabelecidas na paisagem dos pátios escolares:



Fonte: Elaborado pela autora.

O Programa apoia-se nas bases para a ética Permacultural (MOLLISON, 1998):

1. O cuidado com o planeta Terra deve ser fundamento básico de qualquer atividade humana;
2. O cuidado com as pessoas e as demais espécies que habitam este planeta estabelece o respeito intrínseco pela vida;
3. A partilha dos excedentes deve servir ao planeta e às pessoas.

Figura 52 - Folder do Curso de Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis em 2001 na EMEF Chapéu do Sol

Local:
Escola Chapéu do Sol,
Av. Jataí Batista s/n,
Loteamento Chapéu do Sol, Restinga,
F. 51 32456401

Coordenador:
Prof. Dra. Roseveltiane T. N. Costa
Hortelândia/Pernambuco

Todos os conteúdos do curso são contextualizados por discussões de integração e cultura que poderão ser posteriormente utilizadas pelos professores.

Inscrições:
até 28 de setembro
SMED
Núcleo de Articulação em
Temáticas Contemporâneas/
Educação Ambiental
F: 32141863

Parceiros:
PROFESSORES
LUIZES
FERNANDA
SME - VIAMÃO
ETA - VIAMÃO

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL
PARA COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS**

**CURSO DE FORMAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONTINUA**

De 01 a 11 de outubro

EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

**CURSO DE FORMAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONTINUA**

PROGRAMA

01/10/01
Manhã:
Abertura e apresentação da equipe
Dinâmica de apresentação dos participantes
Introdução ao programa:
histórico, benefícios e etapas.
Princípios da Educação Ambiental
Metodologias de Educação Ambiental
Evolução Comunitária

Tarde:
Determinação das Metas Holísticas dos professores
Determinação das Metas Holísticas dos alunos.

03/10/01
Manhã:
Passeio no pátio escolar
Análise ambiental do pátio escolar com os alunos.

Tarde:
Determinação das Metas Holísticas dos pais e funcionários da escola.
Agricultura Ecológica e Compostagem.

05/10/01
Manhã:
Introdução à Ferramenta de Avaliação dos dados das metas holísticas e da análise ambiental.

Tarde:
Design do pátio escolar - construção do maquete da escola.
Construção da maquete escolar com os alunos.

09/10/01
Manhã:
Avaliação dos dados das maquetes dos alunos.
Design final do pátio escolar.

Tarde:
Conexão dos conteúdos curriculares com a educação ambiental.
Planejamento da execução do design.

11/10/01
Avaliação de execução do design no pátio escolar, com todos professores, pais e alunos.
Planejamento da continuidade do programa e organização da manutenção da transformação do pátio escolar.

Fonte: Arquivo da autora.

Desta forma, o que se apresenta como um problema para a escola passa a ser solução dependendo de como vamos orientar nosso projeto de revitalização, por exemplo: a escola tem muitas áreas de declive, está tendo dificuldades para organizar hortas e também tem pouco espaço para as crianças brincarem, pois estas áreas em declive apresentam erosão e são aparentemente perigosas para brincar. Por exemplo, podemos utilizar as áreas em declive utilizando pneus velhos (coletados na região) para construir escadas com pneus que, se bem colocados

nos declives atuam como drenos e ainda oferecem alternativas para as crianças brincarem, como mostra a Figura 53, podem ser coloridos para alegrar ainda mais o pátio. Em outros espaços, podemos fazer canteiros e hortas da mesma forma, utilizando ao máximo os recursos locais. Foram organizados assim alguns pátios de escolas que apresentavam tal situação, também se utilizavam outros materiais que são excedentes na região, tendo em vista as características de cada região de Porto Alegre.

Figura 53 - Exemplo da utilização de pneus na divisa do Pátio da EMEI Valneri Antunes com o Parque Chico Mendes - Dia de Mutirão



Fonte: Arquivo da autora.

Na edição do Curso Educação Ambiental para Comunidades Sustentáveis, a EMEF Grande Oriente aliou os saberes locais com os saberes acadêmicos na intenção de unir os diferentes olhares, com a participação de pessoas da comunidade, foram incumbidos de apresentar ao público do curso a sua comunidade e contar suas histórias. Com bastante entusiasmo e alegria de todos potencializou-se ainda mais o trabalho naquela comunidade. Para realizar um programa tão audacioso, contamos com valiosas parcerias, entre elas: o Viveiro Municipal de Porto Alegre/SMAM, a Fundação Gaia, a Empresa Vida, a ETA/Viamão, secretarias e departamentos da municipalidade e de professores da RME.

Atualmente, o Programa se intensifica através dos Mutirões de Revitalização nas Escolas, a maioria se realiza aos sábados, onde todos os parceiros são convidados.

A escola se prepara com toda comunidade escolar e aos poucos o pátio é o palco de grandes e belas modificações que vão desde a horta, espiral de ervas,

composteira, canteiros e/ou até mesmo envolvendo oficinas articuladas para incrementar o Mutirão, como por exemplo, a grafitação.

Com o tempo, fomos modificando a programação dos cursos de acordo com outras propostas e novas parcerias, como mostra abaixo o Curso de Introdução à Permacultura em parceria com o IPEP (Instituto de Permacultura de Ecovilas e Região Pampa), através do Permacultor João Rockett – Diretor do IPEP que ministrou o curso para a RME e técnicos em nutrição em 2009, conforme Figura 54 e Quadro 1.

Ao analisar esta linha de tempo, percebe-se uma ampliação e uma exigência maior em se tratando de intervenções nos pátios escolares, bem como nas ações organizadas nas escolas como os Mutirões. As parcerias aumentam, as possibilidades são bem mais ricas e diversificadas, podemos perceber em alguns pátios como o da EMEF Grande Oriente, EMEI Nova São Carlos, EMEF Anísio Teixeira, EMEF Afonso Guerreiro Lima, EMEI Protásio Alves e tantas outras.

Figura 54 - Folder do Curso de Introdução à Permacultura



Fonte: Arquivo da autora.

Quadro 1 - Programa do Curso de Introdução à Permacultura

MÓDULO 1	<p>09/07 – 19 horas Local: Auditório da SMED – Rua dos Andradas, nº 680 / 6º andar</p> <p>10/07 – 8h30min e 14 horas Local: Auditório da SMED – Rua dos Andradas, nº 680 / 6º andar</p> <p>Aula – manhã Introdução Apresentação do grupo Aula - tarde Métodos para o Design Discussão sobre o programa, cronograma, acordos e dinâmica de trabalho; Caos e realidade global; O que é Permacultura – definição e implicações práticas do tema; A história da Permacultura; Permacultura hoje - no Brasil e no mundo; A ética da Permacultura; A Permacultura na paisagem e na sociedade Conceitos e Temas</p>
-----------------	--

	<p>Básicos (princípios dos sistemas naturais); Ciência e conhecimento ancestral; Aplicando princípios naturais no design; Recursos, produtividade, ciclos e nichos; Diversidade, estabilidade, ordem e caos, complexidade e conexões, funções.</p> <p>Introdução a prática do design; Análise pelas características dos elementos; Design pela expansão de observações e lições da natureza; Zoneamentos e setorizações; Design incremental; O conceito de consórcios; Sucessão e evolução de um sistema; Estabelecimento e manutenção de um sistema.</p>
MÓDULO 2	<p>16/07 – 19 horas Local: Anfiteatro do Parobé – Av. Loureiro Silva, nº 945/ Centro</p> <p>17/07 – 8h30min e 14 horas Local: EMEF. Afonso Guerreiro Lima – Rua Guaíba, nº 203/ Lomba do Pinheiro</p> <p>Aula – manhã PADRÕES Aula – tarde AS ÁRVORES E SUAS INTERAÇÕES ENERGÉTICAS A biomassa da árvore; Efeitos do vento; Efeitos da temperatura; Árvores e a precipitação; Interações com a chuva.</p> <p>O CLIMA E OS MICROCLIMAS Precipitação; Irradiação; Ventos</p> <p>EXERCÍCIOS PRÁTICOS E FIXAÇÃO (aula 2 - tarde) Observação do terreno e interpretação; Identificação de recursos; Busca de consórcios naturais; Trabalhos em grupo - análise do espaço</p> <p>Um modelo geral dos eventos; Matrizes e estratégias complexas; Efeitos de borda e aplicações práticas; Temporalidade e formas dos eventos; Espirais, círculos, lóbulos e fluxos; Escalas e ordens de magnitude</p>
MÓDULO 3	<p>13/08 – 19 horas Local: Auditório da SMED – Rua dos Andradas, nº 680/ 6º andar</p> <p>14/08 – 8h30min e 14 horas Local: EMEF. Afonso Guerreiro Lima-Rua Guaíba, nº 203 Lomba do Pinheiro</p> <p>Aula - manhã ÁGUA SOLOS Solo e a saúde da população; Solo e a água; Solo e o alimento. Nutrientes e elementos do solo; Composição, pH e vida dos solos</p> <p>Aula – tarde SEGURANÇA ALIMENTAR, PRÁTICAS E FIXAÇÃO Importância da água; Purificação de águas poluídas; Reuso de águas a nível doméstico; Tecnologias apropriadas para armazenamento, transporte e aquecimento; Pequenos tanques.</p> <p>Movimentações de terra nos trópicos; A horta permacultural; Paisagismo produtivo; A horta vitamina; A origem do alimento e o que comemos hoje; Sementes; Alimento e nutrição humana; Manejo integrado da propriedade; Produção de alimentos em pequenos espaços; Conservação da água no terreno; Produção em estufas; Composteira, mulch, minhocário.</p> <p>Identificação dos microclimas no terreno; Identificação de padrões na natureza; Descobrimo bordas; Espiral de ervas; Horta instantânea; Montagem de sistema de aquecimento de água; Montagem de composteira para apartamentos e pequenos espaços</p>
MÓDULO 4	<p>20/08 – 19 horas Local: Auditório do Parobé - Av. Loureiro Silva, nº 945/ Centro</p> <p>21/08 – 8h30min e 14 horas Local: EMEF. Afonso Guerreiro Lima-Rua Guaíba, nº 203/Lomba do Pinheiro</p> <p>Aula – manhã BIOCONSTRUÇÃO APROPRIADA PRÁTICAS E FIXAÇÃO aula 4 – tarde Técnica de superdobe – pequena construção; Montagem de pentágono / geodésica de bambu</p> <p>Aula – tarde ESTRATÉGIAS PARA UMA NAÇÃO ALTERNATIVA GLOBAL Habitações sustentáveis; Design solar; Arquitetura apropriada; Materiais apropriados;</p>

	<p>Técnicas apropriadas (Cob, fardos, taipas, superadobes, fibras, taipa de pilão, taipa de mão, taipa leve, ferrocimento etc); Telhados verdes</p> <p>Bases éticas para uma nação alternativa; Consumo consciente; Organização bioregional; Estratégias legais de organização; Comunidades e ecovilas; Dinheiro, financiamento e sistemas econômicos alternativos; Investimento ético; Economia solidária; Associativismo.</p> <p>Planejamento</p> <p>Práticas no pátio escolar</p>
--	--

Fonte: Arquivo da autora.

O Curso de Introdução à Permacultura organizado na EMEF Afonso Guerreiro Lima oportunizou soluções simples a problemas severos que a escola vinha enfrentando há alguns anos como, por exemplo, o extravasamento das águas cinzas (proveniente da cozinha da escola). Estas águas se acumulavam e provocava mau cheiro, degradação do solo na área lateral da escola e fundos. Uma das ações que o Curso proporcionou em 2009, foi a canalização destas águas para dois círculos de bananeiras.

As bananeiras, assim como outras árvores de folhas largas, evaporam grandes quantidades de água, então entre a necessidade de tratar as águas cinzas com a evaporação que estas proporcionam, os círculos foram feitos e as águas canalizadas até eles. Temporariamente esta foi a melhor solução para a escola, que teve suas águas do refeitório canalizadas e tratadas nos círculos de bananeiras como mostra as imagens da Figura 55, eliminando o mau cheiro e o acúmulo destas águas.

A solução encontrada pela mantenedora foi uma obra de reforma na escola, transferindo o refeitório e cozinha para a área mais alta próxima a entrada da escola. As obras na escola tiveram início em 2011 e o refeitório novo passou a funcionar em março de 2013. As bananeiras foram transplantadas para outras áreas do pátio escolar.

Esta é uma das bases do design da Permacultura, estabelecer relações positivas, sinérgicas entre os elementos de um sistema vivo.

Figura 55 – Canalização das águas cinzas para os círculos de bananeiras



Arquivo da autora

No ano de 2010, ingressei nesta escola como professora e vivenciei um momento muito marcante para a escola e comunidade do entorno.

No domingo de Páscoa daquele mesmo ano, durante o temporal, a exuberante Figueira que havia na entrada da escola, havia tombado. Seu imenso tronco se partiu em dois e caiu em frente ao prédio sem tocar nele.

Na imagem de satélite mostrada na Figura 56, podemos observar à frente do prédio, na entrada da escola, a majestosa Figueira que em 25 de fevereiro de 2010 (data da imagem de satélite), ainda exibia sua frondosa copa como mostra a imagem. Também podemos ilustrar que nesta imagem a área do entorno do pátio lateral e fundo da escola exibia uma densa e populosa mata que no mesmo ano foi tombada pela especulação imobiliária e muitos transtornos trouxeram para as espécies que ali encontravam abrigo. Isto sem falar das nascentes que passavam por dentro da mata.

Figura 56 - Imagem por satélite da Figueira



Fonte: Google Maps.

Pude observar a relação de toda uma comunidade escolar para com uma paisagem símbolo da escola, que era uma Figueira (*Ficus cestrifolia*) que ornava desde sempre a entrada da escola, a árvore era desenhada por todos e inclusive ostenta a marca/logotipo da escola nos carimbos, documentos, site, camisetas... As apresentações da escola aconteciam sempre no anfi-teatro que a Figueira oportunizava.

Quando a árvore com cerca de mais de 200 anos tombou, o luto tomou conta de todos e a alteração da paisagem provocou o silêncio, a dor de observar diariamente o corpo sem vida das gigantescas toras e base que derramavam seiva como se estivesse chorando, trouxe manifestações que foram desde celebrações à Figueira, poemas, desenhos e recordações calorosas de seu tempo vital, conforme narrativa da professora da escola, Henara Ferreira da Silva.

Num domingo de Páscoa, a Figueira sucumbiu...devido a seu desgaste, ao descuido, já tinha sido avaliada e diagnosticada de que necessitava de cuidados e curativos, mas eles não chegaram a tempo.

Foi um grande sofrimento para todos nós, vemos aquele gigante caído, desfalecido. Quem chegasse à escola, teria o choque da cena terrível, ver aquela árvore enorme deitada pelo caminho. Choramos por aquela que nos deu abrigo nos dias quentes... Embaixo dos seus frondosos galhos encontramos conforto. As crianças no recreio deliciavam-se nos troncos e éramos acariciados pelos galhos que um dia também serviram para enfeitar o pátio com arranjos festivos e natalinos. A sensação de falta foi tamanha, pois o pátio ficou literalmente com uma clareira sem a nossa querida Figueira. Trabalhamos o ano todo elaborando esta perda. Choramos muito, solenemente houve a despedida com a leitura de

poesias, palavras de despedidas... Até hoje, passados três anos, ainda sinto e guardo na minha lembrança a beleza dessa árvore que marcou a todos.

Percebi então que não era unicamente a Figueira, imagem na Figura 57, que tinha tombado como na Figura 58, mas sim tudo que ela representava para a escola a sua própria identidade.

Figura 57 - Figueira *Ficus cestriifolia* na entrada da EMEF Afonso Guerreiro Lima (2008)



Fonte: Arquivo da escola.

Figura 58 - Figueira tombada no domingo de Páscoa em 2010



Fonte: Arquivo da escola.

Propus então a criação do Recanto da Figueira, com a revitalização da área, o plantio de outra da mesma espécie na perspectiva de que permanecesse no ciclo oferecendo seu corpo como abrigo a outras espécies na forma de Recanto.

Então foi proposto ao grupo o entendimento de que aquele corpo que estava ali ainda ostentando a entrada da escola, ainda fazia parte do ciclo da vida, de outra forma. Acabado seu ciclo vital a Figueira ali, agora oferecendo habitat para outras espécies, facilitando a teia da vida.

Criou-se então, através de planejamento coletivo e mutirão em parceria com o Viveiro Municipal de Porto Alegre, o Recanto da Figueira, conforme Figura 59 e, com alegria houve a tentativa de ressignificar a relação com a árvore tão querida, buscando uma compreensão maior de como acontece o ciclo da vida.

Figura 59 - Criação do Recanto da Figueira em 2010



Fonte: Arquivo da autora.

Cabe salientar que mesmo sem sua exuberante forma, a Figueira segue sendo o símbolo da escola e no referido Recanto foi plantada outra árvore da mesma espécie com cinco anos de idade.

Mesmo com a intervenção na paisagem, a identidade do lugar permanece preservada. Muitos estudos foram possibilitados através da criação de Recantos como este.

Não podemos dialogar sobre o lugar sem estabelecer as relações com a paisagem, para que possamos entender estas relações, vamos utilizar o conceito que Santos (1988, p. 61) nos apresenta que diz que a Paisagem é tudo aquilo que nós vemos o que nossa visão alcança e pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas por volumes, mas também por cores, movimentos, odores, sons, etc.

O autor também traz a Paisagem como a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Neste sentido, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, por exemplo, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Diz ainda que nossa tarefa seria a de ultrapassar a Paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado.

Ainda para Cosgrove (1998) A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, com a cultura, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com sua composição. A paisagem, de fato, é uma *maneira de ver*, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma *cena*, em uma unidade visual.

O espaço geográfico confere características que por vezes determinam certas singularidades que alguns lugares apresentam como simbolização e passam a compor também o imaginário das pessoas que nele convivem.

Neste contexto de paisagem como marca, símbolo que permanece por sua representação, temos este exemplo da Escola Municipal Afonso Guerreiro Lima na Lomba do Pinheiro.

A história da Figueira serve apenas para ilustrar a relação do povo de algum lugar que insere em sua cultura a paisagem como símbolo.

Também evidenciamos na Permacultura os problemas que surgem como no caso, a queda da Figueira, pode ser visto como mais uma situação de aprendizagem e de fortalecimento da cultura do povo deste lugar e das relações que estabelecem com a paisagem fortalecendo ainda mais seus vínculos com o lugar e a construção coletiva de soluções.

A organização do ensino como está, muitas vezes impede este olhar sensível sobre a paisagem dos pátios escolares, desta forma, quando instados a planejar dentro de um coletivo percebe-se o grande impacto que inicialmente isto causa aos professores, logo em seguida ocorre um dar-se conta que culmina com ideias muito criativas e inovadoras para transformação destes espaços ricos em situações de aprendizagem e outras tantas. Paisagens concretadas e frias ganham novos contornos e cores, formas buscadas através do estudo dos padrões da natureza.

Sob esta perspectiva de cuidado, protagonismo e transformação dos espaços de pátio também podem ser atingidos, problemas como a violência nos intervalos e recreios (normalmente nos pátios).

O aluno sente-se acolhido e pertencente a este espaço, onde ele próprio protagoniza intervenções e auxilia no manejo, neste sentido seu conhecimento é valorizado e há uma rica produção de saberes a partir das relações estabelecidas no lugar.

A Permacultura, conceito defendido por Mollison (1998), se apresenta como um sistema pelo qual podemos existir no Planeta Terra utilizando a energia que está naturalmente em fluxo e é relativamente inofensiva, alimentando-se de recursos naturais abundantes sem destruir a vida na Terra.

Através do estudo dos princípios da Permacultura que também são princípios de ecologia, podemos realizar importantes intervenções nas escolas através da revitalização dos espaços escolares, onde são levantadas problemáticas ambientais locais e no coletivo se organizam soluções sustentáveis a ser implementadas nas escolas.

A Permacultura apresenta-se então como uma técnica de intervenção na paisagem do lugar e passa por um planejamento coletivo antes de ser aplicada como pudemos ver no exemplo da Escola Municipal Afonso Guerreiro Lima na Lomba do Pinheiro. A técnica nos sugere que encontremos soluções onde antes eram encontrados problemas.

6 AS PEDRAS DO CAMINHO E O CAMINHO DAS PEDRAS

A professora Nedi Ropke traz em sua narrativa, alguns de seus medos, temores em relação a possíveis perdas de conquistas da RME nas políticas de EA que são bem compreensíveis, pois já vivenciou muitos destes momentos.

Tenho muito medo do retrocesso, das escolas não enxergarem mais a necessidade de carga horária, das equipes diretivas que entrarem novas não perceber todas estas conquistas de rede. As conquistas não podem ser perdidas, teria que se atuar junto às direções de escolas.

Certamente encontramos muitas pedras pelo caminho, para muitas gestões, as questões ligadas à temática ambiental eram secundárias e não tinham visibilidade, era necessário empreender um grande esforço para torna-la visível e estabelecer importância. Os educadores ambientais em muitas ocasiões eram vistos como 'alienígenas', pessoas que desacomodam, ficam trazendo mais trabalho ainda para quem já tem que dar conta de suas tarefas. Muito se ouviu esta frase e se escuta ainda.

Outra pedra enorme que é frequentemente encontrada nos corredores ecológicos de saberes desta rede, são as siglas partidárias, inimigas primeiras de qualquer movimento que possa estabelecer vínculo de continuidade das políticas implementadas nas escolas. É de difícil compreensão para nós, educadores ambientais esta inteligência que nega os fazeres pedagógicos bem sucedidos simplesmente porque foi constituído em outra gestão que não a sua. Mas porque somos persistentes e acreditamos no ciclo permanente que faz o trânsito dos saberes se conectarem e buscarem outras formas de ser, conseguimos sempre superar estas pedras que por serem grandes, foram utilizadas como mais um ponto de apoio para outras descobertas.

Podemos entender que a pouca ou nenhuma valorização das questões ambientais por parte dos gestores públicos advenham da falta de conhecimento de sua importância no cotidiano das cidades, ou simplesmente de seu descaso para com isto. Questões como sustentabilidade, relações de cuidado para com a cidade, são temas que embalam projetos de escola, e deveriam ser estruturantes para a cidade, não podem servir apenas de jargão político com fins eleitoreiros.

Quando olhamos as pedras isoladamente elas parecem difíceis de transpor, mas quando as arrumamos lado a lado, intencionalmente, elas aparecem na forma de caminhos a seguir e por vezes até mais criativo, interessante, pois desafia nosso senso crítico e nos ajuda a buscar soluções viáveis.

Na narrativa da professora Liane Roque percebemos as inúmeras pedras nos caminhos da EA, ao mesmo tempo em que vão surgindo os protagonistas na cena, os educadores ambientais de Porto Alegre:

Houve tempos em que nem tudo eram flores... não conseguíamos aprovar nenhum projeto que construíamos coletivamente, pois as pessoas que detinham o poder, nem sempre julgavam importante a educação ambiental. Às vezes nos parecia que jogadas políticas tinham mais valor do que o trabalho propriamente dito, realizado pelas escolas, baseado nos ideais de sustentabilidade. Esses tempos foram difíceis, embora se tratasse do mesmo partido no governo, as correntes políticas eram outras, e havia ainda a dificuldade de comunicação entre as diferentes instâncias do poder, sendo que nossa participação se limitava a encaminhar para filtradores/as de ideias e, dessa forma, muitas vezes as questões fundamentais de nosso trabalho, nem chegavam até os escalões mais altos de decisão.

Outro entrave que tínhamos e acredito se perpetue até hoje, era a falta de comunicação entre as diferentes secretarias de governo. Muitas ações não se efetivavam por existir esse hiato entre os setores da gestão pública. A parceria tinha que ser forjada por nós mesmos/as, protagonistas em ação. O que dependia dos escalões mais altos, nem sempre se concretizava.

Acredito que a maior dificuldade encontrada pela política de educação ambiental da secretaria de educação de Porto Alegre, foi quando a Educação Ambiental deixou de ser um núcleo sólido, com autonomia para trabalhar com a rede de escolas e firmar parcerias com as demais secretarias. Isso ocorreu em 2003, com a diluição da equipe de educação ambiental, desconfigurando seu caráter e obrigando seus/as assessores/as que tinham legitimidade na rede, a se diluírem e atenderem outras demandas que não apenas a educação ambiental. Lembro que nosso grande sonho era termos pelo menos quatro assessores/as de educação ambiental na SMED, um/a para cada região da cidade (norte, sul, leste, oeste). Mas o trabalho realmente realizado e que persistiu por longos anos, independente das mudanças de governo e das reais dificuldades, sempre foi, para mim, uma assessoria quem desenvolveu. E posso afirmar isso, porque trabalhei junto e em todas as escolas por onde eu passo e converso, todos conhecem e lembram este trabalho. Tal diluição a meu ver foi um retrocesso.

O LIAU é algo bem importante para a EA na escola, mas não deve ser a única preocupação da secretaria, visto que a política de educação ambiental da rede, é muito mais ampla e rica do que apenas o LIAU. Na época em que ainda atuava na SMED, lembro que uma grande conquista

nossa, foi garantir algumas horas de projetos de educação ambiental nas escolas, para alguns/as professores/as que queriam dinamizar essa área como protagonista. Lembro que alguns/as professores/as diziam: 'Quando a responsabilidade é de todos/as, acaba não sendo de ninguém!' E graças a professores/as persistentes, que insistiram em garantir horas para seus projetos de educação ambiental, que nós da assessoria estivemos apoiando eles/as e lutando junto na hora do fechamento de quadro das escolas.

Assim garantimos vários projetos que já existiam nas escolas e que ainda hoje permanecem acontecendo, por conta dessas horas em que o/a professor/a fica liberado/a da sala de aula, para firmar suas parcerias, fazer seus contatos e ainda atender alunos/as em turno inverso e protagonizarem ações de educação ambiental na escola. Mesmo acabando com a assessoria específica de educação ambiental, a política de educação ambiental da rede não morre, porque já foi construída com bases sólidas por professore/as protagonistas que apesar das dificuldades todas encontradas, levam seus projetos adiante, porque sabem que em muitas outras escolas da rede, outros/as colegas que eles bem conhecem de cursos e formações, também continuam levando adiante seus ideais através de ações concretas com seus/as alunos/as e seus pares. Essa foi a maior conquista dessa política de educação ambiental implantada na rede municipal de Porto Alegre, entre 1999 e 2009, da qual eu tive o maior orgulho de participar como uma das protagonistas.

Através da narrativa da professora, podemos relacionar com o período que a professora Nedi Ropke esteve compondo a Ativação Curricular de Educação Ambiental no início dos anos 90 o que mais adiante se dilui, por volta de 95 para atender a todas as demandas das escolas por região. Daí o medo da professora Nedi de perdas de conquistas, mas ainda em sua narrativa ela mesma afirma que os tempos são outros e que certas conquistas por força do grupo que foi organizado e seu contato constante, podem se manter. Isto é bem interessante, pois atualmente é a força dos educadores ambientais que vem mantendo tais conquistas.

Lembro então da narrativa da professora Rosa Rosado que traz suas preocupações em relação a rupturas, mas identifica o importante papel dos educadores ambientais:

Enquanto servidores públicos, pensando no bem viver na cidade, sempre se levanta a dificuldade da descontinuidade das políticas a cada troca de gestão, descontinuidade dos processos. Vivenciamos várias quebras nos processos e a cobrança da rede pela continuidade das políticas de EA principalmente em dois momentos, uma vez em 2005 e outra em 2009. Os educadores ambientais cobraram a continuidade das políticas conquistadas por este grupo, para que não houvesse perdas.

A professora Nedi Ropke traz algo semelhante em seu relato:

Sinto como se fossemos amadores em meu período e hoje, estamos bem mais desenvolvidos. Temos formações com conteúdos científicos e vivências. Antes fazíamos trocas, mas não tinha a profundidade que se tem hoje com todos os avanços obtidos. Estas conquistas não podem ser perdidas, tem que ter continuidade e sem sobressaltos.

Fica claro nestas narrativas, que houve significativos avanços apesar de todas as dificuldades encontradas pelo caminho e que vai depender desta memória de conquistas para que não se perca o fio condutor, pois para quem chega e não conhece a história, há uma naturalização nos processos e a consequente desvalia por não entender tal importância no contexto desta rede. Pode acontecer entre professores e também grupos políticos, então nosso papel também é o de dar fluidez a este contexto e fazer com que entre sempre na pauta dos diálogos que constitui os fazeres pedagógicos desta rede.

Quando falamos em gestão, não podemos deixar de lado as gestões das escolas, pois já houve e talvez ainda haja muito entrave na fluidez das informações junto a algumas direções por não repassarem informações a seus grupos, não acharem importante o tema a ponto de mesmo sem querer, promover um certo 'boicote' na constituição do grupo de formação continuada que teve que driblar a falta de comunicação utilizando as ferramentas tecnológicas disponíveis na época, primeiro mensagens eletrônicas, que poucos acessavam e depois os grupos virtuais, mais especificamente os educadores ambientais de Porto Alegre.

Outra pedra no caminho que pouco se percebe até pela sua discrição é a anestesia do olhar e a consequente acomodação diante de fatos extremamente sérios e comprometedores. Estamos em uma sociedade forjada no consumo e atrelada a conceitos e pré-conceitos que nos fazem reproduzir muito do que denunciemos. Para superar esta pedra, temos que desacelerar o ritmo, perceber o mundo a nossa volta como ele realmente se apresenta e nos inserir nele em uma perspectiva de ser e estar com ele, penso que esta é a pedra mais perigosa e escorregadia, pois ela só depende de nós mesmos. A política é um trânsito que com o tempo aprendemos a dirigir, mas a nós mesmos podemos levar uma vida acreditando que estamos na direção quando somos surpreendidos.

Também faltaram muitos registros de tantas ações e atividades em Educação Ambiental, mais divulgação para a rede e parceiros.

Mesmo assim, a dificuldade na comunicação é um entrave para a constituição de políticas e deve ser superado.

Outra dificuldade ao longo deste período, aliviado apenas pelas parcerias, era a falta de equipe para dar conta de tantas ações e projetos junto à rede. As demandas da EA foram crescendo e as perspectivas de equipe diminuindo.

Como relatou a professora Liane Roque, a falta de comunicação e articulação intersecretarias também enfraquece muito as ações e projetos e é um problema sempre recorrente.

Lembro que na ocasião da formação do Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Porto Alegre, fazíamos uma oficina chamada 'Pedras no Caminho', era interessante, pois trabalhávamos com os jovens a observação das tais pedras que eram confeccionadas por eles mesmos em sobras de papel e distribuídas em um caminho circunscrito no chão, nesta caminhada silenciosa e através da observação colhíamos relatos preciosos sobre as inúmeras sensações que eles tinham ao caminhar por entre as pedras, as decisões que tinham que tomar diante delas e dos variados tamanhos, como lidar com este desafio e transpor para a vida...

Bem, ao final, o maior desafio era o de definir o que eram estas pedras na vida real e muitos as colocavam como os desafios que a vida nos impõe e as escolhas e respostas que temos que dar naquele momento preciso.

Ao pensar nas dificuldades enfrentadas na implementação da EA, lembro muito destes diálogos tão ricos e das contribuições destes jovens nestes momentos.

Finalizávamos a oficina com a declamação do Poema de Antônio Machado ([1999]):

Caminhante, são teus rastos o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho, e ao olhar-se para trás
vê-se a senda que jamais se há de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho, somente sulcos no mar.

O que fica para nós então é que das diferentes pedras que encontramos nos caminhos da EA na RME de Porto Alegre, cada uma tem uma característica com a qual pudemos aprender e de forma fraterna, solidária e criativa foi possível juntar e construir caminhos com todas elas, afinal até mesmo as pedras escorregadias tem

sua função. Pode não ter sido os caminhos que planejamos, mas creio que ele existe porque nós o construímos e estamos falando deste caminho agora.

Na vida, somos capazes de paralisar diante de uma simples pedra/dificuldade e talvez não encontrar razões para seguir e ficar reclamando a toda hora e relembando a pedra. Mas se nos afastarmos um pouco, também somos capazes de ver esta pedra ao longe e procurar exatamente nela respostas ao invés de resmungos, e parece que as respostas fluem exatamente quando estamos dispostos a recebê-las, então vamos nos apoiando nestas pedras, passo a passo para sentir bem firme o chão debaixo de nossos pés e que tenha o tamanho que nosso pensamento conseguir alcançar.

7 CONSIDERAÇÕES: TENSIONANDO PARA DEPOIS SOLTAR...

“Todo dia o sol levanta e a gente canta o sol de todo dia,
Fim da tarde a terra cora e a gente chora porque finda a tarde,
Quando é noite a lua amansa, a gente dança venerando a noite”.
(Canção do povo de algum lugar, Caetano Veloso)

Início minhas considerações com a canção de Caetano que embalou as inúmeras ações impactantes (ações de sensibilização em EA na SMED).

A música, a poesia, as mais diversas expressões artísticas sempre foram e continuam sendo o alimento mais importante que nutre com muita criatividade e alegria estes movimentos que buscam romper resistências e sensibilizar para a mudança de pensamento e atitude.

Ao fluir pelos corredores ecológicos de saberes, estes eventos listados aqui, foram estabelecendo conexões ao longo do tempo e por estarem em conexão foram se alargando e desencadeando outros tantos eventos que hoje identifico em minha análise como eventos que fortaleceram a EA.

Quando dizemos que em muitas escolas encontramos a Educação Ambiental no coração do currículo, é porque antes ela passou pelo coração dos educadores ambientais daquele lugar chamado escola, então lembro novamente de Milton Santos:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2012, p. 322).

Os eventos escolhidos, a narrativa dos educadores ambientais e a busca em arquivos demonstram uma caminhada de construção coletiva de estratégias para entender o lugar escola como este lugar que se polariza entre atender as solicitações precisas do mundo, mas também em ser o teatro das paixões humanas que acontecem em sua cotidianidade.

Este lugar Escola se encontra na região, na cidade, no país, inserida no mundo e é neste lugar que encontramos os sujeitos que protagonizam os eventos/ações que são (re) significados em uma análise pretensiosamente geográfica e curiosamente pedagógica.

Atualmente percebo que a geografia tem se ocupado muito mais em analisar o conceito de lugar, tendo em vista que estamos vivendo a era da comunicação, da

informação em todos os espaços. Existe um desconforto, desacomodação talvez em relação ao lugar enquanto produto das relações humanas que se estabelecem nele ou não.

Penso que o lugar é este ponto como traz Santos (2012), de reunião de um feixe de relações que é produzido pelas relações humanas que ali se estabelecem e ganham significado, é legitimado como lugar tal, possui/cria identidade.

Território também traz a relação estabelecida entre as pessoas que antes era lugar, mas passa através das significações, representações para um ou outro grupo, a ser território. Este é estabelecido por relações de poder entre grupos e pode até receber novas e outras dimensões/fronteiras, a partir do desejo e da forma com que os grupos o concebam.

Nestes corredores ecológicos de saberes ainda hoje, circula a preocupação com o pátio escolar como um lugar precioso de tantas aventuras pedagógicas e intervenções criativas com a comunidade tendo muitas vezes, a Permacultura como orientador destas ações sustentáveis.

Os educadores ambientais se reúnem e fazem suas trocas, produzem conhecimentos, organizam os LIAUs em suas escolas, preocupam-se em registrar e expor a produção de saberes que ocupa lugar dentro da escola, participam de Seminários, desdobrando-se em saberes que são irradiados para fora da escola, alargando ainda mais esta teia que se movimenta, estabelece sempre novos pontos de conexão, nos encanta e surpreende com sua continuidade e força.

Nesta busca tensionada, vão sendo reveladas produções de conhecimentos valiosas que unem os saberes científicos, historicamente acumulados, com os saberes trazidos pela comunidade escolar. Toda construção exige esforço e nesta, o estudo é uma força muito importante, entender, registrar, ampliar e inovar constantemente faz com que os processos pedagógicos que envolvem a EA se façam através de parcerias que atualizam esta contínua produção de saberes.

A cooperação e solidariedade são marcas que podemos visualizar nas ações das escolas e na narrativa dos educadores ambientais, principalmente nos mutirões realizados para revitalizar os pátios, onde temos outras escolas e parcerias envolvidas como, por exemplo, o Viveiro Municipal de Porto Alegre/SMAM e o Centro Agrícola Demonstrativo/SMIC.

Não estabeleço as dificuldades como entrave tão rigoroso, afinal, estamos diante de um desafio paradigmático, romper com a visão antropocêntrica para uma

compreensão de mundo nova que já recebe tantos nomes: holística, sistêmica, enfim, que conceba o humano como parte da natureza, é muito difícil na prática.

Na obra *Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental nas Cidades: estratégias a partir de Porto Alegre* diz que a revolução sustentável é a transformação do nosso paradigma. Na obra, Palsule (2004, p. 37) em seu artigo afirma que “um paradigma é a matriz que define uma forma coletiva de sentir, pensar, intuir e valorar. Quando estes quatro pilares do paradigma sofrem uma transformação, o paradigma se abre para a mudança”.

E eu creio realmente que estamos nesta caminhada e a cada momento um destes pilares vai sendo movimentado, quando tivermos esta combinação teremos a mudança, a visualização constante da caminhada e a retomada destes pontos são fundamentais para o próximo passo que se observarmos bem, um depende do outro. Por vezes tendemos a ensinar na perspectiva de atender aos apelos por um mundo melhor, com qualidade de vida, sustentável, acreditando que estamos nesta caminhada, porém se não sentirmos dentro de nós e não produzirmos novos valores para este novo tempo, continuaremos na contramão.

Então revisitar o pensamento é fundamental, reconhecer nossas falhas para seguir adiante e não termos medo do novo.

Quando olho esta caminhada e lembro-me de todas as dificuldades enfrentadas, sinto muita esperança ao mesmo tempo em que percebo quantas contribuições de tantas áreas do conhecimento para que pudéssemos pensar EA desde a Educação Infantil até o ensino médio, especial...

Encontramos alguns pontos de intersecção entre os eventos aqui citados que foram e são fundamentais no fluxo de conhecimentos e informações que circulam por estes corredores, a conexão de saberes geradora de práticas pedagógicas adotadas por esta rede.

Ao ler o diálogo iniciado pelo professor Nelson Rego no livro *Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos: Geografizando em Educação o Local e o Global* (2003) percebo que minha escolha pelo caminho da hermenêutica para esta análise, foi feliz. Neste sentido, podemos dizer que esta pesquisa, apresenta uma rede de muitos nexos que vão constituindo um panorama nem sempre fácil de visualizar e talvez de difícil compreensão. Ao mesmo tempo em que me preocupo em analisar fatos passados como produção gerada através dos eventos, ocupo-me de agenciar seu prosseguimento, em termos de futuro.

Evidencio através da análise de todo material visitado que a Formação Continuada é apontada como o marco mais importante para a constituição da política de EA na RME de Porto Alegre. A Formação Continuada deu voz e vez aos educadores ambientais e gerou as tantas outras estratégias de EA que vieram a tornar-se políticas da rede.

Todas estas valiosas contribuições protagonizadas pelos educadores ambientais de Porto Alegre, fortaleceram e fortalecem a política de EA na RME e para além dela, através desta tessitura que está em constante movimento.

A sensação de inacabamento, a ansiedade em valorizar a tudo que reuni, me fez refletir sobre a importância do processo, diminui a ansiedade pensar no caminho e não na chegada, pois ela não existe e ainda assim insistimos em chegar. Então creio estar em algum ponto do caminho e sinto-me feliz por simplesmente enxergar este caminho e sentir a necessidade de continuar adiante.

Atualmente existe uma assessoria de Educação Ambiental na SMED que não só dá sequência às políticas adotadas pela rede, mas inova, reinventa.

Sinto-me uma peregrina entre tantas áreas, e a Geografia talvez porque entende as territorialidades, ajudou a me encontrar nesta escrita que de forma singela me aponta caminhos e me faz acreditar que transpomos as dificuldades e construímos pontes para transitar e estabelecer o diálogo que hoje situa os educadores ambientais nas diversas áreas e níveis do conhecimento contribuindo dentro de suas especificidades, mas com identidade reconhecida.

Espero que os corredores ecológicos de saberes se fortaleçam, se ampliem e possam continuar fluindo, estabelecendo novas e encantadoras conexões que trazem em si promessas a serem reveladas neste contínuo ir e vir de saberes que insistem em se fazer empíricos.

Nesta trajetória de rompimento com as amarras que nos impedem de ser e nos impõe o ter como fundamento de uma sociedade em transformação, os saberes sabidos e os saberes vividos tornam-se essenciais no fortalecimento de um novo vir a ser, capaz de unir conhecimento e sabedoria para constituição de uma humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso 9 mar. 2013.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A Invenção Ecológica:** narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo das paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

FLICKINGER, Hans Georg. **A Caminho de uma Pedagogia Hermenêutica.** São Paulo: Autores Associados, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Introdução de Francisco C. Weffort. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LEGAN, Lucia. **A escola sustentável.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

_____. **Soluções Sustentáveis – Permacultura Urbana.** Pirenópolis, GO: Mais calango. Editora Pirenópolis, GO: Ecocentro IPEC – Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado, 2008.

MENEGAT, Rualdo; PORTO Maria Luiza; CARRARO, Clóvis Carlos; FERNANDES, Luís Alberto D’avila (coord.). **Atlas Ambiental de Porto Alegre.** 1. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

MMA. Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Corredores Ecológicos – experiências em planejamento e implementação /** Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Brasília: MMA, 2007.

_____. O corredor central da mata atlântica: uma nova escala de conservação da biodiversidade / Ministério do Meio Ambiente, Conservação Internacional e Fundação SOS Mata Atlântica. Brasília: MMA; Conservação Internacional, 2006.

MOLLISON, Bill. **Introdução à permacultura.** Bill Mollison, Reny Mia Stay; tradução de André Luis Jaeger Soares – Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo/Brasília, Cortez/UNESCO, 2000.

_____. **A Cabeça Bem-Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação**. PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S.; PETRAGLIA, Izabel (orgs.). 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORROW, Rosemary. **Permacultura Passo a Passo**. Pirenópolis, GO: Mais Calango Editora, 2010.

PALSULE, Sudhanshu S. O Desenvolvimento Sustentável e a Cidade. In: MENEGAT, Rualdo; ALMEIDA, Gerson. **Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental nas Cidades**: estratégias a partir de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. p. 31-57.

PNMA – **Política Nacional de Meio Ambiente**, alterada depois pelas Leis 7804/89 e 8028/90, regulamentada pelo Decreto nº 99.274/90. Disponível em: portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/ealegal.pdf - Acesso em 13 de março de 2013.

REGO, N.; SUERTEGARAY, D.; HEIDRICH, A.; . O Ensino de Geografia como uma Hermenêutica Instauradora. In: REGO, Nelson; AINER, Carlos; PIRES, Cláudia; LINDAU, Heloísa. (Orgs) **Um pouco do mundo cabe nas mãos: Geografizando em Educação o local e o global**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis: Insular, 2011. p. 63-89.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado** – Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

APÊNDICE A - DOCUMENTO ENVIADO AO MEC EM 2002

De: Secretaria Municipal da Educação – SMED
Para: Ministério da Educação e Cultura

Porto Alegre, 14 de março de 2002.

O MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE (RS) em participação no II Encontro de Representantes de **EDUCAÇÃO AMBIENTAL DAS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO – BSB/NOVEMBRO/2001**, em conjunto com os demais Estados e demais Municípios da Região Sul elaborou e aprovou, por meio de voto, os seguintes itens:

Com relação à:

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

- Implementar a Educação Ambiental no âmbito da Educação Básica em todas as modalidades de Ensino e no Ensino Superior;
- institucionalizar e desenvolver em **TODAS** as Secretarias, Estaduais e Municipais de Educação, políticas de Educação Ambiental, que assegurem o cumprimento da Política Nacional de Educação Ambiental – Lei n.º 9.795/99;
- constituir nos sistemas de ensino, estruturas que dêem suporte à criação de redes de Educação Ambiental, com vistas à implementação das políticas de Educação Ambiental, em nível local e regional, ou seja Estadual e Municipal.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Redimensionar os espaços escolares de forma a garantir áreas de pátio, áreas verdes, espaços internos e externos, que promovam a saúde ambiental no desenvolvimento das práticas pedagógicas.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Estabelecer e implementar políticas e programas de formação continuada de Educadores em Educação Ambiental.

MATERIAIS DIDÁTICOS/ INFORMAÇÃO

Articular as redes de Educação Ambiental aos projetos políticos pedagógicos das Escolas.

CURRÍCULO

- Sensibilizar, informar e desenvolver processos educacionais embasados em valores, atitudes e propostas de gestão dos recursos naturais, que promovam a proteção a todas as formas de vida e contribuam para a construção de sociedades sustentáveis;
- organizar o conhecimento sócio-ambiental, através de processos de construção/reconstrução do conhecimento de forma dialógica, com vistas a valorização e integração dos diferentes saberes, propiciando a articulação de projetos e atividades de interesse da Comunidade.

FINANCIAMENTO

Destinar recursos orçamentários específicos nas Instâncias Federal, Estadual e Municipal, para financiar projetos voltados à Educação Ambiental, elaboração e aquisição de materiais e equipamentos, para a formação continuada dos educadores em Educação Ambiental.

Para atingir os objetivos supramencionados, a Secretaria Municipal da Educação da cidade de Porto Alegre (RS) realizou uma reunião com os Educadores da Rede Municipal de Ensino, no dia 13 (treze) de março do corrente ano, às 19 horas, para fins de decidir, em conjunto, a contribuição da Secretaria, no que diz respeito a Educação Ambiental.

As propostas foram as seguintes:

- a) Implementar políticas de Gestão Ambiental nas SEMEDS e SEDUCS, estendendo-as às Unidades de Ensino, abrangendo questões como: consumo; produção de resíduos; coleta e destinação do descarte; desperdício de energia; água; uso e preservação de bens naturais, assim como de equipamentos das Unidades de Ensino;
- b) seja disponibilizado pela União recurso financeiro, para as SEMEDS e as SEDUCS, mediante apresentação de **PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**, que deverão estar integrados às políticas ambientais implementadas pelas Secretarias, a quem caberá o acompanhamento e a efetiva prestação de contas;
- c) implementar, por meio das SEMEDS e SEDUCS, políticas ambientais. Para tanto, as Secretarias deverão disponibilizar um (01) "Educador Referência", nos diferentes turnos

de funcionamento da Escola, com carga horária mínima de dez (10) horas, a quem caberá articular e "animar" o trabalho de Educação Ambiental inserido no Projeto político-pedagógico da Escola – de forma interdisciplinar – envolvendo todas as áreas de conhecimento;

d) implementar um " site" – a nível nacional – de Educação Ambiental, disponibilizando pesquisas, informações, troca de "experiências" entre os "internautas".

e) construir e desenvolver, dentro das Unidades de Ensino, um trabalho que busque a conscientização de TODA A COMUNIDADE ESCOLAR, aqui entendida como alunos, pais, professores, funcionários e direção, sobre a importância da preservação do Meio Ambiente

Referidas propostas foram apresentadas e referendadas pelos seguintes Educadores:

- Abilio Cesa Nunes – E. M. E. F. Leocádia Felizardo Prestes;
- Adriana Killes Barcelos – E. M. I. Vale Verde;
- Antônio Luis C. De Freitas – E. M. E. F. Lauro Rodrigues;
- Beatriz Vinholes Pacheco -- E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima;
- Carmem Rita Bruqnera – E. M. E. F. Liberato S. Vieira da Cunha;
- Cintia Albertoni – E. M. E. F. Gabriel Obino;
- Cláudia Regina Luedke – E. M. E. F. Chapéu do Sol;
- De Lurdes – E. M. E. F. José Loureiro da Silva;
- Gládis Uzun Fleischmann – E. M. E. F. Porto Alegre;
- Lauren Veronse – CMET – Paulo Freire
- Liane Arrial Roque -- Assessoria de Educação Ambiental- SMED;
- Lizete Peralta da Rocha – E. M. E. F. Marcirio G. Loureiro;
- Maria Inês Brochado – E. M. E. F. José Mariano Beck;
- Márcia Eliane B. Lima – E. M. I. Humaitá.
- Márcia Vargas – E. M. E. F. Décio Martins Costa;
- Margareth A. Vieira – E. M. E. F. América;
- Maria do Carmo – E. M. E. F. Gabriel Obino;
- Maria Maristela Thomas – E.M.E.F. São Pedro
- Maria Rosa – E. M. E. F. Aramy Silva;
- Maria Saleti Rosetti – E. M. E. F. Jean Piaget;
- Marisa Soares – E. M. E. F. Victor Issler;
- Mariuse Cardoso Borges – E. M. E. F. Martim Aranha;
- Nilce Maria Rodrigues – E. M. E. F. Pessoa de Brum;
- Olga Maria Alves – E. M. I. Nova Gleba;
- Rogério Lauda – Oficineiro, músico e ator;
- Rosa Fantoni Maciel – E. M. E. F. Saint' Hilaire;
- Rosa Maria F. Maciel – E. M. E. F. Anísio Teixeira;
- Sandra Ferreira.- E.M.E. E. F. Tristão Sucupira Viana.

- Sílvia Rico – E. M. E. F. Judith Macedo de Araújo;
- Suelly de Oliveira – E. M. E. F. Wenceslau Fontoura;
- Teresinha Sá Oliveira – Assessoria de Educação Ambiental- SMED

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
GESTÃO 2001/2004

Prefeito

Tarso Genro
Vice-Prefeito
João Verle

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

Secretário
Eliezer Moreira Pacheco
Secretário Adjunto
Davi Schmidt

Coordenação Pedagógica

Jaqueline Moll

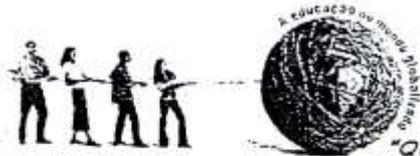
Coordenação dos Trabalhos em Educação Ambiental

Teresinha Sá Oliveira – Educação Ambiental – Núcleo das Temáticas Contemporâneas/ COOPED / SMED/PMPA.
Liane Arrial Roque – Educação Ambiental – Núcleo das Temáticas Contemporâneas/ COOPED / SMED/PMPA.

Assessoria Jurídica
Márcia Moura Lameira

APÊNDICE B - CARTA DOS EDUCADORES AMBIENTAIS AO FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO

Carta de Intenções dos Educadores Ambientais de Porto Alegre para o Fórum Mundial de Educação



*"Queremos um mundo mais limpo, menos violento,
e que a gente possa ser criança com respeito."*

Anderson Machado e Priscila Juraci Domeles- alunas da E.M.E.F. Lidovina Fantan

Nenhum conhecimento moderno gerou tantas mudanças na maneira de ver, entender e pensar o mundo do que aquele que diz respeito ao meio ambiente. Basta ver o que ocorreu com as áreas tradicionais do conhecimento, que adicionaram o adjetivo ambiental após o seu nome. Por isso, o conhecimento ambiental é de novo tipo: diz respeito tanto às questões do mundo objetivo como às do mundo humano, isto é, de como a sociedade se apropria e percebe a natureza.

Educar nessa perspectiva é um imenso desafio. Como ensinar algo que não é uma disciplina, mas, pelo contrário, é objeto dos mais diferentes olhares, desde científicos, econômicos, políticos, sociais, filosóficos e até religiosos? Ou ainda: como ensinar algo que não encerra nenhuma verdade absoluta e é essencialmente dialógico? Somente a Filosofia gozou desse estatuto, razão pela qual é sempre a primeira a ser suprimida dos currículos quando regimes ditatoriais se impõem. De fato, para os autoritários, o contraditório é rapidamente lido como doutrinação.

A educação e as questões ambientais são transdisciplinares, estão além das disciplinas. Nos remetem ao sentido de unidade dos mundos natural, humano e espiritual. Por isso, criam valores éticos, pois nos abrigam a ver o Outro para além das técnicas. E quem é o Outro? É a Natureza. O peixe. A árvore. O índio que não pode mais viver na mata nativa. O vizinho que comunga o mesmo or e elevador. É toda a vida humana, teia única a sustentar-se precariamente na Biosfera. Essa concepção implica não ver as coisas contra o Outro, pois isso alimenta, junto com a exclusão social, o gene egoísta. As gerações atuais e futuras almejam como nunca um mundo de tolerância e paz, pois sem elas, não há como dizer que se respeite a natureza.

Esta carta traz a contribuição de educadores de Porto Alegre para construção de uma política de Educação Ambiental voltada à cultura da sustentabilidade, através da articulação e do comprometimento com a sociedade organizada.

A Educação Ambiental deve estar empenhada na construção da Cidadania Planetária, baseada no conhecimento de toda complexidade da condição humana enquanto biológica, psicológica, afetiva, social, cultural, política e histórica. Assim destacamos algumas intenções fundamentais neste processo:

- Promover debates na educação pública sobre a complexidade das problemáticas ambientais, possibilitando construir alternativas conjuntas que visem a transformação;
- Que seja implantada a Educação Ambiental no currículo escolar desde os anos iniciais para que as crianças cresçam melhores do que seus pais, respeitando mais o ambiente;
- Os educadores ambientais de Porto Alegre unem-se na luta para garantir que a água continue sendo um bem público indispensável à vida;
- Não restringir o trabalho em Educação Ambiental ao ambiente externo, mas, relacionar com o ambiente interno (corpo);
- Que os trabalhos em Ed. Ambiental busquem uma visão planetária que integre o ser humano com ele mesmo, com os outros seres e com todo o planeta;
- Auxiliar na construção de redes de saberes locais que possam estar em constante troca e articulação;

- Informar e favorecer a organização das comunidades para que atuem desempenhando seu papel na criação de uma sociedade sustentável;
- Zelar pelo cumprimento da agenda 21 local;
- Que a Educação Ambiental contemple a promoção de ações que valorizem a cultura local;
- Associar ações de Educação Ambiental às ações de trabalho educativo e geração de renda;
- Trabalhar a Educação Ambiental nos diferentes espaços educativos estando esta temática articulada com outras temáticas como: Educação para a Paz, Educação Anti-discriminatória, incorporadas à Proposta Político-pedagógica da SMED;
- Trabalhar a Educação Ambiental por dentro do Projeto Político-Pedagógico da Escola, através do comprometimento, da responsabilidade e da cooperação entre todas as áreas do conhecimento em todos os níveis e modalidade de ensino;
- Garantir a Formação Continuada em Ed. Ambiental para os educadores de todos os níveis e modalidades de ensino;
- Incentivar a organização e a formação de jovens educadores ambientais, para que estes possam receber acompanhamento no manejo e cuidado de áreas verdes, parques, praças, pátios escolares...;
- Garantir a disponibilização (liberação) dos educadores para participação nos encontros, cursos, eventos de Educação Ambiental, para que possam ser efetivamente socializadores nas suas escolas / regiões;
- Prever áreas verdes e de recreação ao projetar os espaços educativos;
- Que todo planejamento para o desenvolvimento urbano e ambiental estude e respeite as características de cada região da cidade antes de realizar qualquer tipo de obra, como por exemplo: reassentamentos, escolas, aterros sanitários e de inertes ;
- Buscar articulação e parcerias com os programas de Ed. Ambiental desenvolvidas por secretarias, departamentos da cidade e outros, potencializando os trabalhos nas Escolas (de forma regionalizada ou não). Assegurando que as parcerias atendam aos critérios:- Educativo/formativo; envolva toda a comunidade escolar; solidário/cooperativo; tenha monitoramento; avaliação constante de todos envolvidos;
- Assegurar que a Educação Ambiental da SMED possa viabilizar aquisição de materiais para o desenvolvimento dos trabalhos das Escolas, cujas parcerias com as outras secretarias, ex. SMAM, SMOV, DMLU, DEP e outras não possam prover. A distribuição dos mesmos obedecerá critérios de concepção e monitoramento dos projetos das Escolas;
- Que cada escola crie um movimento de envolvimento de toda a comunidade escolar para elaborar o seu programa e plano de ação em Educação Ambiental destacando responsabilidades coletivas e individuais; articulando seus programas com os programas de gestão ambiental da cidade;
- Incentivar o trabalho de Educação Ambiental nas comunidades/escolas, respeitando as características de cada região, disponibilizando para isto recursos necessários;
- Diagnóstico da percepção da comunidade local sobre seu espaço físico, cultural, social, ambiental, incluindo a proposta de transformação do pátio escolar;
- Incentivar a implantação de viveiros com espécies nativas, através de acordos e/ou conveniamento com a Secretaria (SMED/PMPA);
- Todo e qualquer planejamento em Ed. Ambiental que envolva: plantio, remoção, poda com permissão..., deve ser informado ao gerente da zonal da SMAM para que seja incluído nas planilhas da cidade;
- Que haja um planejamento orçamentário, busca de recursos para viabilizar os programas de Educação Ambiental;
- Contemplar no trabalho de Educação Ambiental saídas de campo, visitas orientadas a áreas verdes, espaços culturais, unidades de triagem de resíduos sólidos, aterros sanitários, e outros, aproveitando todo o potencial educativo do espaço urbano;

- Apropriar-se dos espaços do entorno da escola/espaço educativo, através de mapeamento das áreas verdes mais próximas;
- Implantar a coleta seletiva e o reaproveitamento de resíduos sólidos em todos os espaços educativos, desenvolvendo ações que tragam consigo uma profunda reflexão sobre o modo de produção e consumo adotado;
- Sensibilizar as ações de Ed. Ambiental através da música, da poesia, da pintura..., como por exemplo arte-ecologia;
- Reorganizar a inserção dos Técnicos Agrícolas na proposta político-pedagógica da SMED para apoiar o trabalho de Educação Ambiental junto às escolas;
- Organizar o mapeamento dos trabalhos e ações em Educação Ambiental nas Escolas/Instituições;
- Criação de um banco de dados com informações ambientais sempre atualizadas e disponíveis a todo educador ambiental (inclusive na Internet), organizando também uma agenda de endereços de órgãos, secretarias, departamentos, entidades que desenvolvam trabalhos em Educação Ambiental;
- Buscar a melhoria da qualidade de vida humana dentro dos limites da capacidade dos ecossistemas, atendendo os direitos fundamentais dos cidadãos/cidadãs – Educação – Saúde – Proteção – Não violência;
- Alertar e comprometer os poderes públicos e privados quanto à necessidade de estabelecer políticas que tragam consigo uma relação de equilíbrio entre natureza e cultura, desenvolvendo ações que estimulem a sustentabilidade.

Educadores Ambientais:

Teresinha Sá Oliveira – SMED
 Rosa Maris Rosado- SMED
 Rualdo Menegat - Instituto de Geociências da UFRGS.
 Coord. do Atlas Ambiental de Poá
 Alunos das turmas B13 e B14 da E.M.E.F. Lidovino Fanton
 Carlos Türck- DMAE
 Eliana Menegat – SMAM
 Alfredo Moniz- Cidadão de Porto Alegre
 Sândhya Pereira- DEP
 Waldelúcia Pereira Santos- DMAE
 Nilva Mortari- DEMHAB
 Eliane Simões da Silva- Projeto GALPÃO/EJA
 Valdo Hermes Barcellos- UFSM
 Carlos Hahn- músico
 Beatriz Stumpf- Fundação Gaia
 Nilciomara M. da Silva- Capela Navegantes
 Maria Júlia Kessler – Lar de São José
 Flávia Silva Ramos- SOMAI
 Juliana G. Clos - E. M. E. F. José Loureiro da Silva e
 Aldeia da Fraternidade
 Luiz Ademar Corrêa - E. M. E. F. Saint'Hilaire
 Elvio Vinicius Machado - E. M. E. F. Martim Aranha
 Danilo Oliveira de Souza- E. M. E. F. Heitor Villa Lobos
 Rosa Maria Maciel- E. M. E. F. Anísio Teixeira
 Aline Araújo da Silva- E.M.I. Jardim Salomoni
 Vera Beatriz Ehlers - E.M.E.F. Afonso Guerreiro Lima
 Beatriz Vergara – E.M.E.F. Lidovino Fanton
 Clarisse Abraão – E.M.E.F. Lidovino Fanton

Carmem Rita Brunnera- E. M. E. B. Liberato S. Vieira da
 Cunha
 Rosângela Remião Russo- E. M. E. F. Alberto Pasqualini
 Celina Cabrales – Usina do Gasômetro
 Ceres Gomes Duarte- C.M.E.T. Paulo Freire
 Lauren Veronese- C.M.E.T. Paulo Freire
 Maria Rozani de Mattos Boff - E. M. E. F. Vila Monte Cristo
 Rosane Giron - E. M. E. F. Ana Íris do Amaral
 Alunos das turmas B21 e B22 da E.M.E.F. N.S. de Fátima
 Liège Levy dos Santos- E.M.E.F. N.S. de Fátima
 Dilse O. Luz- E. M. E. F. Jean Piaget
 Maria Maristela Thomas- E. M. E. F. São Pedro
 Vera Berenice S. Rich- E. M. E. F. Tristão Sucupira
 Viana
 Ana Maria S. Mota- E. M. E. F. Dolores Alcaraz Córdas
 Maristela Maciel- E.M.I. Vale Verde
 Vanessa de Oliveira- E.M.I. Max Geiss
 Joseane F. Jobim Paniz - E.M.I. Sta Rosa
 Claudia Daudt Polido- E.M.I. Vila da Páscoa e E.M.I. Nova
 Gleba
 Helena Cardoso- E.M.I. Vila Tranco
 Letícia Dorneles- E.M.I. Vila Nova Restinga
 Cláudia Borges Mendes- E.M.I. Parque dos Maias II
 Lúcia Helena Rodrigues- E.M. I. Jardim Camaquã

APÊNDICE C - CARTA CONEXÕES EM REDE

Seminário de Educação Ambiental – ‘Conexões em Rede’

De 21 a 24 de agosto de 2007

Local: Memorial do RS

Carta Coletiva d@s Educador@s Ambientais de Porto Alegre

Entendemos que, articulação tem sido a palavra-chave, porém o mais importante é compartilharmos nossos conhecimentos em uma proposta que reúne esforços coletivos. Mesmo contendo diferentes enfoques, os olhares se encontram no momento em que o pensamento é nosso: sensibilizar para efetivar uma sociedade mais ética e sustentável.

De acordo com a Lei Nº 9.795, de 27 DE ABRIL de 1999, que dispõe sobre a **educação ambiental** e institui a Política Nacional de Educação Ambiental:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.

Art. 3º Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo:

I - ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em

todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente;

II - às instituições educativas, promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem;

Art. 5º São objetivos fundamentais da educação ambiental:

I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;

II - a garantia de democratização das informações ambientais;

III - o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV - o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;

Considerando que no Fórum Mundial de Educação realizado em Dakar em 2000 um documento que ficou conhecido como Compromisso de Dakar considerou a educação para a Sustentabilidade Ambiental “um meio indispensável para participar nos sistemas sociais e econômicos do século XXI afetados pela globalização”.

A ampliação de uma Educação para a Sustentabilidade Ambiental é agora reforçada quando as Nações Unidas, por meio da resolução 57/254, declarou a década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável – 2005 a 2015.

Propomos

- Extensão do LIAU – Laboratório de Inteligência Urbano-Ambiental para as demais Escolas da Rede, tendo como Piloto a EMEF Judith e a assessoria e acompanhamento do Prof. Rualdo Menegat / Geociências / UFRGS.
- Formar “Com-Vidas” (Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida) nas Escolas que ainda não têm;
 - Apresentações Culturais com enfoque ambiental, acessível às Comunidades Escolares;
 - Oferecer Oficinas de Educação Ambiental para os Jovens nas Escolas, através de contratação de oficinairos do Coletivo Jovem do RS;
 - Promover Encontros Regionais de Com-Vidas em parceria com o Coletivo Jovem do RS;
 - Confecção de uma “Agenda de Compromissos Ambientais da RME”;
 - Promover junto às parcerias Curso de Educação Ambiental para Formação de Agentes Ambientais Jovens;
 - Uma publicação anual de experiências da Educação Ambiental;
 - Organizar um site de EA com experiências da rede, fotografando e filmando trabalhos e eventos das Escolas e comunidade do entorno;
 - Ampliar a revitalização dos pátios escolares, aumentando a participação da Comunidade Escolar nos Mutirões, trabalhando a ética e a estética nas relações estabelecidas nesses espaços de maneira a tornar esse cuidado uma prática cotidiana;
 - Manter os Encontros do Grupo de Formação Continuada em EA;
 - Manter e potencializar o Grupo de Gestão Ambiental Local/SMED;
 - Ratificar a importância do planejamento escolar desde a construção do prédio;
 - Que uma escola seja educativa mesmo sem alunos ou antes de recebê-los, na medida que seja construída com princípios da bioconstrução ou eco-arquitetura, porém que toda escola possua um sistema de captação de água da chuva (cisternas) e que seja utilizada nos jardins e nos banheiros (os alunos aprenderiam desde cedo esta técnica), este é um exemplo, vale o mesmo em relação a iluminação, fluxo de ar temperatura, etc. Que se possa pensar em escolas com outras formas, com salas em formatos diversos, que fujam ao padrão tradicional, quadro, classe, cadeira;

- Que o espaço em torno da escola seja tão importante quanto a sala de aula que as hortas se transformem em complexos de biodiversidade e tenham seu funcionamento determinado desde a construção da escola;
- Em relação ao manejo dos resíduos, que as escolas , todas desde a ed. Infantil até o médio tenha um prazo para reduzir drasticamente a sua produção, através da reciclagem do papel e da utilização de compostagem;
- O mais importante é que sejam revistos os tempos e os espaços de aprendizagem e que os temas tratados deixem de ser associados somente á práticas ambientais e comecem a ser vistos como questão de sobrevivência, ou o mundo vai estar acabando e nós vamos continuar discutindo sobre avaliação...;
- O Ideal é que não fosse necessário , mas enquanto tivermos este ensino cartesiano, quadrado, não temos alternativa, disciplinas de: produção e consumo, tratamento de resíduos, energias alternativas, alimentação natural, (vamos eliminar alguns conteúdos...)

Fonte: Arquivo da autor

Construindo a agenda 21 da E.A. de Porto Alegre

ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Proposições do Encontro de 09 de julho de 2002.

I - DIRETRIZES GERAIS

- A educação ambiental deve integrar as esferas do conhecimento dos programas de gestão ambiental, da informação e educação e da participação dos cidadãos.

II – MATERIAL DE APOIO DIDÁTICO PEDAGÓGICO

➤

III – INSERÇÃO NO PROJETO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

➤

IV – INSERÇÃO NOS PROGRAMAS DE GESTÃO AMBIENTAL DO MUNICÍPIO

➤

V – INSERÇÃO NA COMUNIDADE LOCAL

➤

VI – INSERÇÃO NA COMUNIDADE DE PRODUÇÃO DE SABERES

- Avaliar o programa ambiental dos candidatos a ocupar postos públicos nas eleições.
- Desenvolver parcerias para os projetos que envolvam a utilização das praças pela comunidade.
- Curso de jardinagem para os alunos em convênio com SMIC, SMAM e SMED.
- Integrar Secretarias para trocas efetivas.
- Projetos com organização institucional mais do que voluntarismo profissional.
- Articulação de projetos com o GTEA: formação, publicações e comunicação.
- Considerar os resultados das pesquisas sócio-antropológicas nos projetos.
- Envolver a comunidade no projeto como: caminhadas, palestras, conhecimento das necessidades prioritárias, etc.

- Planejar regionalmente os projetos: para formação, troca de experiências, comunicação.
- Discussão de problemas locais e globais.
- Considerar legislação ambiental.
- A Educação Ambiental deve ser desenvolvida segundo projeto integrado e não apenas atividades isoladas dentro de uma perspectiva de longo prazo.
- A Educação Ambiental deve ajudar a mudar o paradigma vigente.
- A Educação Ambiental deve estar inserida dentro de um plano político-pedagógico da escola.
- Uso de multimeios para a Educação Ambiental
- Buscar os meios de comunicação para promover a Educação Ambiental.
- Organizar fóruns para as comunidades.
- Estratégias de controle da população de animais de rua.
- Formação continuada dos atores que promovem a EA: professores, alunos, comunidade.
- Inserir o projeto político-pedagógico das escolas na rede de produção de saberes.

APÊNDICE E - CARTA COLETIVA DOS EDUCADORES AMBIENTAIS DE PORTO ALEGRE – CAMINHO DAS ÁGUAS

Seminário de Educação Ambiental – Caminho das Águas em Porto Alegre

De 13 a 17 de outubro de 2009

Local: Usina do Gasômetro

CARTA COLETIVA D@S EDUCADOR@S AMBIENTAIS DE PORTO ALEGRE*

Nós, educadores ambientais de Porto Alegre, reunidos no Seminário de Educação Ambiental da Rede Municipal de Ensino – Caminho das Águas em Porto Alegre apresentamos nossas considerações e proposições em relação às águas de nossa cidade.

Considerando:

Que a Declaração Universal dos Direitos da Água da ONU afirma: “A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão, é plenamente responsável aos olhos de todos.”

Que o Guaíba é o mais importante bem ambiental, histórico-cultural e paisagístico da cidade de Porto Alegre e de toda região metropolitana. Foi nas margens do Guaíba que se reuniram em torno de fogueiras, os ancestrais da terra sul-riograndense, de cuja língua herdou o nome desse corpo d’água. Com naturalidade, os índios conheciam os canais serpenteantes do delta, este caprichoso labirinto hidrográfico resultante do encontro das águas dos rios Jacuí, Caí, Sinos e Gravataí. Depois, mais ao sul, exploravam a água que se esparrama em um largo espelho

* Carta coletiva organizada a partir das discussões realizadas durante o Seminário de Educação Ambiental (2009)

povoado por peixes e crustáceos. As margens majestosamente recortadas por pontas e enseadas, eram habitadas por uma diversificada fauna de jacarés, capivaras, ratões-do-banhado, bugios-ruivos sempre envoltos por um céu movimentado pelo vôo de bandos de aves(...)⁷

O Guaíba foi o amálgama cultural que forjou a capital da Província e, depois, do estado do Rio Grande do Sul. Em suas amplas margens de água doce e seguras, floresceu uma cultura que abrigou todos os que para cá aportaram. A abundância de água para o abastecimento, para o descarte de dejetos, para o abrigo da flora e da fauna conferiu condições para dar suporte a um grande assentamento humano. O mesmo não ocorreria em um lugar com escassez de água, cuja prudência recomenda que os assentamentos não devam ser extensos, se não quiserem esgotar os poucos recursos naturais disponíveis (...)

A cidade pode assim prosperar, crescer, diversificar-se, porém o Guaíba passou a ser esquecido em sua totalidade. Foi fragmentado, retalhado pela especulação imobiliária, tornado apenas uma hidrovía, um canal, um manancial para o abastecimento de água. E, também, um imenso lugar para “esconder” grande quantidade de dejetos domésticos e industriais de uma metrópole. Porém, apenas uma rápida ilusão, pois em seguida foram descobertos os limites dos ecossistemas em dar suporte à voracidade das cidades(...)

A sobrevivência de 4,2 milhões de habitantes da megacidade de Novo Hamburgo-Gravataí-Porto Alegre depende, hoje, da qualidade das águas do Guaíba e seus afluentes. Porto Alegre, por exemplo, não tem outro manancial imediato para

⁷ Este parágrafo e seguintes, conforme Menegat, R., Carraro, C.C. *Pequeno manual para saber por que o Guaíba é um lago*. Ed. Armazém Digital, Porto Alegre, 2009.

captar água em quantidade suficiente para abastecer seus 1,4 milhões de moradores. O Guaíba é, assim, nosso mais importante bem ambiental e a vida de Porto Alegre depende totalmente dele (...)

Anualmente, a megacidade descarta um volume de esgotos domésticos equivalente a 79 vezes o volume do Guaíba (em torno de 1 km³). E, o volume do perigoso esgoto industrial é de 14 vezes. Ou seja, lançamos um volume equivalente a 93 vezes o volume do próprio lago. Além das águas, devemos recuperar também suas margens, sua paisagem, sua fauna, sua flora, seus rochedos, sua areia e sua argila. Isto é, o Guaíba precisa ser resgatado em toda sua integridade física – geológica, geomorfológica, hidrográfica, ecológica –, paisagística, e, ao mesmo tempo, cultural.

Por isso, cuidar do Guaíba é ir ao encontro de nossa história. É saber reconhecer os mecanismos ambientais e paisagísticos que moldaram nossa cultura. Além disso, é zelar pela saúde de todos os que aqui habitam, já que cada ser humano é composto de 70% de água. Pode-se dizer que cada um de nós porto-alegrenses é o Guaíba, pois bebemos e utilizamos diariamente sua água. Esse cuidado deve incluir a nossa cultura. (...)

Do ponto de vista ambiental, é muito diferente considerar o modelo de um rio – que enseja a idéia de que ‘tudo leva’ – ou de um lago – que tem a função de reservatório de água e materiais. O Guaíba como lago, acumulou em seu leito parte da história de sua contaminação. O problema é que essa “memória” guardada nas camadas de argila e areia do seu fundo pode voltar a contaminar a água, caso seja remexida. Como lago, ele não arrasta suas mansas margens, e isso enseja maior probabilidade de acumular os poluentes que nele são despejados. (...)

A contribuição da religiosidade de matriz africana se dá no âmbito de ser uma religião ambientalista e que tem na natureza a personificação de um panteão de divindades que são sagradas. Kosi ewe kosi orisá, ou seja, sem folha, sem natureza, não há orixá!

Propomos:

-O comprometimento e seriedade de todos gestores públicos, privados, entidades, Ongs e sociedade em geral com a circulação de informações e sensibilização para a preservação de nossos mananciais hídricos.

-Revisão urgente do plano diretor da cidade e legislação no que diz respeito à utilização de áreas no entorno do Lago, criação de leis de proteção ao Lago a partir de estudos do mesmo;

-A recuperação das áreas degradadas das margens dos Arroios.

-Proteção urgente das nascentes que compõe a Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba.

-Criação, proteção e manejo de corredores ecológicos na orla do Guaíba, ligando os morros de Porto Alegre garantindo a manutenção da biodiversidade e oportunizando espaços públicos de convívio e relações para com a paisagem natural da cidade;

-Atendimento ao povo Mbyá Guarani quanto a reivindicação da área do Morro São Pedro enquanto território de uso deste povo que a dez anos maneja uma área de pequena extensão para garantir o seu modo de vida tradicional, assegurando que área seja instituída enquanto Unidade de Conservação de uso sustentável, contemplando assim o artigo 200, que refere as formas de incentivar formas de valorização e proteção da cultura indígena, assegurando sua autonomia;

-Envolvimento da educação nas diversas ações de proteção aos mananciais hídricos, bem como o fortalecimento das políticas de educação ambiental na RME como: a Formação Continuada em EA, a implementação dos LIAUs (Laboratórios de Inteligência do Ambiente Urbano), a revitalização dos pátios escolares com base na Permacultura, promovendo soluções sustentáveis através da alfabetização ecológica.

-Sugerimos para a preservação do lago Guaíba usar a política de educação ambiental em parceria com os terreiros e outras comunidades que são servidas pela hidrografia local, não com distribuições de cartilhas que não são utilizadas, mas sim com parcerias que legitimem o lago Guaíba enquanto organismo vivo e dessa

vitalidade a responsabilidade com a multiplicação da própria vida com a sua preservação.

-Sugerimos o intercambio cultural de babalorixás e yalorixás dentro das escolas promovendo saberes culturais de ancestralidade e respeitabilidade com alunos de todas as crenças e etnias, desmistificando que as religiões de matrizes africanas sujam a cidade, pois babalorixá e yalorixá responsável fazem seus axés e oferendas sem agredir a natureza, pois deixa na mesma somente o que poderá ser renovável, como ervas alimentações, flores e recolhendo o que não se renova, tais como vidros, garrafas, sacolas plásticas.

-Sugerimos mutirões de limpeza no LAGO com setores da sociedade organizada em parceria com a prefeitura, com diálogo, transparência e transversalidade nas ações com as comunidades abrangidas pelo caminho das águas.

-Sugerimos que sejam criadas campanhas publicitárias que valorizem as nascentes de arroios, rios, lagos chamando a população para assumir o compromisso com a vida de nossas águas

-Sugerimos que as comunidades tradicionais tenham visibilidade do seu viver ancestral que considera a água uma divindade ancestral da natureza, reservando espaços dignos para higienização e cultos dessa natureza, que abranja pluriculturalmente a sociedade.

-Sugerimos que seja criado um herbário beira lago, com ervas medicinais que sirva para uso da população, promovendo saúde.

-Proteção incondicional da qualidade da água do Guaíba e seus afluentes, recuperando a ictiofauna e biota aquática, de sorte a garantir um abastecimento de água seguro para a população de Porto Alegre. - Paralisação das atividades de mineração das areias do leito do lago.

Fonte: Arquivo da autora.